



Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação?

Gianni Vattimo

Morte de Deus e fim da metafísica:
a luta contra os absolutos

Paul Valadier

A intransigência e os limites
do compromisso

Roberto Romano

Niilismo e mercadejo ético brasileiro

E mais:

>> Dossiê: Economia Gaúcha

>> Johan Konings:
A Palavra de Deus como
“acontecimento” e “encontro”

Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação?

O mais incômodo dos hóspedes não cessa de mover nosso chão e certezas. Quais são os valores e uma ética comum a todos os seres humanos? Que espaço sobra para a solidariedade numa sociedade marcada pelo relativismo? Enfim, mercadejo ético ou da emancipação e da salvação?

Essas são algumas das indagações que norteiam a revista a última edição de 2010 da revista **IHU On-Line**. Para debater o tema, convidamos diversos pesquisadores que examinam o fenômeno do niilismo e o relativismo de valores.

Para o filósofo **Clademir Araldi**, da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, o diagnóstico de Nietzsche sobre o fenômeno do niilismo continua atual e aponta a moral cristã como uma de suas origens. Radicalizar o niilismo é a única forma de superá-lo. Seus sintomas atingem inclusive a política, cujo projeto atual está esgotado.

O filósofo francês **Paul Valadier**, do Centre Sèvres, de Paris, analisa a intransigência e os limites do compromisso. Segundo ele, a fragilidade e a incapacidade de abertura ao Outro são sintomas da intransigência moral que grassa em nossos dias. O compromisso pode ser a sua contrapartida, mas sem compactuar com a injustiça ou a imoralidade, define.

O também filósofo **Roberto Romano**, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, observa uma corrosão “de alto a baixo” no caráter de indivíduos e grupos e supervalorização do mercado como traços peculiares do niilismo em terras brasileiras. Um verdadeiro “mercadejo ético”.

Gianni Vattimo, filósofo italiano, afirma que a pretensão metafísica de absolutos como verdade e razão deve ser deixada de lado, tendo o exercício da caridade como solo comum. Se Deus está morto e a metafísica perdeu sua efetividade, somos livres para praticarmos a caridade, frisa.

O professor da Universidade de Roma, **Paolo Flores D’Arcais**, também diretor da revista *Micromega*, vale-se da Navalha de Ockham para acentuar que Deus é uma hipótese desnecessária.

O filósofo **Luiz Filipe Pondé** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) fala sobre o “relativismo infiel” dos brasileiros, e que a estrutura social oligárquica fomenta a relativização das normas e, conseqüentemente, o clientelismo.

Um dossiê analisa os últimos 30 anos da economia gaúcha. Assim, entrevistamos os economistas da Fundação de Economia e Estatística (FEE), **Octavio Conceição** e **Raul Bastos**, a socióloga e consultora da Fundação Gaia, **Naia Oliveira**, e o economista e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), **Pedro Bandeira**.

Esta edição também debate a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, recentemente publicada por Bento XVI. **Johan Konings**, teólogo jesuíta e o teólogo uruguaio **Daniel Kerber**, que participaram como assessores do evento, comentam a publicação.

Uma entrevista com a filósofa **Ana Luísa Janeira**, da Universidade de Lisboa, analisando o binômio Utopia e heterotopia: o projeto jesuítico nas missões, e o artigo do jornalista **Augusto de Sá Oliveira** sobre o “redescobrimto” do Brasil pela França, completam esta edição.

A versão eletrônica da revista **IHU On-Line** estará disponível, em Pdf, Html e ‘versão para folhear’, nesta página, a partir das 17h desta segunda-feira.

A versão impressa circulará no câmpus da Unisinos, nesta terça-feira, a partir das 8h.

A todas e a todos uma ótima leitura com os melhores votos de Boas Festas de Fim de Ano!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.

UNISINOS



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA



Ministério da Cultura

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Gianni Vattimo: Morte de Deus e fim da metafísica: a luta contra os absolutos

PÁGINA 08 | Clademir Araldi: O niilismo como doença da vontade humana

PÁGINA 13 | Roberto Romano: Niilismo e mercadejo ético brasileiro

PÁGINA 17 | Paul Valadier: A intransigência e os limites do compromisso

PÁGINA 21 | Paolo Flores D'Arcais: Deus, uma hipótese desnecessária

PÁGINA 24 | Luiz Filipe Pondé: Niilismo: desespero e superação

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 27 | Daniel Kerber: “Muitas vezes confundimos a semente do evangelho com o vaso que carrega a planta”

PÁGINA 31 | Johan Konings: A Palavra de Deus como “acontecimento” e “encontro”

» Entrevista da Semana

PÁGINA 36 | Ana Luísa Janeira: Utopia e heterotopia: o projeto jesuítico nas missões

» Dossiê Economia Gaúcha

PÁGINA 39 | Octávio Conceição: Transformações econômicas no Rio Grande do Sul

PÁGINA 41 | Pedro Bandeira : Rio Grande do Sul: um momento de indagações a respeito das perspectivas

PÁGINA 44 | Naia Oliveira: Dilemas ambientais e econômicos no Rio Grande do Sul

PÁGINA 46 | Raul Luís Assumpção Bastos: Mercado de trabalho gaúcho retoma crescimento após duas décadas

» Coluna do Cepos

PÁGINA 48 | Augusto de Sá Oliveira: A França “redescobriu” o Brasil?

» Destaques On-Line

PÁGINA 50 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 54 | Denise Zaffari



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Morte de Deus e fim da metafísica: a luta contra os absolutos

Pretensão metafísica de absolutos como verdade e razão deve ser deixada de lado, tendo o exercício da caridade como solo comum, aponta Gianni Vattimo. Se Deus está morto e a metafísica perdeu sua efetividade, somos livres para praticarmos a caridade

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“O relativismo é somente uma outra face do fim da metafísica. Não existe mais um valor supremo em relação ao qual mensurar todos os outros valores. Nietzsche escreve que agora que Deus é morto e queremos que vivam muitos dos relativismos não significa ausência de valores, mas fim da pretensão do valor absoluto”, constata o filósofo italiano Gianni Vattimo, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Em seu ponto de vista, o pluralismo de valores e o próprio relativismo não representam um mal em si mesmos. “A violência só se desencadeia quando um dos tantos valores pretende ser o único e valer para todos”, como é o caso da política externa dos Estados Unidos, que se acredita um país representante dos “verdadeiros valores da humanidade”. Vattimo destaca as potencialidades da era de incertezas que vivemos. Para ele, “o niilismo é a via da emancipação e da salvação: somente reduzindo progressivamente as pretensões absolutas, os valores e também as evidências materiais, podemos realizar uma humanidade mais autêntica e assim menos fanática, mais amigável”. E provoca: “o verdadeiro pecado original do qual ainda somos vítimas é a pretensão metafísica de ter razão”. Lutar contra os absolutos deve ser a base de entendimento com a alteridade. “Isso significa que o que devemos ter em comum é o exercício da caridade”. Para o filósofo, a “luta contra os absolutos pode ser a base sobre a qual nos entendemos com os outros”.

Criador da filosofia do “pensamento fraco”, Vattimo escreveu inúmeras obras, das quais destacamos *Acreditar em acreditar* (Lisboa: Relógio D’Água, 1998); *Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso* (São Paulo: Record, 2004) e *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996). Vattimo também é deputado no Parlamento Europeu. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como podemos compreender a “morte de Deus” e o niilismo e relativismo que vêm em seu corolário, em contraposição à crescente procura pela transcendência e pelo sagrado na pós-modernidade?

Gianni Vattimo - A nova sensibilidade pelo transcendente, a necessidade difusa de um retorno à religião me parecem ser motivadas pela gravidade das questões éticas ante as quais se encontra hoje a humanidade: exaustão dos recursos do planeta, manipulação genética, exploração e desfrute capitalista intensificado também por causa da globalização, políticas de “segurança” contra o assim dito “terrorismo” e a revolta dos povos pobres. Um conjunto de problemas que fazem pensar na frase de Heidegger: “agora só um

Deus nos pode salvar”. De outra parte, também em filosofia caíram todos os sistemas que acreditavam ter demonstrado que Deus não existe: o pensamento pós-moderno e precisamente a “morte de Deus” de que falava Nietzsche, e que era a morte da metafísica racionalista, reabriram a possibilidade de uma visão religiosa do mundo. Só que, se Deus é de novo possível para a pós-modernidade, pensar encontrá-lo nas formas da religião tradicional é um equívoco; aquele Deus (dos filósofos, como diz Pascal¹; da estrutura necessária do mundo, etc.) não é mais

¹ Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

crível. Por isso, poderemos dizer que “somente um Deus pós-metafísico” pode salvar-nos...

IHU On-Line - De que maneira essa constatação de deicídio sedimenta a dissolução dos valores e o relativismo ético que vivenciamos?

Gianni Vattimo - O relativismo é somente uma outra face do fim da metafísica. Não existe mais um valor supremo em relação ao qual mensurar todos os outros valores. Nietzsche escreve que agora que Deus é morto e queremos que vivam muitos dos relativismos não significa ausência de valores, mas fim da pretensão do valor absoluto. O fim da metafísica é paralelo, ou idêntico, com o fim do imperialismo. Há quem pretenda uma autoridade abso-

luta que reivindica possuir o valor supremo: os nazistas diziam que “Deus é conosco”. E hoje uma superpotência, os Estados Unidos da América, crê representar os verdadeiros valores da humanidade, o império do bem contra o “mal”... Em si, o pluralismo dos valores, o relativismo, não é um mal. A violência só se desencadeia quando um dos tantos valores pretende ser o único e valer para todos. O cristianismo coloca primeiro a caridade, até mesmo antes da verdade. Ou melhor, há verdade vivida somente lá onde há caridade, aceitação do outro e, portanto, também relativismo.

IHU On-Line - Em que sentido o advento da morte de Deus repercute na fragmentarização e debilitamento do sujeito pós-moderno?

Gianni Vattimo - O sujeito pós-moderno está debilitado porque não pode mais apoiar-se num valor absoluto. Mas, aqui, debilidade significa redução da violência e das pretensões de valor definitivo. Também a psicanálise deixou claro que a autoconsciência cartesiana - penso, portanto sou - não é tão absolutamente segura: há o inconsciente que a condiciona e que jamais se deixa iluminar completamente... O sujeito debilitado é somente aquele mais tolerante, aberto aos outros, já que espontaneamente (será culpa do pecado original?) o sujeito tende a ser violento, pelo que a debilidade e a abertura requerem um notável esforço: só é possível debilitar-se com um ato de vontade, e não simplesmente “deixando-se ir”.

IHU On-Line - Atualmente, desmente-se o mundo metafísico sem nem mesmo se crer no mundo físico. O que resta após esse niilismo radical?

Gianni Vattimo - Não é necessário confundir o niilismo com uma tese metafísica. Não dizemos que não existe o mundo, nem o mundo metafísico, nem o mundo físico. Dizemos - pelo menos o “pensamento fraco” que eu professo, corrigindo Nietzsche com Heidegger - que o niilismo é a via da emancipação e da salvação: somente reduzindo progressivamente as pretensões absolutas, os valores e também as evidências materiais, podemos realizar uma hu-

“Se Deus é de novo possível para a pós-modernidade, pensar encontrá-lo nas formas da religião tradicional é um equívoco”

manidade mais autêntica e assim menos fanática, mais amigável. E depois não é tão irracional pensar - como haviam pensado grandes filósofos como Hegel² - que o mundo e o homem tenham um destino de uma sempre mais pura espiritualidade: menos resistência do mundo natural (ciência e técnica o plasmam e modificam), menos resistências no campo das normas e das leis (valem aquelas que livremente estabelecemos).

IHU On-Line - Que possibilidades positivas se descortinam a partir de tal configuração fragmentária do mundo?

Gianni Vattimo - As implicações positivas deste niilismo resultam já das respostas dadas até agora: pode-se resumir tudo dizendo que se Deus está morto, se não se pode crer no absoluto da metafísica, estamos finalmente livres de praticar a caridade. A violência na história nasce sempre de uma absolutização: de si mesmo no caso mais elementar, mas também da própria “verdade” nos casos mais complexos: faço violência porque con-

² Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

sidero ter para tal o “direito”, porque tenho “razão”, porque, em tantos casos, quero impedir o outro de difundir o erro, a sua verdade... Ou até mesmo porque quero salvá-lo: o mote *compelle intrare* [obriga-o a entrar] (subentende-se “na Igreja”) é de Santo Agostinho³: por exemplo, debes obrigar os “selvagens” da floresta amazônica a tornarem-se cristãos, “para seu bem”. Em suma, o verdadeiro pecado original do qual ainda somos vítimas é a pretensão metafísica de ter razão.

IHU On-Line - Em que medida o conceito nietzschiano de “platonismo para o povo” tem alguma atualidade crítica no que diz respeito ao cristianismo?

Gianni Vattimo - Platonismo para o povo quer dizer convicção metafísica de estar na verdade. O cristianismo, enquanto tem sido uma força histórica que acompanhou o desenvolvimento do Ocidente, quis ser isto: a história da Igreja é plena de exemplos de violência exercida por amor à fé, à “verdade”. Mas, ao invés, era somente pretensão violenta de poder.

IHU On-Line - Qual seria o solo comum para o entendimento dos seres humanos numa sociedade com essas características niilistas?

Gianni Vattimo - A luta contra os absolutos pode ser a base sobre a qual nos entendemos com os outros. Isso significa que o que devemos ter em comum é o exercício da caridade. Também em política um programa democrático não é, então, outra coisa senão isto: remover todos os obstáculos que se opõem à compreensão entre as pessoas: por exemplo, remover as desigualdades econômicas que nos dividem, afastar a doença e a fome, criticar e desmentir as ideologias que nascem de interesses privados por trás do “professar teorias”.

IHU On-Line - Como podemos falar e fazer solidariedade e ética no con-

³ Aurélio Agostinho (354-430): conhecido também como Santo Agostinho, nasceu em Tagaste. Bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. (Nota da IHU On-Line)

“Se Deus está morto, se não se pode crer no absoluto da metafísica, estamos finalmente livres de praticar a caridade”

texto do niilismo e do relativismo de valores?

Gianni Vattimo - A tolerância não significa deixar que os outros se percam. Significa, ao invés, ajuda para cada um realizar os próprios ideais de vida. O “último” Foucault⁴ falou com

4 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições a *IHU On-Line* dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS> e a edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à *IHU On-Line* 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/Jyah>. Confira a edição 343 da *IHU On-Line*, intitulada *O (des)governo biopolítico da vida humana*, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/9SQcgl>. (Nota da *IHU On-Line*)

frequência de estilos de vida: basta que um estilo de vida não impeça os outros de realizarem o próprio. Pode-se observar que isto é uma espécie de minimalismo ético liberal... Mas, para realizar uma sociedade tolerante e caritativa, se requer uma verdadeira revolução...

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto que não foi perguntado?

Gianni Vattimo - Não aceitar como normal e justo aquilo que acontece habitualmente era um refrão de Bertold Brecht⁵.

LEIA MAIS...

>> Gianni Vattimo já concedeu outras entrevistas à *IHU On-Line*. Confira.

* *O Cristianismo é a religião do pós-moderno*. Publicada na edição 88 da *Revista IHU On-Line*, de 15-12-2003, disponível em <http://migre.me/2VQN3>;

* *“Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar”*. Publicada na edição 128 da *Revista IHU On-Line*, de 20-12-2004, disponível em <http://migre.me/2VQR9>;

* *“O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo”*. Publicada na edição 161 da *Revista IHU On-Line*, de 24-10-2005, disponível em <http://migre.me/2VQW9>;

* *O nazismo e o “erro” filosófico de Heidegger*. Publicada na edição 187 da *Revista IHU On-Line*, de 03-07-2006, disponível em <http://migre.me/2VR0h>;

* *Vattimo e Rorty, filósofos do pensamento “fraco”*. Publicada na edição 225 da *Revista IHU On-Line*, de 25-06-2007, disponível em <http://migre.me/2VR41>.

5 Bertold Brecht (1898-1956): autor que escreveu poesia, teatro, ensaios e roteiros de cinema, lutando durante toda a sua vida pelos oprimidos. Claramente assumiu posições de esquerda e procurou colocar a luta de classes no palco, buscando a dúvida dialética. (Nota da *IHU On-Line*)

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

O niilismo como doença da vontade humana

Diagnóstico de Nietzsche sobre o fenômeno do niilismo continua atual e aponta a moral cristã como uma de suas origens. Radicalizar o niilismo é a única forma de superá-lo, pondera Clademir Araldi. Seus sintomas atingem inclusive a política, cujo projeto atual está esgotado

POR MÁRCIA JUNGES

“Mais do que um fenômeno histórico, o niilismo é a doença da vontade humana. Essa doença da vontade teria origens em certas morais da tradição, principalmente a moral cristã”, afirma o filósofo Clademir Araldi em entrevista por e-mail à IHU On-Line. De acordo com ele, na condição de “doença da vontade, o niilismo se alastra em todos os âmbitos da existência humana”. O diagnóstico do niilismo é feito de forma contundente pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que enfatizou que a crise de valores niilista atingiu não apenas os ateus, mas alcançou uma escala planetária. O homem hipermoderno substitui a autoridade divina pela História, pela tecnociência, a razão e o progresso. Iludido de que é livre em função das possibilidades que a sociedade de consumo oferece, esse homem tem no individualismo o cerne de suas relações sociais, “apesar de um discurso vago e propagado de solidariedade, numa era de democracia digital”. Sobre os sintomas do niilismo em nossa sociedade, Araldi acentua: “A pouca confiança das pessoas nas instituições sociais, a restrição sempre maior dos espaços de práticas sociais solidárias, vinculativas e a preocupação egoísta estreita com os simulacros de si mesmo expressam o vazio niilista de nossa sociedade”. A tarefa de Nietzsche é a construção “de uma nova nobreza no auge da modernidade, dominada pelos valores niilistas”, mas ele é muito mais coerente no diagnóstico desse vazio existencial do que na proposição de soluções afirmativas, pontua Araldi. Analisando a política atual sob a ótica do diagnóstico nietzschiano, o pesquisador frisa que o projeto político da modernidade está, sim, esgotado, uma vez que se apoia “em valores de uma moral que perdeu seu sentido”. Contudo, radicalizar o niilismo é a única forma de superá-lo. “A dificuldade está em apreender o espírito de aniquilamento”.

Clademir Araldi é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, com aperfeiçoamento em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim, Alemanha. cursou mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a tese *O niilismo na moral. Investigação sobre a crítica da moral em Nietzsche*, e doutorado na Universidade de São Paulo (USP) com a tese *A radicalização do niilismo na obra de Nietzsche: acerca da posição de um novo sentido de criação e de aniquilamento*. É pós-doutor pela Universidade Técnica de Berlim e autor de *Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos* (São Paulo: Discurso Editorial, 2004). Atualmente, leciona na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Poderia traçar um breve panorama sobre o fenômeno do niilismo analisado por Nietzsche?!

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Es-

creveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em [\[migre.me/s7BH\]\(http://migre.me/s7BH\). A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI](http://</p></div><div data-bbox=)

Clademir Araldi - Nietzsche interpreta toda a história da civilização ocidental como o advento, o desenvolvimento e a consumação do niilismo. Mais do que um fenômeno histórico, o niilismo é a **doença** da vontade humana. Essa doença da vontade teria origens em certas morais da tradição, principalmente a moral cristã. Mas poderíamos objetar que já na Antiguidade o niilismo se manifesta por um viés epistemológico, no ceticismo antigo, p. ex. Nietzsche entende que a própria experiência da verdade é um problema moral. Nesse sentido, a crença ou a descrença no valor da verdade e do conhecimento são questões morais. Em Platão², a verdade assumiria o estatuto de valor moral superior, numa nítida desvalorização do mundo natural. A partir daí, Nietzsche interpreta toda a história do niilismo ocidental como o desdobramento do ideal platônico da verdade na moral cristã. É a célebre afirmação que “o cristianismo é platonismo para o povo”. Enquanto doença da vontade, o niilismo se alastra em todos os âmbitos da existência humana. Com o predomínio das virtudes e dos valores morais cristãos (como a compaixão, a veracidade, o amor ao próximo e a humildade), o fenômeno do niilismo chegaria na época moderna transmutado em consciência científica. A busca da verdade engendrada pelo platonismo e cristianismo é radicalizada pela ciência moderna. O próprio Nietzsche seria herdeiro dessa vontade incondicional de conhecimento sobre o mundo e sobre a existência humana. O método genealógico, que Nietzsche aplica principalmente à mo-

Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://migre.me/Jzvg>. (Nota da IHU On-Line)

2 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista “*As implicações éticas da cosmologia de Platão*”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

“Nietzsche é muito mais coerente em diagnosticar o vazio da existência dos inquietos seres de nosso tempo do que em propor soluções afirmativas para ela”

ral, visa mostrar as raízes niilistas, ou seja, negadoras da vida, em nossas experiências valorativas.

O niilismo ocidental nasceu e se desenvolveu com o homem moral. E Nietzsche, herdeiro dessa longa experiência valorativa, quer tornar manifestas as contradições dos valores morais da tradição. A moral cristã, foco principal de seus ataques, repousaria em bases imorais. Ela predomina historicamente através da vontade mascarada de poder do sacerdote ascético, do desejo de dominar os fracos e sofredores. O niilismo, nessa ótica, só pode ser superado a partir da radicalização da moral ascética na modernidade. Antes que a moral cristã tivesse triunfado sobre os valores nobres, havia morais que afirmavam a vida em sua dimensão instintiva e natural. Nos gregos e romanos antigos teríamos a encarnação dos valores aristocráticos, da moral nobre. A tarefa paradoxal de Nietzsche é a de construir uma nova nobreza no auge da modernidade, dominada pelos valores niilistas.

IHU On-Line - Qual é a atualidade do diagnóstico nietzschiano sobre o niilismo? Como o seu “pensamento dos extremos” nos ajuda a compreender o relativismo de valores que vivenciamos?

Clademir Araldi - Sem dúvida, o diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo é atual, pois vivemos numa crise de valores, quer ela seja admitida ou não. Heidegger³ nos mostrou muito bem,

3 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line

em seus escritos posteriores à Segunda Guerra Mundial, que o niilismo assume uma escala planetária, não se restringindo apenas ao mundo ocidental, com o desenvolvimento da técnica no século XX. E isso Nietzsche enfatizou bem: a crise de valores niilista não atinge somente os ateus, que se desgarraram da crença num Deus garantidor da verdade e do sentido da vida. O niilismo é um fenômeno planetário (hoje diríamos, global), pois tem a ver com uma questão que diz respeito a todos: como dar sentido à existência singular depois que ficou evidenciado o vazio da interpretação moral cristã? Deparamo-nos aqui com a controvertida afirmação de Nietzsche, de que “Deus morreu”. A “morte de Deus” não é uma invenção de Nietzsche. Mas é a constatação de que o homem moderno (e contemporâneo) já há muito não pauta suas ações pelos valores genuinamente cristãos. Ou seja, Deus não possuiria mais poder sobre as ações e desejos do homem, em sua destinação terrena.

Forma doentia de egoísmo

No fundo, a práxis de vida de Jesus (que Nietzsche não desvaloriza em absoluto) não seria mais possível num mundo dominado pela busca de bem-estar e de posses materiais. Nós ainda estaríamos muito distantes de compreender todas as consequências da morte de Deus, porque substituímos a autoridade de Deus, pela autoridade da His-

publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche* e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

tória, da tecnociência, da razão e do progresso.

Mas poderíamos contestar esse diagnóstico, ao apontarmos para o crescente número de crentes no início do século XXI. De modo que, mesmo na recente campanha presidencial brasileira, os principais candidatos declararam abertamente seu “cristianismo”, ou foram “forçados” a admitir que tiveram uma formação cristã... Em nossa “individualizada sociedade de consumidores”, para usar uma expressão de Zygmunt Bauman⁴, é muito penoso assumir radicalmente a responsabilidade pelos próprios valores e modos de existência.

A crença em um Deus (seja ele cristão ou não) ou o cultivo de alguma forma de espiritualidade expressam a necessidade de ter um apoio firme, uma fé incontestável em algo absoluto, em meio à relatividade dos valores que nos cercam. O mundo moderno é dominado pela circulação incessante de mercadorias, de valores, de desejos e de necessidades. Com a experiência hipermoderna da aceleração dos acontecimentos, parece que o indivíduo não tem mais condições de assumir, com seu potencial crítico e criativo, as rédeas de seu próprio destino. Mas ele pode canalizar suas energias na busca de uma felicidade que pode ser alcançada através do trabalho, no consumo frenético de bens e mercadorias. E esse indivíduo hipermoderno pode ainda se iludir continuamente de que é original e livre, à medida que configura a *seu* bel prazer *seu* mundo descartável de vivências e desejos. Nietzsche diria que isso é uma forma doentia de egoísmo, uma luta incansável para dar uma breve duração a certos fantasmas de nossa imaginação, sem que pensemos profundamente na construção de nossa subjetividade (de nosso mundo interior de paixões, sentimentos e pensamentos).

Pensamento dos extremos

⁴ Zygmunt Bauman: sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do IHU On-Line, de 30-08-2004. Publicamos um entrevista exclusiva com Bauman na revista IHU On-Line edição 181 de 22-05-2006, disponível para download em <http://bit.ly/ag-Tfsn>. (Nota da IHU On-Line)

“Partindo de Nietzsche, podemos afirmar que existe, sim, uma exacerbação do niilismo na política atual”

O pensamento dos extremos de Nietzsche pode contribuir para os seres humanos do século XXI a repensarem os valores pelos quais pautam sua existência. É preciso radicalizar experimentalmente a consequência do cultivo dos principais valores de nosso tempo (bem-estar, individualismo consumista), a saber, o vazio de sentido que mais cedo ou mais tarde se impõe para quem segue irrefletidamente nessa senda. Assim, seria possível reverter os resultados niilistas de certas práticas contemporâneas no extremo oposto de uma existência decidida para construir sua própria individualidade, a partir da base instintiva da natureza. Mas isso não é nada simples. Nietzsche é muito mais coerente em diagnosticar o vazio da existência dos inquietos seres de nosso tempo do que em propor soluções afirmativas para ela.

IHU On-Line - Atualmente, quais são os principais sintomas do niilismo em nossa sociedade?

Clademir Araldi - Penso que podemos diagnosticar sintomas de uma crise niilista tanto no plano coletivo quanto no plano individual. Parece que os homens há muito deixaram de ser sujeitos autônomos dos processos, valores e leis que regem nossa sociedade contemporânea. Apesar de passar por crises, as democracias liberais oferecem várias opções aos indivíduos nela jogados, mas sempre dentro de uma lógica de produção, circulação e consumo. O mercado, assim, parece encantar de novo o mundo com seus valores e leis invisíveis, com promessas de felicidades imensas para indivíduos empreendedores. O individualismo está no cerne de nossas relações sociais, apesar de um discurso vago e propagado de solidariedade, numa era de democracia digital. Mas é quase sempre o temor de ferir o espaço

de jogo individual que move os atores a preocupar-se um pouco com os outros no palco contemporâneo de luta por destaque.

O niilismo se insinua através desse individualismo associal. Por mais que o indivíduo se esforce sem refletir sobre o sentido de seus empreendimentos e investimentos pulsionais, o vazio desses valores incomoda muito. Isso porque os bens de consumo são muito fugazes. A satisfação que eles trazem é tão breve que a compulsão por novos produtos e realizações não consegue preencher a necessidade humana por um sentido firme, por afetos que não sejam tão diluíveis nas aparências enganadoras do consumismo. A depressão é um sintoma bem nítido dessa doença em nossos tempos. E principalmente a luta para evitar o desespero latente em não ter nada que fazer para preencher o vazio de uma vida que se consome na superficialidade das relações. A pouca confiança das pessoas nas instituições sociais, a restrição sempre maior dos espaços de práticas sociais solidárias, vinculativas e a preocupação egoísta estreita com os simulacros de si mesmo expressam o vazio niilista de nossa sociedade.

IHU On-Line - Com base nesse autor, acredita que o projeto político da modernidade está esgotado? Por quê?

Clademir Araldi - Nietzsche afirmou que o projeto político da modernidade está esgotado, porque ele estava ancorado em valores de uma moral que perdeu seu sentido. Tanto o socialismo quanto o liberalismo acreditam num melhoramento “moral” dos seres humanos. As consequências dos projetos políticos da modernidade seriam niilistas, pois não fornecem uma saída para a crise de valores e sentido que atravessa nossa história ocidental. No fundo, Nietzsche subsume os movimentos políticos modernos ao processo de dissolução dos valores morais. E o filósofo solitário, que se reconhecia como apátrida na inquieta Europa do século XIX, dedicou-se incansavelmente nos últimos anos de sua produção filosófica a criticar os interesses mesquinhos da “pequena política moderna”. Os valores da moral de rebanho é que predominariam nos diversos modelos políti-

cos da Europa oitocentista. Não é tão simples assim sustentar o esgotamento desse projeto político moderno. Até porque essa “pequena política” pode ter uma vida ainda muito longa, rejuvenescendo-se com as novas conquistas econômicas e sociais nas democracias liberais. Não só nos países ricos, mas também nos emergentes. Quem poderia afirmar que o ideário político moderno está esgotado no Brasil, onde vivemos uma euforia de crescimento (econômico, pelo menos)?

A “grande política” que Nietzsche propunha é demasiado vaga. A menção aos filósofos legisladores, aos novos valores da aristocracia do futuro é utópica demais para os homens de nosso tempo, que têm à mão um projeto político mais eficaz para suas necessidades mais imediatas.

IHU On-Line - Que tipo de política se delineia para o futuro tomando em consideração o cenário atual de relativismo de valores? Podemos dizer que hoje há uma exacerbação niilista na política e na ética? Por quê?

Clademir Araldi - É muito difícil fazer uma previsão sobre o futuro da política, na era da globalização. Experimentamos a morte das utopias (socialistas e capitalistas). Por um lado, cresce sempre mais a necessidade de estabelecer organizações globais (como a ONU, o FMI, a Conferência das Partes (COP16), o G20⁵) para discutir os principais problemas econômicos, sociais e ecológicos que afetam a todos os países. Mas, por outro lado, ficamos sempre frustrados com os resultados insignificantes dessas organizações. A busca por resultados econômicos a curto tempo impede que se discutam as questões mais urgentes num cenário voltado para um futuro sustentável. Isso porque os valores que

⁵ G20: Grupo dos 20, formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia. Foi criado em 1999, após as sucessivas crises financeiras da década de 1990. Visa favorecer a negociação internacional, integrando o princípio de um diálogo ampliado, levando em conta o peso econômico crescente de alguns países, que, juntos, representam 90% do PIB mundial, 80% do comércio mundial (incluindo o comércio intra-UE) e dois terços da população mundial. O peso econômico e a representatividade do G-20 conferem-lhe significativa influência sobre a gestão do sistema financeiro e da economia global. (Nota da IHU On-Line)

“O niilismo, em sentido estrito, não é a causa da doença do homem moderno, mas é a consequência dos valores milenares da moral cristã”

norteiam nossa sociedade são imediatistas, como disse. Se o mais importante é manter o padrão de consumo e as condições de satisfação dos interesses dos indivíduos de nossa sociedade, parece-me que não há nenhum cenário promissor para superar através da política o relativismo desses valores.

Partindo de Nietzsche, podemos afirmar que existe, sim, uma exacerbação do niilismo na política atual. Não que haja uma separação total entre ética e política. Mas são os valores morais decadentes, que regem a política contemporânea, os responsáveis pela radicalização do niilismo.

Enquanto houver um crescimento econômico sustentável, os atores contemporâneos poderão espantar o fantasma do niilismo para alguns recantos de sua existência. Mas basta uma ameaça de crise econômica ou ecológica global, que soam alarmes apocalípticos de um ataque niilista ao nosso exaurido planeta Terra. Mas não há soluções concretas e imediatas para o niilismo político contemporâneo, porque não há o desejo por um modo de vida e por valores novos, forte o bastante para superar esse hóspede inquietante de nossa ambiência global.

IHU On-Line - Em que aspectos a radicalização do niilismo é importante e inclusive desejável?

Clademir Araldi - Segundo o pensamento nietzschiano dos extremos, radicalizar o niilismo é a única possibilidade para superá-lo. A dificuldade está em apreender o espírito de aniquilamento. Como nos mostrou enfaticamente Ernst Jünger, o niilismo impera numa esfera em que desaparecem as imagens e

conceitos, com as quais nos movemos no mundo e damos sentido às coisas e à nossa existência. Por isso, Nietzsche tenta encurralar o fenômeno do niilismo na experiência moral dos valores. É terrível viver numa época sem valores, sentimentos e sentidos fixados num solo firme. Sentimo-nos inquietos e perturbados com a fugacidade e transitoriedade de nossa existência. Apesar de todos os esforços, parece que essa “doença mortal” está sempre a corroer os valores e os sentidos aos quais nos agarramos. E aqui se mostra a maestria do pensador Nietzsche. O niilismo, em sentido estrito, não é a causa da doença do homem moderno, mas é a consequência dos valores milenares da moral cristã. Se a moral cristã pretendia ser a única interpretação válida para a existência, o asceta solitário dos altos montes suíços nos dá uma receita bem amarga: essa interpretação já não tem mais efeito sobre a vida humana, cabe agora propor novos valores, sem a pretensão de que eles sejam eternos, verdadeiros e transcendentais. Assim, radicalizar o niilismo é entrar nos indesejáveis desertos esvaziados de sentido, com o desejo de encontrar algum oásis, através da vontade criadora do ser humano. De um novo homem, que iria além de seu mundo esgotado de valores e agora quer criar novos valores, virtudes, traços de caráter, mesmo que sejam finitos e transitórios. O grande problema (e talvez Nietzsche tenha calado sobre isso) é que isso não nos garante que o niilismo esteja superado definitivamente... Num sentido mais amplo, niilismo é o *horror vacui*, está alojado na natureza mais íntima da vontade humana. “O ser humano prefere querer o nada a não querer”, nos diz Nietzsche. Os efeitos do niilismo são indesejáveis, mas o nada que impera, no fundo e nos limites da existência humana, talvez seja ainda mais indesejável...

IHU On-Line - Qual seria o solo comum para o entendimento dos seres humanos numa sociedade com essas características niilistas?

Clademir Araldi - O fenômeno do niilismo tem a grave consequência de nos retirar o solo comum, sobre o qual até um certo momento nos sentíamos bem

e confortados. Ou seja, o solo firme da comunidade, da tradição, da religião, da cultura, com seus valores válidos e firmes. Não há como negar que isso deu sentido e felicidade para a vida humana. A perda desses referenciais gera um “desespero silencioso”, que se agrava e pode se expressar com violência. Basta ver o que Nietzsche diz de sua experiência de *Freigeist* (espírito livre), de sua andança pelos mundos estranhos e calados da solidão. Sem o solo firme dos espíritos vinculados à comunidade, o filósofo solitário se sentiu muito isolado e viveu a experiência terrível do esvaziamento niilista da vida. Mas nasceu o desejo por novos vínculos, por uma comunidade de espíritos livres, por discípulos e amigos, que pudessem apreciar as criações do solitário. O problema está em criar um novo solo comum, que seja o ponto de partida para o entendimento recíproco entre as pessoas.

Enquanto reinar o individualismo e o egocentrismo niilista em nossa sociedade, mais forte será a experiência da fragmentação e do relativismo dos valores. O que permite termos esperança de superar essas tendências niilistas é o desejo presente em quase todos os seres humanos de construir relações (amizades, amores, companheirismos) duradouras. Se percebemos ainda que esse mundo hipermoderno de competitivas e desumanas relações comerciais não nos traz realização e satisfação, então podemos esperar um futuro melhor para nossas vidas. E o mais importante, com essa percepção, é mobilizar nossas energias de vontade para a construção de novos valores, que não sejam apenas válidos para cada um. Mas é muito difícil pensar num solo comum para toda a sociedade, pois os indivíduos parecem ter desejos e interesses tão conflitantes. E se as próximas gerações

“Radicalizar o niilismo é entrar nos indesejáveis desertos esvaziados de sentido, com o desejo de encontrar algum oásis, através da vontade criadora do ser humano”

não tiverem essa percepção, ou seja, se não tiverem consciência ou sentimento desses valores morais, antigos ou novos? Poderia o ser humano bastar-se, aquém da ética, com seu mundo individualizado de prazeres, desejos e bens de consumo? Seria precipitado oferecer respostas imediatas à altura desses questionamentos.

IHU On-Line - Que espaço tem a solidariedade e a ética no contexto do niilismo?

Clademir Araldi - Fala-se muito hoje em “fim da solidariedade”. Nesse mundo virtual da cibercultura, tudo parece se dissolver num jogo interminável de conexões e desconexões. O terrível é que não são relações *de fato* (como compreendíamos ser a realidade *de fato*) entre pessoas, com uma identidade definida, com sua singularidade no desejar, no ser e no agir. São conexões e desconexões entre simulacros, imagens fragmentadas e fantasias que os humanos constroem de si mesmos, numa rede difusa, sem história e sem profundidade. Não faltam até mesmo ensaios de compreender a relação dinâmica das vontades de poder de Nietzsche num único ambiente de imanência

que seria a cibercultura. Mas isso seria perder o principal da filosofia de Nietzsche: seu esforço ético de propiciar novas formas de existência, a partir do cultivo do espírito e de novas virtudes. E é justamente esse o problema de nosso tempo, da era da revolução digital em que apenas mergulhamos: é um mundo sem espírito, sem força interior própria. Nessa inflação de informações, nessa troca incessante de imagens e na proliferação de necessidades e satisfações fúteis o que vinga mesmo são formas de narcisismo e de exibicionismo de pouco ou nenhum valor.

Esse é um grande desafio para a ética nas próximas décadas. Até que ponto as próximas gerações estarão afetadas por esse individualismo? Elas terão vontade para construir relações solidárias, terão preocupação e responsabilidade com o outro, na singularidade de sua existência? Se a solidariedade desaparecer, o outro também sumirá, e restará apenas um agregado de indivíduos (que ainda chamamos de sociedade) com suas preocupações narcisistas, com responsabilidade apenas por si mesmos. O problema é que ele já não terá uma identidade determinada, mas lidará apenas com fragmentos do que se chamava de “si mesmo”. Certamente, Nietzsche não é o filósofo defensor desse egoísmo não ético. O valor moral da solidariedade pode ser reconhecido justamente no interior desse enorme perigo niilista, presente em nossa cultura contemporânea. Entretanto, novas práticas solidárias e novas formações éticas somente podem surgir com uma vontade enérgica para afrontar o fenômeno atual do niilismo. São tarefas humanas. Elas terão êxito? Esse é o caráter frágil, espantoso e promissor da existência humana, no tempo do niilismo...

**Leia a Entrevista do Dia em
www.ihu.unisinos.br**

Niilismo e mercadejo ético brasileiro

Corrosão “de alto a baixo” no caráter de indivíduos e grupos e supervalorização do mercado são traços peculiares do niilismo em terras brasileiras, acentua o filósofo Roberto Romano. A ocidentalização do mundo pulverizou o etnocentrismo dissolvente dos paradigmas milenares

POR MÁRCIA JUNGES

“O século XX consagra o padrão ocidental de vida, de valores, de técnicas e ciências”, não sem receber reações contra essa “pulverização axiológica do Ocidente”, pondera o filósofo Roberto Romano em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Refletindo sobre o nexos que une niilismo ético e relativismo de valores no século XXI, afirma que “vivemos sob o signo das Luzes europeias e do etnocentrismo que ajudou a corroer paradigmas éticos milenares, no Ocidente e no Oriente”. Romano assinala haver no Brasil “uma peculiar corrosão ética não alheia ao capitalismo, como nas práticas do favor que atravessam todas as relações sociais e políticas”. Em sua opinião, vivemos num “mercadejo ético”, no qual “o caráter dos indivíduos e grupos é corroído de alto a baixo”. E continua: “Nosso Estado preza mais o mercado (inclusive eleitoral) do que as pessoas. Aqui, todos são meios e raros conseguem, pagando preço altíssimo, viver consigo mesmos o segredo da consciência moral. O mercado exerce uma corrosão previsível e impiedosa em todos os setores da vida, incluindo a universidade”. Questionado se o projeto político moderno está arruinado, disse que é arriscado dar um veredito. “Se irá prosperar em detrimento das grandes matrizes éticas e religiosas, não sabemos”.

Roberto Romano cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, na França, e é professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Escreveu, entre outros, os livros *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (2ª ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1997) e *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: Senac Ed., 2002). Atualmente, leciona na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que explica o niilismo ético e o relativismo de valores que presenciamos no século XXI?

Roberto Romano - Seria tarefa própria a quem se caracteriza pela *hybris* discorrer sobre todos os prismas da pergunta. Ela é importante, diria mesmo que vital, mas numa entrevista as respostas tomariam no dogmatismo ou na superficialidade. Posso evocar a fábula que narra como produzimos a forma que reconhecemos hoje em nós e nos nossos iguais. Para a fábula, uso noções trazidas pelo saudoso André Leroi-Gourhan¹. Os homens construíram seu corpo e mente em milênios de tecnologia. Eles verticalizaram a espinha,

diminuíram o queixo, aumentaram a caixa craniana e alargaram o campo de visão, o que tornou possível perceber as gradações de espaço e tempo. “Somos inteligentes, porque ficamos de pé”, diz o etnólogo. Eles diminuíram os braços e os tornaram capazes de operar com as mãos e a boca, inventaram a linguagem. Fabricaram instrumentos que permitem agarrar entes naturais dando-lhes sentido útil. O sistema inteiro ainda hoje está em progresso, sobretudo no lado tecnológico. Na faina incessante, idealizaram paradigmas a serem obedecidos nos macroeventos e microeventos da vida coletiva e individual (o indivíduo foi invenção técnica). Na história de todo o nosso parto, diz Gourhan, usamos capacidades contraditórias, o emprés-

timo e a invenção. Nenhum coletivo humano vive sem emprestar técnicas, cultura e valores de outros. E nenhum deles se desenvolve sem possuir força inventiva própria. Só pode emprestar com eficácia quem for capaz de inventar, e vice-versa.

Em momentos anteriores de nossa apropriação de corpo e mente, valores serviram como paradigmas de ação para os mais diversos grupos. Mas desde longa data os entes humanos entraram em circuitos amplos e diversificados de trato, uns com os outros. Se prestarmos atenção nos complexos civilizatórios, da China ao Egito antigo, da Grécia a Roma, do Renascimento aos nossos dias, nenhum deles é imune à dialética da invenção e do empréstimo. Isso, sem falar na pilhagem

¹ André Leroi-Gourhan (1911-1986): arqueólogo, paleontólogo, paleoantropólogo e antropólogo francês, interessado ainda em tecnologia e estética. (Nota da IHU On-Line)

de saberes e técnicas, como no caso do Ocidente que assaltou os conhecimentos chineses e orientais durante as chamadas “Grandes Descobertas”. E também o que se passa no trato industrial, quando roubos de tecnologia são costumeiros de país a país. Quanto mais amplo e eficaz, para seus habitantes, o amálgama de valores e técnicas, maior poder possui um coletivo, inclusive porque os empréstimos e invenções são dirigidos, quase imediatamente, para a guerra.

Abismo de ideias

Até o século XIX, no entanto, os conglomerados culturais, étnicos e políticos eram orientados por modelos que eles encontraram e que definiam seus traços principais. Com o imperialismo colonial do Ocidente aumenta a rapidez no trânsito dos empréstimos e das invenções. Diferenças culturais se atenuam em proveito dos ocidentais. Não faltou no Ocidente quem tenha defendido outro modelo que não o definido na Europa, para o trato com a Ásia e a África. Leibniz² pensou o ecumenismo não apenas entre europeus, mas entre todos os povos. No caso do catolicismo, o fracasso foi evidente. Os jesuítas (apoiados por Leibniz) queriam preservar na China o culto aos ancestrais, vestes chinesas e filosofia confuciana nos ritos cristãos³. Os do-

² Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da IHU On-Line)

³ Matteo Ricci (1552-1610): missionário que viveu já em sua época os princípios básicos do Vaticano II, especialmente a inculturação e o diálogo inter-religioso. Depois de estudar direito em Roma, entrou na Companhia de Jesus, em 1571. Durante sua formação, interessou-se também por várias matérias científicas, como matemática, cosmologia e astronomia. Em 1577, pediu para ser enviado às missões no Leste da Ásia e, aos 24 de março de 1578, embarcava em Lisboa, chegando a Goa, capital das Índias Portuguesas, aos 13 de setembro do mesmo ano. Alguns meses depois, foi destinado para Macao, a fim de preparar sua entrada na China. Confira a entrevista realizada pela IHU On-Line com Nicolas Standaert, intitulada *O “caminho chinês”. A contribuição da China para o mundo*, disponível em <http://migre.me/11Vn3>. Confira a edição especial da

“Católicos, protestantes, islamitas condensam seus laços com o passado e reagem contra a pulverização axiológica do Ocidente”

minicanos exigiam abolir o culto aos antepassados, vestes romanas, proibição das doutrinas de Confúcio. Venceram os dominicanos e, com eles, o diálogo entre Europa e China foi obstruído até hoje. Apesar de toda a sua boa vontade, os missionários católicos e protestantes na China, no Oriente e na África, não se desvincularam dos poderes coloniais europeus. Se lembrarmos que na China os ingleses colocavam na porta de seus clubes um aviso que proibia a entrada de cães e de chineses, percebemos o abismo entre as ideias ecumênicas de Leibniz e jesuítas e a efetividade histórica.

O século XX consagra o padrão ocidental de vida, de valores, de técnicas e ciências. Leroi-Gourhan, nos seus últimos dias, se preocupava com a inusitada atenuação das diferenças culturais, em proveito dos parâmetros ocidentais. Hollywood era vista por ele como a indústria que, por meio do *star system*, impunha padrões aos demais continentes, corroendo os valores e as forças inventivas das suas culturas, obrigadas ao empréstimo pela propaganda maciça e pelas armas.

Ocidentalização

Deixemos a fábula e sigamos o adensamento populacional. As cidades, das pequenas às metrópoles, são inventos técnicos. Quanto menor um coletivo, menor número de instrumentos de comunicação, governo, cultura ele movimenta. E mais sólidos se mostram aqueles valores na mente coletiva. O campo ético, ali, é mais denso e compacto, não permite

IHU On-Line intitulada *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, publicada em 18-10-2010, disponível em <http://bit.ly/9o0ler>. (Nota da IHU On-Line)

desvios substanciais. Quanto maior o coletivo, mais os valores recebem matizes complexos. Chegamos ao que diz Weber⁴ sobre o politeísmo dos valores. O passo não se dá sem quebras internas nos vários sistemas culturais. O imperialismo colonial efetivou tal tarefa em séculos de imposição pelas armas, astúcias diplomáticas, controle das comunicações. Com a última revolução técnica de alcance mundial, nas trocas entre culturas, a da informática (com a internet, a TV a cabo, etc.) os padrões ocidentais, inclusive o nivelamento por baixo dos valores, anunciavam uma vitória definitiva.

Para surpresa de teóricos e políticos, coletivos não ocidentais se mostram capazes de emprestar elementos da “nossa” cultura e também de inventar ou reinventar novas formas. E mais, dentro da própria cultura ocidental se cristalizam movimentos contrários ao politeísmo dos valores. Trata-se, entre outros, do fenômeno ainda não estudado em profundidade merecida, que se afirma sob o título de fundamentalismo. Católicos, protestantes, islamitas condensam seus laços com o passado e reagem contra a pulverização axiológica do Ocidente. As grandes matrizes éticas, com uso da tecnologia mais avançada, entram em campanha contra parte do Ocidente que se expandiu desde o século XV.

Aquelas matrizes (confucionismo e budismo na China, Índia e outros; o judaísmo e o cristianismo na Europa e nas colônias europeias, além dos países eslavos; o islamismo na Índia, no Paquistão, no Oriente Médio) definem até hoje um sistema interno de valores e atos. Mas na Europa e setores

⁴ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

norte e sul-americanos, se firmou uma tênue camada social definida pelo que se convencionou chamar de “mundo secularizado”. Com a Renascença, as Luzes, os Estados independentes das igrejas, os valores mantidos pelas matrizes éticas mencionadas recebem corrosão virulenta. A parceria entre burgueses e líderes colonialistas, potenciada por intelectuais livres das amarras religiosas, gradativamente e com maior rapidez passou a corroer certezas coletivas que se ancoravam no Eterno ou na ordem natural.

Dissolução e estraçalhamento do indivíduo

A tarefa corrosiva conduzida pela burguesia e seus intelectuais foi descrita por Hegel e Marx⁵. Para mencionar o mundo ético, Hegel usa com frequência inquietante o termo “dissolução” (*Auflösung*). Na “Filosofia Real” ele define o elemento químico quando unido ao calor: “a matéria calórica é existência, possibilidade de difundir-se perfeitamente; os elementos já estão perfeitamente dissolvidos, carecem entre si de massa, de existência (...). Trata-se da matéria, dissolvida por si mesma (...) que existe enquanto dissolução”. Da química, Hegel vai ao orgânico e guarda o termo “dissolução”. O sangue, no animal, “é a simples dissolução que não apenas contém tudo, mas que é calor, unidade de si e da figura, o devorar-se a si mesmo. Desse modo, o organismo está tenso como indivíduo inteiro perante o exterior, tem fome e sede. É um todo

5 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

que devora a si mesmo”. No mundo espiritual, humano, a concepção hegeliana do elo entre indivíduos e todo social é de unidade e compenetração. O todo só é através do singular. E o singular só no universal encontra a base de sua existência. Caso o indivíduo se apoie apenas em si mesmo, negando o universal, faz surgir o ideal. Este, por sua vez, começa a dissolver o Todo existente. O mundo ético já se encontra elaborado para o indivíduo na aparência de necessidade externa. Mas a adesão à racionalidade objetiva do Estado pode ser uma submissão simples, ou nascer de um recolhimento livre e meditado.

Ao discutir *O sobrinho de Rameau*⁶, Hegel descreve o indivíduo e seu estraçalhamento. Ali, os elementos sólidos se dissolvem numa perversão generalizada. Na vida contemporânea, diz o filósofo, “o Bem e o Mal, ou a consciência do bem e do mal, nobre e vil, são desprovidos de verdade; todos esses momentos se pervertem uns nos outros e cada um deles é o oposto de si mesmo”. No reino do “puro cultivo” o espelhamento rege indivíduos e grupos. Todos os partícipes da experiência social nela se integram de modo perverso: “exercem um para o outro uma justiça universal; cada um tornou-se estranho a si mesmo, em si mesmo, enquanto se insinua em seu oposto, e o perverte do mesmo jeito”.

A “boa consciência” quer “moralizar” o mundo. Mas, se “lamenta a dissolução (*Auflösung*) de todo esse mundo perverso, ela não pode pedir ao indivíduo que o abandone, pois o próprio Diógenes em seu tonel é por ele condicionado...”. Quem possui consciência ética do mundo sofre. E faz sofrer. É como um turbilhão dissolvente. O mundo, na sua consciência, “tem, sobre si mesmo, o sentimento mais doloroso e o olhar mais verdadeiro - o sentimento de ser a dissolução (*Auflösung*) de tudo o que se consolidava, de ser dilacerado através de todos

6 *Sobrinho de Rameau*: diálogo filosófico imaginado por Denis Diderot entre Ele (Jean-François Rameau, sobrinho do célebre músico) e Eu. Os temas recorrentes na discussão são a educação das crianças, o gênio, o dinheiro. A conversa muda de assunto a cada instante e trata também de personagens da época. Foi publicado pela primeira vez em 1805. (Nota da IHU On-Line)

os momentos de sua existência, fragmentado em todos os seus ossos. Ele é, também, a linguagem desse sentimento e do discurso espiritual que julga todos os lados de sua condição...”.

Paradigmas corroidos

Vejamos, em diapasão similar, o *Manifesto Comunista*⁷. Com a burguesia, “todas as relações sociais sólidas tornaram-se enferrujadas; com seu cortejo de concepções e intuições se dissolvem; as que subsistem envelhecem antes de esclerosar. Tudo o que era estabelecido e estável evapora; tudo o que era sagrado se profana. Os homens são, finalmente, constringidos a considerar com um olho desiludido o lugar que ocupam na vida e nas suas mútuas relações”.

Espero ter sugerido uma via para pensar a questão posta. Não imagino que ela explique o abismo em que nos encontramos. Mas a partir daquele ângulo é possível seguir outros, tão ou mais relevantes para se entender a pergunta. Eu mesmo desenvolvi o problema em escritos, como, por exemplo, o artigo *O sublime e o prosaico: Revolução contra reforma*⁸, ou também *A crise dos paradigmas e a emergência da reflexão ética, hoje*⁹.

Vivemos sob o signo das Luzes europeias e do etnocentrismo que ajudou a corroer paradigmas éticos milenares, no Ocidente e no Oriente. Tais paradigmas foram inventados ou emprestados. O nihilismo reside sobremodo nas culturas secularizadas do Ocidente. Nas demais partes do mundo são mantidos os modelos axiológicos antigos, mesmo que revitalizados pelas técnicas e artes (pela internet e labor científico). Um país preso a matrizes rígidas, como o Irã, não por acaso ten-

7 *Manifesto Comunista*: originalmente denominado Manifesto do Partido Comunista (em alemão: *Manifest der Kommunistischen Partei*), publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, é historicamente um dos tratados políticos de maior influência mundial. Comissionado pela Liga Comunista e escrito pelos teóricos fundadores do socialismo científico Karl Marx e Friedrich Engels, expressa o programa e propósitos da Liga. (Nota da IHU On-Line)

8 In: Reforma e Revolução, *Revista Brasileira de História*. 1990. (Nota do entrevistado)

9 In: *Educação e Sociedade*, número 65, 199 (Nota do entrevistado)

ta, de modo certo ou não, fabricar artefatos atômicos.

IHU On-Line - Há peculiaridades desse relativismo no caso da sociedade brasileira? Quais seriam elas?

Roberto Romano - No caso brasileiro, a franja da sociedade que se move pelos rescaldos das Luzes, da democracia liberal, do ceticismo enquanto via de pensamento, é ainda mais diminuta do que na Europa e nos EUA. Ocorre entre nós, na verdade, uma peculiar corrosão ética não alheia ao capitalismo, como nas práticas do favor que atravessam todas as relações sociais e políticas. Maria Sylvania Carvalho Franco¹⁰, em *Homens Livres na Ordem Escravocrata* mostra que no Brasil as formas violentas e corrosivas do trato social têm origem capitalista e não em supostas heranças pré-capitalistas. No mercadejo ético em que nos inserimos, o caráter dos indivíduos e grupos é corroído de alto a baixo. Aliás, uma releitura urgente, para captar os nossos dilemas coletivos, é o livro atualíssimo de Emmanuel Mounier¹¹, *O Tratado do Caráter*, infelizmente até hoje não traduzido para o vernáculo.

IHU On-Line - Qual seria o solo comum para o entendimento dos seres humanos numa sociedade com essas características niilistas?

Roberto Romano - Eu diria, não em tom de blague, que a existência numa “sociedade” assim se resumiria no enunciado posto em peça teatral tremenda, *Huis Clos*¹²: “Cada um de nós

10 Maria Sylvania de Carvalho Franco: cientista social brasileira. Na edição 165 da IHU On-Line, de 21-11-2005, intitulada *Intérpretes do Brasil: a redescoberta do Brasil como problema*, concedeu a entrevista *Violência e assistencialismo têm raízes na ordem escravocrata*, disponível para download em <http://migre.me/s95N>. A pesquisadora foi responsável pela condução da última edição do III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, quando apresentou, no dia 24-11-2006, a obra *Homens Livres na ordem escravocrata* (São Paulo: Unesp, 1997). (Nota da IHU On-Line)

11 Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*, disponível em <http://migre.me/30s20>. (Nota da IHU On-Line)

12 *Huis Clos*: peça teatral de Jean Paul Sartre, criada em 1945, e cujo significado em portu-

“Quem possui consciência ética do mundo sofre. E faz sofrer. É como um turbilhão dissolvente”

é o carrasco dos outros”. Onde... “l’enfer c’est les autres” (o inferno são os outros).

IHU On-Line - Que tipo de ética se faz necessária em nossos dias?

Roberto Romano - Claude Lefort¹³, meu orientador de doutorado falecido recentemente, escreveu um belo texto intitulado *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São Paulo Brasiliense, 1983). Recordando o esquema acima, de Gourhan, penso que precisamos de imaginação e força intelectual suficientes para inventar novas sendas éticas, não deixando de emprestar formas e valores do nosso passado e do pretérito da humanidade. Para tal faina o primeiro passo, e não faço um paradoxo, é realizar uma “époche” do que vivemos no presente. O caminho da fenomenologia ainda é um instrumento seguro para sabermos o que fazemos e pensamos. A partir da base essencial que preside nossa consciência poderemos inventar elos novos entre indivíduos, grupos, povos.

IHU On-Line - Em outra entrevista à IHU On-Line, o senhor afirmou que o Brasil é um Estado “despótico e inimigo dos direitos humanos”. Como essa afirmação se relaciona com o niilismo ético e político que vivemos em nosso país?

Roberto Romano - Nosso Estado preza mais o mercado (inclusive eleitoral) do

guês é *Entre quatro paredes*. (Nota da IHU On-Line)

13 Jean-Claude Lefort (1924-2010): filósofo francês, autor de, entre outros *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São Paulo: Brasiliense, 1983) e *Desafios da escrita política* (São Paulo: Discurso Editorial, 1999). Por ocasião de seu falecimento, a IHU On-Line entrevistou a filósofa Olgária Matos, na edição 348 da Revista IHU On-Line, de 25-10-2010, disponível em <http://migre.me/340l9> e intitulada *Claude Lefort e a invenção democrática*. (Nota da IHU On-Line)

que as pessoas. Aqui, todos são meios e raros conseguem, pagando preço altíssimo, viver consigo mesmos o segredo da consciência moral. O mercado exerce uma corrosão previsível e impiedosa em todos os setores da vida, incluindo a universidade.

IHU On-Line - Em que medida o pós-humanismo é o passaporte que concretiza essa corrosão das instituições e dos valores, iniciada séculos atrás?

Roberto Romano - Eu diria que o próprio humanismo tem sua face desumana. Mesmo autores das Luzes como Montesquieu¹⁴ e Diderot¹⁵, para não falar de Hume¹⁶ e de outros, mostram uma face etnocêntrica nada favorável aos direitos humanos. Um livro essencial para os nossos dias e reflexão, penso, é o de Laurent Estève (*Montesquieu, Rousseau, Diderot: du genre humain au bois d'Ébène, les silences du droit naturel*. Editions Unesco, 2002). Ali, notamos o quanto alguns ícones das Luzes são bastante... tenebrosos. O que se chama de pós-humanismo, no meu entender, é o disfarce de um rosto enodado de crimes, uma face de Dorian Gray¹⁷.

IHU On-Line - Para Agamben¹⁸, o cam-

14 Charles-Louis de Secondat (Barão de Montesquieu - 1689-1755): político, filósofo e escritor francês. Ficou famoso por sua Teoria da Separação dos poderes, atualmente consagrada em muitas das modernas constituições nacionais. Sua obra mais famosa é *O espírito das leis*. (Nota da IHU On-Line)

15 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

16 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. (Nota da IHU On-Line)

17 *O Retrato de Dorian Gray*: romance publicado por Oscar Wilde, considerado um dos grandes escritores irlandeses do século XIX. (Nota da IHU On-Line)

18 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do

po de concentração é o paradigma político da modernidade. Como essa constatação nos ajuda a compreender a política praticada no Ocidente?

Roberto Romano - Eu relativizaria o enunciado. A prudência indica ser preciso buscar vários modelos para a interpretação da política ocidental.

IHU On-Line - Acredita que o projeto político da modernidade está esgotado? Por quê?

Roberto Romano - Não sabemos. E se arrisca muito quem disser algo em sentido positivo ou negativo. A “modernidade” está unida ao processo da cultura secularizada, como a indiquei acima. Trata-se de um complexo ideal e fenomênico recente na história humana. Se irá prosperar em detrimento das grandes matrizes éticas e religiosas, não sabemos.

LEIA MAIS...

>> Roberto Romano já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira.

* “O governo do Brasil retoma a ética conservadora e contrária à democracia, o que exige da Igreja o papel vicário”. Publicada nas Notícias do Dia 14-01-2008, disponível em <http://migre.me/2QJi3>;

College International de Philosophie de Paris. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007 o site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível para download em <http://migre.me/uNk1>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista “Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito”, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin. Para conferir o material, acesse <http://migre.me/uNkY>. Confira, também, a entrevista Compreender a atualidade através de Agamben, realizada com o filósofo Rossano Pecoraro, disponível para download em <http://migre.me/uNme>. A edição 81 da Revista IHU On-Line, de 27-10-2003, tem como tema de capa O Estado de exceção e a vida nua: A lei política moderna, disponível em <http://migre.me/uNo5>. (Nota da IHU On-Line)

A intransigência e os limites do compromisso

Fragilidade e incapacidade de abertura ao Outro são sintomas da intransigência moral que grassa em nossos dias, define o filósofo francês Paul Valadier. O compromisso pode ser a sua contrapartida, mas sem compactuar com a injustiça ou a imoralidade

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“**A** atitude intransigente que insiste em afirmar como invariáveis e inegociáveis os próprios princípios fundamentais, é sinal de uma fragilidade interna e de uma incapacidade de abrir-se à presença do Outro”. O diagnóstico é do filósofo francês Paul Valadier, padre jesuíta, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Segundo ele, “a intransigência fundamentalista desemboca, assim, para o imoralismo mais escandaloso, embora ela mesmo diga que é incapaz de dirigir um olhar sobre si mesma e de reconhecer seus próprios erros, tendendo mesmo a condenar aqueles que não compartilham de seu ponto de vista unilateral e contestável”. O resultado é que “cada um se fixa sobre suas próprias certezas, um modo de se defender contra o que se julga serem agressões vindas do outro ou contestações da própria maneira de fazer”. O compromisso seria a contrapartida para a intransigência, mas este anda em maus lençóis atualmente, afirma Valadier: “o homem do compromisso, dir-se-á, brinca com o demônio cedendo com demasiada facilidade em suas convicções. Ele compactua com a injustiça, o deixar ser ou acontecer, o conformismo ambiental, a imoralidade comum. Ele se deixa deslizar num desfiladeiro que só pode conduzi-lo de compromisso em compromisso, até compactuar com o mal. Ser-lhe-á repreendido o fato de justificar o mal em nome do bem ou de referir-se a valores aparentemente incontestáveis, mas que ocultam condutas mais que suspeitas”.

Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx* (Paris: Cerf, 1974); *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); e *Nietzsche l'intempestif* (Paris: Beauchesne, 2000). Foi conferencista no **Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**, com as conferências *A moral após o individualismo e O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo*. A esse respeito, confira o artigo *O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica*, publicado na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). No dia 13-08-2009, convidado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, ele proferiu a conferência *Narrar Deus no horizonte do niilismo*. Paul Valadier escreveu, também, *La part des choses. Compromis et intransigeance* (Paris: Lethielleux - Groupe DDB, 2010), e em português *Élogio da consciência* (São Leopoldo: Unisinos, 2001). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido a intransigência é sinônimo de fragilidade? De que maneira essa intransigência se liga aos fundamentalismos religiosos, por exemplo?

Paul Valadier - A amplidão das mudanças de toda ordem, econômicas, sociais e culturais é um traço característico da época atual. A presença da internet há alguns anos, à qual ninguém escapa, seria disso ilustração: o mundo inteiro, em sua variedade e prolixidade, nos é entregue em domicílio sem esforço algum. Tal fenômeno não ocorre sem provocar efeitos de comoção das identidades das pessoas e dos grupos. O mundo assim oferecido não deixa ninguém indiferente. E, assim, cada um se encontra tocado, ou até mesmo abalado em sua identidade racional, pessoal, religiosa. A comparação de todos com todos só pode conduzir a uma relativização de nossas maneiras de fazer, pensar e crer.

Tal abalo experimentado no cotidiano gera irradiações e crispações. A confrontação com outros universos de pensamento, ao menos pela imagem senão na realidade, nos fragiliza. E isso é particularmente verdade para os sistemas religiosos e os sistemas morais que dessa forma se sentem contestados, relativizados, comparados uns aos outros. Não é, pois, nada estranho ver aparecer, tanto em moral, como em política ou em religião, atitudes fundamentalistas: cada um se fixa sobre suas próprias certezas, um modo de se defender contra o que se julga serem agressões vindas do outro ou contestações da própria maneira de fazer.

Estes enraizamentos nos próprios fundamentos são acompanhados pela intransigência: ante o que se estima ser uma contestação, e é forte a tendência de se afirmar ou de afirmar os princípios morais, políticos e religiosos recebidos da própria tradição. Este fechamento não é, nem de longe, um sinal de saúde e de certeza tranquila: é antes o sintoma de um pavor de ver desmoronar o universo recebido e familiar. Ele eleva ao nível de ameaça a presença do outro - o outro em sua religião, em sua cultura, em suas ideias. Neste sentido, a atitude intransigente que insiste em afirmar como invariáveis e inegociáveis

“A comparação de todos com todos só pode conduzir a uma relativização de nossas maneiras de fazer, pensar e crer”

os próprios princípios fundamentais, é sinal de uma fragilidade interna e de uma incapacidade de abrir-se à presença do outro. Reafirma-se com teimosia o que se sente ameaçado e se procura enraizar-se no que se estima ser contestado.

Valores não negociáveis

O apelo reiterado de certos bispos dos Estados Unidos da América no sentido de defender “valores não negociáveis” no momento das recentes campanhas presidenciais, notadamente os valores que se referem às relações sexuais, é bastante característica da intransigência. Um traço que não engana se manifesta no fato que a intransigência se atém a um princípio julgado essencial (“não negociável”) e reduz o seu olhar a ponto de não mais perceber a importância de outros princípios não menos essenciais.

A condenação justificada do aborto, por exemplo, conduziu a não ver ou a minimizar, no julgamento social e político, outros cacifes gravíssimos, outros comportamentos e outros atos fundamentalmente imorais: a mentira do Estado sobre as pretendidas armas de destruição maciça do Iraque “justificou” uma guerra de consequências lastimáveis, não somente para o infeliz povo iraquiano, mas para as relações globais entre o Ocidente (identificado pelos muçulmanos ao cristianismo) e o mundo muçulmano, e nós sabemos que os cristãos orientais pagam os custos desses erros políticos.

A insistência intransigente sobre o aborto para emitir julgamento sobre a qualidade dos candidatos presidenciais cegou a consciência moral a ponto de

se vir apoiar políticos mentirosos, justificadores da tortura, belicistas e, na realidade, impotentes para modificar as legislações concernentes ao aborto. A intransigência fundamentalista desemboca, assim, para o imoralismo mais escandaloso, embora ela mesmo diga que é incapaz de dirigir um olhar sobre si mesma e de reconhecer seus próprios erros, tendendo mesmo a condenar aqueles que não compartilham de seu ponto de vista unilateral e contestável.

IHU On-Line - Por que o compromisso é tão mau visto em nossos dias? Que tipo de compromisso é possível hoje, frente ao niilismo e a intransigência moral, política e religiosa?

Paul Valadier - É nesse contexto que é preciso compreender o alcance e a necessidade do compromisso. Nós não estamos jamais ou muito raramente na vida diante de absolutos, mas sempre envolvidos em situações concretas nas quais exigências contraditórias se impõem a nós e onde, portanto, é necessário fazermos escolhas. Não se escolhe o absoluto, mas o melhor ou o mal menor, tendo em conta tudo o que não nos é possível honrar. Tal é o compromisso, e assim se virá a votar, por exemplo, em determinado candidato, embora não estejamos de acordo com a totalidade de seu programa, mas porque ele nos parece ser o mais apto que, em síntese, propõe boas medidas para a cidade. Restará ver, também, como ele colocará seu programa em prática, pois sabemos que entre as promessas e a realidade há muitas vezes uma grande distância!

É verdade que tal atitude pode facilmente deslizar para o comprometimento e, por esse motivo, o compromisso tem má reputação. Engajar-se no próprio louvor não seria justificar uma espécie de jogo duplo que se acomoda mal com uma vida correta e sincera? Repreender-se-á ao homem o compromisso de proclamar o valor ou a força dos princípios, mas de agir de modo totalmente diverso e de fazer concessão à atmosfera do tempo, à facilidade preguiçosa; consequentemente, ele será considerado suspeito de viver uma espécie de esquizofrenia

entre afirmação dos princípios e acomodações práticas. O farisaísmo seria a figura ideal dessa atitude. Separa-se ou recorta-se, assim, de um lado, uma vida interior ou algo íntimo secreto, e, do outro, uma vida pública conforme as normas correntes e admitidas.

O mal em nome do bem

Esta primeira acusação desemboca quase inelutavelmente naquela, ainda mais grave, de cumplicidade com o mal ou de comprometimento com ele. O homem do compromisso, dir-se-á, brinca com o demônio cedendo com demasiada facilidade em suas convicções. Ele compactua com a injustiça, o deixar ser ou acontecer, o conformismo ambiental, a imoralidade comum. Ele se deixa deslizar num desfiladeiro que só pode conduzi-lo de compromisso em compromisso, até compactuar com o mal. Ser-lhe-á repreendido o fato de justificar o mal em nome do bem ou de referir-se a valores aparentemente incontestáveis, mas que ocultam condutas mais que suspeitas. Assim, evocar-se-á a dignidade da pessoa para justificar o suicídio assistido, como se apelará à liberdade da mulher ou à livre disposição de seu corpo para legitimar a interrupção voluntária de uma gravidez. Posição aparentemente inexpugnável, já que ela se reveste de valores incontestáveis e indiscutíveis (dignidade, liberdade). Mas ela chega de fato a justificar atos pelo menos ambíguos ou mesmo meridianamente repreensíveis no plano da moral e do direito. Em nome de um bem ou de um valor, abre-se caminho a um mal. Onde se percebe, aliás, que compromissos bastardos chegam concretamente à atitude intransigente que recusa ver as consequências desastrosas de suas decisões, feitas sob o disfarce de altos valores!

Coragem moral

Enfim, dir-se-á que o homem de compromisso dá testemunho de leviandade, de moleza, de falta de coragem; ele não seria senão um escravo que concorda com a ordem ou a desordem estabelecida, ao “politicamente correto”; ele seria um cordeiro que se submete a ordens injustas, pelo sim-

“Não se escolhe o absoluto, mas o melhor ou o mal menor, tendo em conta tudo o que não nos é possível honrar”

ples fato, por exemplo, que elas são dadas pela autoridade, quando, se ele fosse um homem correto e coerente, ele resistiria ao mal e à injustiça, mesmo que ela fosse ordenada pelos poderes “legítimos”. Contrariamente, discernir-se-á na intransigência uma coragem moral que não se dobra ante o intolerável, a despeito de pagar por isso o preço, um preço que pode ser pesado, mas que uma vida humana digna desse nome deve ser capaz em certos casos (talvez extremos e raros) de assumir. Finalmente, para empregar uma palavra raramente utilizada em nossos dias, não existe vida humana e moral sem se aceitar sacrifícios, e até mesmo o sacrifício da própria carreira, das próprias ligações afetivas e, por vezes, da própria vida em nome das próprias razões de viver que se resumem efetivamente no respeito de alguns princípios fundamentais.

IHU On-Line - Qual é a ética necessária e possível em nossos dias? Que espaço resta para a solidariedade num mundo relativista e niilista?

Paul Valadier - Se o compromisso se impõe malgrado todas as críticas possíveis, é porque a vida moral concreta não consiste em afirmar princípios ou “valores (assim-ditos) não negociáveis”. Todo mundo sabe que não é preciso matar nem roubar, nem mentir. Mas o que significa isso na situação concreta em que devo decidir-me? Por quais caminhos passa o respeito a tais princípios? Os princípios morais direcionam a pessoa ao exame do conjunto dos parâmetros da situação em que ela deve julgar e agir, conduzindo-a a analisá-los, a separar o que importa do que é secundário e depois a decidir por aquilo que lhe parece, em consciência, como o melhor e o que mais encerra futuro: para este enfermo quando se é médico, para esta

criança quando se é educador, para esta empresa quando se é engenheiro, para este país no momento de um voto de cidadão. Não se trata do ideal em si e por si, mas do que se impõe aqui e agora, para desbloquear uma situação ou resolver um problema, a fim de abrir um futuro. Na Igreja, o papel da comunidade ou do conselheiro espiritual consiste justamente em ajudar uma determinada pessoa a avançar no caminho da vida boa e santa, e não de colocá-la diante dos “valores inegociáveis” ou dos princípios absolutos, quando ela é chamada a avançar na situação em que se encontra (saúde, vida familiar, problemas econômicos, aflição psicológica eventual...). A autoridade na Igreja, como a entende São Paulo¹, consiste em ajudar a crescer, e não em esmagar as consciências, e muito menos “para destruir” (*Segunda epístola aos Coríntios*, 13, 10). E aqui a pessoa ainda será conduzida, sem dúvida, a encontrar a justa via, o compromisso adequado, a renunciar eventualmente a tal grande princípio para não escandalizar o fraco por sua intransigência (*Primeira epístola aos Coríntios*, 10, 23-33).

IHU On-Line - Que espaço resta para a solidariedade num mundo relativista e niilista?

Paul Valadier - É certo que o contexto niilista que marca nossas sociedades (mais ou menos, aliás, pois aqui tam-

¹ Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Tempo (era fariseu), onde foi sacerdote. Educado em duas culturas (grega e judaica), Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, e não mais numa seita do Judaísmo. Sobre Paulo de Tarso a IHU On-Line 175, de 10-04-2006, dedicou o tema de capa *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*. A versão encontra-se disponível para download no sítio do IHU, <http://migre.me/FCOK>, de 22-12-2008, é intitulada *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://migre.me/FC10>. (Nota da IHU On-Line)

“Mas também se pode retrucar a este catastrofismo que o ‘bê a bá’ da vida moral consiste precisamente em desconfiar dos enfeitiçamentos niilistas, em recusar o ‘tudo é vão’, em erguer-se conta toda forma de fatalismo que aniquila a vontade humana”

bém é preciso evitar as generalizações enganadoras) realmente não favorecem a ideia de compromisso, nem mais globalmente um comportamento moral responsável. Se por niilismo se entende, com efeito, que nada mais vale, que nada tem sentido, que a única saída é o apocalipse, como o anunciam muitos profetas de desgraças (Günther Anders², entre outros, em *Die Antiquiertheit des Menschen* [A antiguidade do homem], 1956, ou René Girard³, em *Achever Clausewitz* [Concluir Clausewitz], 2007), é certo que a decisão moral se torna vazia de conteúdo. Vale mais, então, deixar o mundo correr à catástrofe ecológica, nuclear, terrorista, e desfrutar sem limites do presente. Mas também se pode retrucar a este catastrofismo que o “bê-a-bá” da vida moral consiste precisamente em desconfiar dos enfeitiçamentos niilistas, em recusar o “tudo é vão”, em erguer-se conta toda forma de fatalismo que aniquila a vontade humana. Pois, de fato, considerando sua vida pessoal e relacional, não é verdade que tudo seja vão: podemos

² Günther Anders (1902-1992): pseudônimo de Günther Stern. Foi um jornalista, filósofo e ensaísta alemão de origem judaica. Doutorou-se em filosofia, em 1923, sob a orientação de Edmund Husserl, tendo sido aluno de Heidegger e Cassirer. Foi colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. (Nota da IHU On-Line)

³ René Girard (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré* (A violência e o sagrado), *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde* (Das coisas escondidas desde a fundação do mundo), *Le Bouc Émissaire* (O Bode expiatório), 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista *IHU On-Line*, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. (Nota da IHU On-Line)

amar nosso (a) cônjuge e nossos filhos, empreender na cidade ou em nossos lugares de trabalho, desfrutar da beleza das coisas, entreter nosso espírito pela cultura, procurar conhecer e encontrar esses “outros” que temem o fundamentalista. Em suma, podemos desfrutar da vida aqui e agora, certamente não de uma vida ideal que só existe em nossas fantasias, mas da existência humana concreta, tal como ela nos cabe dia após dia. Dessa forma, ainda fazemos recuar a violência, embora talvez de maneira infinitesimal, o que é sempre melhor do que (o) nada. Não é isso uma vida humana verdadeira e uma vida cristã que se deixa conduzir pelo acontecimento e, portanto, pelo Espírito que fala nos sinais do tempo, decifrando dia após dia, no risco da liberdade?

LEIA MAIS...

>> Paul Valadier já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

* *Narrar Deus no horizonte do niilismo: a reviscência do divino*. Publicada na edição 303 da Revista IHU On-Line, de 10-08-2009, disponível em <http://migre.me/2UcFv>;

* *O desejo e a espontaneidade capciosa*. Publicada na edição 303 da Revista IHU On-Line, de 10-08-2009, disponível em <http://migre.me/2Ucp4>;

* *Investidas contra o Deus moral obsessivo*. Publicada na edição 127 da Revista IHU On-Line, de 13-12-2004, disponível em <http://migre.me/2UcuT>;

* *O futuro da autonomia, política e niilismo*. Publicada na edição 220 da Revista IHU On-Line, de 21-05-2007, disponível em <http://migre.me/2UcD0>;

* *“A esquerda francesa está perdida”*. Publicada nas *Notícias do Dia* do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 27-05-2007, disponível em <http://migre.me/2UcJF>.

>> Paul Valadier tem duas publicações pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Confira.

* *Investidas contra o Deus moral obsessivo*. Publicada na edição 15 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível em <http://migre.me/2UcNZ>;

* *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores*. Publicada na edição 31 dos *Cadernos Teologia Pública*, disponível em <http://migre.me/2UcRT>.



Orações Ilustradas.

Acesse em www.ihu.unisinos.br

Deus, uma hipótese desnecessária

Embasado na Navalha de Ockham, Paolo Flores D'Arcais pontua que não é preciso apelar para Deus a fim de se explicar o surgimento da vida e do Universo. O relativismo de valores é, portanto, consequência do ateísmo, e o solo comum entre cristãos e ateus deve ser suas escolhas ético-políticas

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Deus é uma hipótese desnecessária, pois o surgimento do cosmos e da vida são demonstráveis através de proposições explicadas pela ciência, garante o filósofo italiano Paolo Flores D'Arcais, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Para dar sustentação ao seu argumento, vale-se da “Navalha de Ockham”, conceito criado pelo filósofo medieval cristão, o inglês Guilherme de Ockham, para assinalar que pluralidades não devem ser postas sem necessidade. “O relativismo dos valores é uma consequência lógica do ateísmo”, completa. Em seu ponto de vista, “a inteira história humana é, de fato, diacrônica e sincronicamente um gigantesco afresco de valores relativos, incompatíveis uns com os outros”. Dessa forma, o relativismo de valores é um fato, o que não implica, necessariamente, o nihilismo, “que consiste em considerar todos os valores como equivalentes”. Para D'Arcais, não há sentido na pergunta “no cenário ocidental de relativismo dos valores, qual é o espaço para a solidariedade e a tolerância?”. Outro tema debatido pelo italiano é a “revanche Deus”: “Quando diminuí a esperança terrena na luta política e social, é natural que retorne o seu sub-rogado celeste. O fenômeno da ‘revanche de Deus’ diminuirá tão logo tornem maciças as lutas pela democracia radical, com perspectivas críveis de sucesso ao menos parcial”. O terreno comum entre cristãos e ateus “não depende da fé, mas das escolhas ético-políticas de cada um, seja ele ateu ou crente”, define.

D'Arcais é diretor da revista *MicroMega*, colaborador dos jornais *El País*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e *Gazeta Wyborcza*. Professor e pesquisador na Faculdade de Filosofia La Sapienza, da Universidade de Roma, escreveu sua tese de doutorado sobre Adam Smith e Karl Marx. Considerado um dos mais importantes críticos de esquerda da Itália, escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos: *Esistenza e libertà: a partire da Hannah Arendt* (Genova, Marietti, 1990); *Etica senza fede* (Torino, Einaudi, 1992); *L'individuo libertario: percorsi di filosofia morale e politica nell'orizzonte del finito* (Torino, Einaudi, 1999); e *Il sovrano e il dissidente* (Milano: Garzanti, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Há algum nexo causal entre ateísmo e relativismo de valores?

Paolo Flores D'Arcais - O ateísmo é a simples constatação que: 1) a história inteira do cosmos, do Big Bang até hoje, o nascimento da vida sobre o planeta Terra e a evolução da vida da lombriga até o *homo sapiens*, são perfeitamente explicados pela ciência, sem necessidade de recorrer à “hipótese Deus” (e segundo a “navalha de Ockham”¹), é sempre filosófica-

mente inaceitável levantar a hipótese de uma causa oculta quando já temos explicações suficientes). E que: 2) o cérebro do *homo sapiens* é somente uma evolução e modificação do cére-

zor), que dizia que as “pluralidades não devem ser postas sem necessidade”. Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da **IHU On-Line**)

bro de um macaco, e todas as partes de um cérebro se desfazem com a decomposição que segue a morte, como também aqueles segmentos extraordinários do neocórtex do pós-símio *sapiens* que reassumimos sob o nome de “consciência”. Pelo que, após a morte, não pode existir nenhuma vida pessoal, não pode existir algum “do lado de lá”.

O relativismo dos valores é uma consequência lógica do ateísmo. Mas, continuaria inevitável também sem o ateísmo. A inteira história humana é, de fato, diacrônica e sincronicamente um gigantesco afresco de valores

¹ William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham's Ra-

relativos, incompatíveis uns com os outros, visto que, como já recordava Pascal (de fato nada ateu e mesmo catolicíssimo), "... (lei) universal não existe nenhuma. O furto, o incesto, o assassinato dos filhos e dos pais, tudo encontrou seu próprio lugar entre as ações virtuosas". O relativismo dos valores é um fato, inelutável. Há muitos ateus (ou agnósticos) que procuram remover este fato com inexauríveis e falimentares tentativas de redescobrir uma inencontrável "moral natural". São as várias formas de "cognitivism ético" que, no entanto, não resistem à reflexão crítica.

Regresso ao infinito

Ninguém ainda conseguiu, de fato, demonstrar (no mesmo sentido da geometria, ou pelo menos da física e da biologia) que uma asserção moral seja *verdadeira* recorrendo somente a dados empíricos acertados e à lógica. Para fundar uma asserção moral é, ao invés, sempre inevitável recorrer a uma asserção moral precedente, num regresso ao infinito. O valor primeiro (ou último) que funda toda a cadeia é, portanto, indemonstrável. Para alguém será a dignidade igual entre todos os seres humanos, para outro o direito do mais forte a tornar escravo o mais débil. Entre estas duas morais (e muitas outras possíveis) a questão não é de verdade e falsidade, mas de luta (frequentemente mortal).

IHU On-Line - No cenário ocidental de relativismo de valores, qual é o espaço para a solidariedade e a tolerância?

Paolo Flores D'Arcais - A partir do que expliquei acima, o relativismo dos valores é, portanto, um fato. Mas não implica realmente o niilismo que consiste em considerar todos os valores como equivalentes. Quando se reconhece - o que é inevitável na ótica de um pensamento crítico - que o "cognitivism ético" e toda pretensão de "moral natural" são ilusões metafísicas, disso não segue, de fato, a equivalência dos valores, mas o dever de escolher explicitamente os próprios valores, na consciência que o valor primeiro (ou último) constitui precisamente uma

“A modernidade é também a história da luta entre a democracia levada a sério e o establishment que a quer redimensionar como instrumento de conservação”

escolha, uma *decisão*, que não é fundável no plano da verdade. A moral do nazista não é "falsa", é *abjeta* porque eu escolhi como fundamento ético da minha existência a igual dignidade entre todos os homens. Mas, sem esta *escolha* não estou em condições nem de refutar a opção nazista do ponto de vista argumentativo, nem de combatê-la do ponto de vista prático.

Ora, o Ocidente moderno nasce, com o Iluminismo, precisamente a partir desta escolha. O valor de fundo que permite o produzir-se da modernidade ocidental é a *autonomia* do ser humano (a partir da sinergia historicamente imprevisível e de todo contingente de ciência + heresia). *Autós-nomos*, dar-se, de si mesmo, a própria lei. O que implica que tal autonomia considere todos e cada um, pois, caso contrário, seria uma nova forma de heteronomia, de submissão da maioria a alguns privilegiados autocratas. Por isso, não tem nenhum sentido perguntar-se: "no cenário ocidental de relativismo dos valores, qual é o espaço para a solidariedade e a tolerância?", a partir do momento em que o "cenário ocidental" nasce precisamente *escolhendo* tolerância e solidariedade como inevitáveis articulações do princípio de *autós-nomos*. Inevitáveis ambas - a tolerância e a solidariedade - sob o perfil lógico, também se historicamente serão conquistadas através de um processo histórico feito de lutas e sofrimentos ao longo de um par de séculos, da revolução americana até o *welfare* dos anos 1960; e o princípio de tolerância se tornará então, desde o início, um pôr em jogo da modernidade, sendo que a

solidariedade deverá esperar a irrupção no palco do movimento operário.

Por essa razão, de vez em quando se reduz no Ocidente a solidariedade e a tolerância e são os próprios valores do Ocidente que acabam sendo *traídos*. Deste ponto de vista, podemos dizer que a história da modernidade é a história de um conflito de resultados alternativos entre os valores do *autós-nomos* (para todos e para cada um) e as resistências do privilégio e do obscurantismo, que aceitam a modernidade somente sob a vertente das vantagens tecnológicas garantidas pelo progresso científico. Mas, ao mesmo tempo, obstaculizam a modernidade e a combatem enquanto possibilidade de conduzir desencanto, laicismo e democracia às suas lógicas consequências libertário-igualitárias. Deste ponto de vista, a modernidade é também a história da luta entre a democracia levada a sério e o *establishment* que a quer redimensionar como instrumento de conservação. Mas, neste conflito, que em anos mais recentes está assinalando preocupantes vitórias para os impulsos mais reacionários, a Igreja Católica hierárquica tem andado com as oligarquias e contra a "tolerância e solidariedade" (e também é impróprio continuar repetindo que, do ponto de vista histórico e ideológico, o conceito de autonomia é "tributário" à igualdade cristã, pois são duas coisas muitíssimo diversas).

IHU On-Line - A partir do diagnóstico nietzschiano do niilismo e da morte de Deus, abriu-se espaço para uma compreensão do homem que descambou em relativismo de valores. Por outro lado, há um retorno a Deus como salvação para os totalitarismos e a nadificação ou nulificação dos sujeitos. Que impasses e avanços surgem desse panorama do ponto de vista existencial e de autonomia do ser humano?

Paolo Flores D'Arcais - A "revanche de Deus" não nasce como tentativa de salvação contra os totalitarismos e a aniquilação dos sujeitos. Esta é a tese de Wojtyla e Ratzinger, falsa no plano histórico e insustentável nos planos lógico e filosófico (Wojtyla e Ratzinger fazem remontar os totalitarismos ao iluminismo e à pretensão do *autós-nomos*!). O Deus da Igreja Católica até encontrou,

com os totalitarismos fascistas, formas mais que confortáveis de convivência e Mussolini² foi até mesmo gratificado por Achille Ratti, mais conhecido como Papa Pio XI³, com o título de “homem da Providência”. A onda atual de “revanche de Deus” (etiqueta que cobre fenômenos entre si muito diversos e não assimiláveis, desde os fundamentalismos - seja o islâmico ou o dos telepregadores protestantes, ou ainda o das católicas “Comunhão e libertação⁴” ou dos “Legionários de Cristo⁵” - aos sincretismos de religiosidade “new age” ou às seitas que na China renovam as religiões tradicionais) nasce, ao invés, como sub-rogação das esperanças de realização radical da democracia que caracteriza os dias da vitória contra o nazifascismo e, sucessivamente, os movimentos de luta anticolonialista no terceiro mundo, esperança que dos anos 1970 em diante se reduziu progressivamente.

Estas esperanças, que encontram uma última labareda em 1968, vêm sendo frustradas pelo triunfo do libera-

2 Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945): jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano “o condutor”. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais, quando alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, consequentemente, poderes absolutos. (Nota da IHU On-Line)

3 Papa Pio XI (1857-1939): nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi Papa entre 6 de fevereiro de 1922 e a data da sua morte. (Nota da IHU On-Line)

4 **Comunhão e Libertação** (CL): movimento católico eclesial cujo objetivo é a madura educação cristã dos seus membros e a colaboração à missão da Igreja em todos os âmbitos da sociedade contemporânea. Nasceu na Itália, em 1954, quando padre Luigi Giussani deu início, no Colégio Estadual Liceu Berchet de Milão, a uma iniciativa de presença cristã chamada Juventude Estudantil (Gioventù Studentesca - GS). (Nota da IHU On-Line)

5 **Legionários de Cristo**: congregação religiosa de direito pontifício, fundada em 1941. Sua missão consiste em estender o Reino de Cristo na sociedade, segundo as exigências da justiça e da caridade cristã, em estreita colaboração com os pastores e os programas de cada diocese. Conta com mais de 700 sacerdotes e cerca de 2.500 seminaristas (maiores e menores de idade). Possui centros estabelecidos em 18 países, mas está presente em 30 países do mundo. (Nota da IHU On-Line)

“O projeto político da modernidade não se exauriu por isso, mas é mais que incompleto e, portanto, a se retomado, porque a realização de ‘tolerância e solidariedade’ se chama precisamente democracia radical”

lismo selvagem de Reagan⁶ e Thatcher⁷, pelo progressivo empobrecer-se das democracias ocidentais em “partidocracias”, e pela metamorfose dos vitoriosos movimentos terceiro-mundistas em oligarquias de governo sempre mais corrompidas e sanguinárias. E a derrota do totalitarismo soviético em 1989 confirma este clima de esperanças frustradas: somente alguns países do Leste conseguem - faticosamente, contraditoriamente, parcialmente - homologar-se às democracias ocidentais (já em crise com respeito aos valores fundantes de “tolerância e solidariedade”, como temos visto), enquanto a Rússia de Putin se torna modelo de “democracia negada” e a China consegue juntar totalitarismo político e desfrute econômico selvagem.

IHU On-Line - A democracia ocidental se baseia no conceito de autonomia e também é tributária ao cristianismo em função da premissa de igualdade. Como analisa o projeto político da modernidade? Ele está esgotado?

6 Ronald Reagan (1911-2004): ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reeleveu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. (Nota da IHU On-Line)

7 Margaret Hilda Thatcher (1925): política britânica, primeira-ministra de 1979 a 1990. (Nota da IHU On-Line)

Por quê?

Paolo Flores D’Arcais - Quando diminui a esperança terrena na luta política e social, é natural que retorne o seu sub-rogado celeste. O fenômeno da “revanche de Deus” diminuirá tão logo tornem maciças as lutas pela democracia radical, com perspectivas críveis de sucesso ao menos parcial. O projeto político da modernidade não se *exauriu* por isso, mas é mais que *incompleto* e, portanto, a ser retomado, porque a realização de “tolerância e solidariedade” se chama precisamente democracia radical.

IHU On-Line - Como podemos falar em moralidade, direitos humanos e verdade numa época tão relativista como a nossa?

Paolo Flores D’Arcais - Os direitos humanos são parte integrante desta luta que deve retornar. Mas para ser “humanos”, devem valer realmente para todos. A declaração de Independência americana, escrita por Thomas Jefferson⁸, fala justamente de “direito à obtenção da felicidade”. Uma felicidade tornada impossível tanto pela falta de liberdade quanto pela desmedida das desigualdades econômicas e sociais. Em 1968 os estudantes de Varsóvia se rebelaram justamente contra o regime comunista, gritando “não há pão sem liberdade”, mas vale obviamente também o recíproco: “não há liberdade sem pão”. É necessário, no entanto, ter claro que os direitos humanos, que devem ser de “pão e liberdade” para todos e para cada um, não são de fato humanos no sentido de serem inscritos espontaneamente no coração do *homo sapiens*. A prevaricação, a prepotência, a violência, a “lei” do mais forte parecem mesmo ser com frequência a tendência mais natural. Os direitos humanos são, na realidade, direitos *civis*, escolhidos *contra naturam* através de lutas democráticas dos séculos mais re-

8 Thomas Jefferson (1743-1826): terceiro presidente dos Estados Unidos (1801-1809), e o principal autor da declaração de independência (1776) daquele país. Jefferson foi um dos mais influentes Founding Fathers (os “Pais Fundadores” da nação), conhecido pela sua promoção dos ideais do republicanismo nos Estados Unidos. Visualizava o país como a força por trás de um grande “Império de Liberdade” que promoveria o republicanismo e combateria o imperialismo do Império Britânico. (Nota da IHU On-Line)

“Os direitos humanos são parte integrante desta luta que deve retornar. Mas para ser ‘humanos’, devem valer realmente para todos”

centes. Estes direitos civis são filhos do relativismo, porque jamais teriam podido nascer sem o princípio do *autós-nomos*, incompatível, como é óbvio, com qualquer “soberania de Deus”.

IHU On-Line - Que valores são comuns entre cristãos e ateus?

Paolo Flores D’Arcais - Dadas estas premissas que acabo de expor, existe um terreno comum de ação ente ateus e crentes? Certamente, depende do tipo de ateus e do tipo de crentes. Não existe, de fato, *uma* moral ateia. Existem tantas e um ateu pode ser uma flor de reacionário. E também não existe *uma* moral dos crentes, mas tantas quantas as interpretações das religiões. Consequentemente, o terreno comum não depende da fé, mas das escolhas ético-políticas de cada um, seja ele ateu ou crente. Por exemplo, entre ateus democráticos que combatem por “justiça e liberdade” e crentes que levam a sério o Evangelho quando se lança contra os ricos (praticamente em cada página) e quando solicita que “teu dizer sim seja sim e teu dizer não seja não, porque o restante vem do demônio”, há plena consonância.

LEIA MAIS...

>> Paolo Flores D’Arcais já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira.

* *É impossível falar de moralidade do indivíduo contemporâneo*. Publicada na edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, disponível em <http://migre.me/2VWep>;

* *Uma cruzada obscurantista*. Publicada nas Notícias do Dia 07-04-2007 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/2VWlO>;

* *“A ditadura do relativismo é o horizonte do pluralismo”*. Publicada nas Notícias do Dia 01-11-2006 do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/2VWno>.

Niilismo: desespero e superação

Brasileiros têm um “relativismo infiel”, e a estrutura social oligárquica fomenta a relativização das normas e, consequentemente, o clientelismo, aponta o filósofo Luiz Filipe Pondé

POR MÁRCIA JUNGES

Para o filósofo Luiz Filipe Pondé, o “niilismo é um conceito mais grave e amplo do que relativismo, porque implica tanto no desespero deste quanto numa possível superação em direção a utopias como a nietzschiana, mas que pode representar em algum grau uma espécie de saída psicoterapêutica”. Questionado se havia alguma peculiaridade no caso do niilismo e relativismo brasileiros, respondeu: “Antropólogos afirmam que os índios brasileiros sempre foram dados a conversões superficiais... Diante do padre eram católicos, longe dele, voltavam aos seus deuses... Somos assim, de um relativismo infiel... Além disso, a estrutura social bastante oligárquica produz um viés de relativização das normas a favor do clientelismo. Mas, fora isso, penso que sofremos do mesmo tipo de relativismo típico da modernização avançada”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Pondé leciona no Departamento de Teologia da PUC-SP e na Faculdade de Comunicação da Fundação Armando Álvares Penteado. Graduado em Medicina pela Universidade Federal da Bahia e em Filosofia Pura pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea pela USP e em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris VIII, França. Doutor em Filosofia Moderna pela USP e pós-doutor pela Universidade de Tel Aviv, Israel, escreveu *O homem insuficiente* (São Paulo: Edusp, 2001); *Crítica e profecia. Filosofia da religião em Dostoievski* (São Paulo: Editora 34, 2003); *Conhecimento na desgraça. Ensaio de epistemologia pascaliana* (São Paulo: Edusp, 2004); e *Do pensamento no deserto*, que será em breve lançado pela Edusp. Confira e entrevista.

IHU On-Line - O que explica o niilismo ético e o relativismo de valores que presenciamos no século XXI?

Luiz Filipe Pondé - A modernização avançada implica velocidade, rearranjo de modos de vida, mais viagens que produzem comparações de comportamento, avanços das ciências pondo em cheque os modos de enfrentamento da vida via tradição, mídia e redes sociais que instigam novos comportamentos e novas práticas de vida. Niilismo é um conceito mais grave e amplo do que relativismo, porque implica tanto no desespero deste quanto numa possível superação em dire-

ção a utopias como a nietzschiana, mas que pode representar em algum grau uma espécie de saída psicoterapêutica, como ele mesmo pensava de certa forma. Isto é, tornar-se um tanto desligado do desespero que busca sentido na vida.

IHU On-Line - Há peculiaridades desse relativismo no caso da sociedade brasileira? Quais seriam elas?

Luiz Filipe Pondé - Antropólogos afirmam que os índios brasileiros sempre foram dados a conversões superficiais... Diante do padre eram católicos, longe dele, voltavam aos seus deuses...

Somos assim, de um relativismo infiel... Além disso, a estrutura social bastante oligárquica produz um viés de relativização das normas a favor do clientelismo. Mas, fora isso, penso que sofreremos do mesmo tipo de relativismo típico da modernização avançada.

IHU On-Line - Qual seria o solo comum para o entendimento dos seres humanos numa sociedade com essas características niilistas?

Luiz Filipe Pondé - Essa questão é muito vasta quando tratada fora de âmbito pastoral ou político partidário. Penso que numa primeira apresentação, talvez, um campo comum seja o respeito pelas normas públicas, pouca invasão da vida privada pelo Estado, não confundirmos política com moral, multiplicidade religiosa (se não discutirmos muito as crenças de cada um...), respeito pela propriedade privada, mais cuidado com os desfavorecidos. Acho que o solo comum deve ser a busca de não termos um solo comum muito vasto, no sentido de deixarmos as pessoas viverem de modo a acomodarmos as diferenças, tendo ao nosso favor os hábitos cotidianos que tendem a produzir solos comuns, frutos da ação humana, e não de projetos racionalistas humanos.

IHU On-Line - Que espaço tem a solidariedade e a ética no contexto do niilismo?

Luiz Filipe Pondé - A ética é sempre uma tentativa de domá-lo; também como aposta nietzschiana em sermos responsáveis por nós mesmos e menos ressentidos. Solidariedade é sempre uma possibilidade de quando não estamos de mau humor.

LEIA MAIS...

- >> Luiz Filipe Pondé já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.
- * *A mística judaica*. Publicada na edição 133 da Revista IHU On-Line, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/2Uqa9>;
- * *Parricídio, niilismo e morte da tradição*. Publicada na edição 195 da Revista IHU On-Line, de 11-09-2006, disponível em <http://migre.me/2Uqgr>;
- * *A fé é dada pela graça*. Publicada na edição 209 da Revista IHU On-Line, de 18-12-2006, disponível em <http://migre.me/2Uqmj>;
- * *A Teologia da Libertação: será que ela não cre demasiadamente nas promessas modernas e na sua gramática hermenêutica?* Publicada na edição 214 da Revista IHU On-Line, de 02-04-2007, disponível em <http://migre.me/2Uqub>.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA
WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Teologia Pública

“Muitas vezes confundimos a semente do evangelho com o vaso que carrega a planta”

Auditor do Sínodo da Palavra em 2008, o teólogo uruguaio Daniel Kerber defende, a partir do documento pós-sinodal recentemente publicado, que é preciso compreender o universo cultural da Bíblia e os parâmetros culturais do povo ao qual a tradução se dirige hoje

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“O acontecimento do Sínodo transcende muito o documento que acaba de ser publicado”. A opinião é do teólogo e padre uruguaio Daniel Kerber, que participou como auditor da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, ocorrido em outubro de 2008, no Vaticano, em Roma. O documento referido por Kerber é a *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja* (São Paulo: Paulinas), documento redigido por Bento XVI, recentemente publicado, que sintetiza os debates do Sínodo, dando, assim, continuidade à assembleia sinodal anterior, sobre a Eucaristia.

Para o teólogo uruguaio, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, é necessária uma interpretação da Palavra que “atualize não só a mensagem, mas principalmente a Pessoa que está se comunicando”, diz. “Com frequência, na Igreja - continua -, confundimos a semente do evangelho com o vaso que carrega a planta”. Por isso, é preciso compreender o universo cultural da Bíblia e os parâmetros culturais do povo ao qual a tradução se dirige hoje.

Além disso, é preciso rever o currículo de formação dos candidatos ao ministério, segundo Kerber. Quando esse currículo foi pensado, há cinco séculos, “o importante era que os ministros tivessem um conhecimento dogmático que lhes permitisse enfrentar os hereges e defender-se de seus erros”. Desse modo, explica, eram formados como “pequenos professores de teologia”. Por isso, hoje é necessário “mudar os paradigmas de formação”. “Em nossos itinerários formativos, ainda estamos longe do que o Concílio propunha”, sintetiza.

Daniel Kerber é teólogo e padre da arquidiocese de Montevidéu, no Uruguai. Fez seu bacharelado em teologia na Faculdade de Teologia do Uruguai, agregada à Pontifícia Universidade Gregoriana. Tem mestrado em teologia pela Pontifícia Universidade Uruguaia, com especialidade em teologia bíblica, e doutorado na mesma área pela Faculdade de Teologia do Uruguai. Atualmente, é professor de Novo Testamento da Faculdade de Teologia do Uruguai e consultor de traduções das Sociedades Bíblicas Unidas, organização internacional dedicada à divulgação da Bíblia, presente em mais de 150 países. Em 2008, participou da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em Roma, como auditor. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como foi a sua participação no Sínodo? Que pontos centrais desse evento destacaria?

Daniel Kerber - Como leitor assíduo da Bíblia, quando soube que seria realizado um Sínodo sobre a Palavra, despertou-se em mim um grande desejo de poder participar, embora as possibilidades eram muito remotas, quase impos-

síveis. O Sínodo é de bispos e de muitos poucos outros participantes. Quando a Conferência Episcopal [do Uruguai] nomeou seu bispo delegado para o Sínodo [Dom Orlando Romero, bispo de Canelones], entraram em contato comigo para poder acompanhá-lo como colaborador. Foi assim que fui nomeado “auditor”, isto é, “escuta” da Assembleia

Sinodal. Para minha surpresa, quando cheguei, nos comunicaram que os “auditores” teriam quatro minutos para se dirigirem à Assembleia, diferentemente dos especialistas, que só tinham a palavra quando nos reuníamos nos Círculos Menores.

Acredito que é importante destacar que o acontecimento do Sínodo

transcende muito o documento que acaba de ser publicado. O fato de que a Igreja inteira, por meio dos bispos delegados, esteve refletindo e voltou a se propor o lugar da Palavra de Deus em todas as dimensões de sua vida e de sua pastoral é, sim, um sinal forte, e desse modo vivemos as três semanas da Assembleia Sinodal.

Na Assembleia, vivia-se em um ambiente muito positivo e desafiador: como voltar mais à fonte, como deixar que a Palavra de Deus seja de verdade a fonte da qual a Igreja se alimenta e a partir da qual compartilha sua riqueza com todos os homens e mulheres? Ao mesmo tempo, existia o desafio de comunicar de maneira viva e orgânica essa alegria e dinâmica que eram vividas durante a Assembleia em torno à Palavra de Deus.

IHU On-Line - Quais foram as orientações do Sínodo que o senhor considera mais importantes e que foram retomadas agora pela Exortação Pós-Sinodal *Verbum Domini*?

Daniel Kerber - São várias, e é difícil fazer um julgamento de maior importância. Simplesmente, elenco algumas que me parecem relevantes. O documento retomou a grande maioria das propostas dos padres sinodais. Entre elas, uma que surgiu dos bispos latino-americanos e foi felizmente retomada, a da *Animação Bíblica da Pastoral*. Isto é, a Bíblia não ocupa já um lugar a mais dentro das diversas pastorais, mas toda a pastoral deve ser animada pela Palavra (n. 73).

Outra orientação que me parece chave e que retoma a Constituição *Dei Verbum* do Vaticano II sobre a Revelação¹ é considerar o *estudo da Sagrada Escritura como a alma da teologia* (n. 31). Isso que já havia sido dito há mais de 40 anos volta a ser reproposto, principalmente na hora de se pensar suas implicações na formação exegética e teológica, particularmente dos candidatos ao sacerdócio (n. 47). Isto é, propunha-se na Assembleia a necessidade de reformular o currículo de estudos e da própria teologia, fazendo

“Como voltar mais à fonte, como deixar que a Palavra de Deus seja de verdade a fonte da qual a Igreja se alimenta e a partir da qual compartilha sua riqueza?”

da Palavra de Deus o centro.

A outra chave que me parece muito relevante é a que se refere à *interpretação da Bíblia*. A contribuição que o Papa fez na Assembleia Sinodal foi retomada na Exortação Pós-Sinodal (n. 34) e aprofunda aspectos que a *Dei Verbum* já havia proposto. Essas chaves hermenêuticas implicam em três critérios básicos para levar em conta a dimensão divina da Bíblia: 1) interpretar o texto considerando *a unidade de toda a Escritura*; isso se chama hoje de exegese canônica; 2) ter presente a *Tradição viva de toda a Igreja*; e, finalmente, 3) observar a *analogia da fé*. “Somente quando se observam os dois níveis metodológicos, o histórico-crítico e o teológico, é possível falar de uma exegese teológica de uma exegese adequada a este Livro”². Seguindo esses critérios, se ajudará muito a uma inteligência mais profunda da Palavra de Deus e pode-se tornar possível o encurtamento da distância atual entre teologia e exegese.

Naturalmente, esses pontos, assim como outros muito relevantes da Exortação Pós-Sinodal, devem ser implementados. Não basta a simples publicação do documento. Deverão ser tomadas as decisões operativas em nível de Igreja universal com seus dicastérios e comissões e em nível diocesano, para que o que a Igreja propõe por meio do Sínodo vá se realizando nos diversos lugares.

IHU On-Line - Como está sendo recebido na Igreja em geral ou latino-americana esse documento que marca um momento importante na história da reflexão da Igreja sobre a Palavra de Deus? Estando em Roma agora, como o senhor percebe as repercussões do documento?

Daniel Kerber - Ainda é muito cedo para fazer uma avaliação da recepção do documento. Em geral, a avaliação que é feita da exortação é muito positiva. O documento retoma basicamente as propostas dos Padres Sinodais. No entanto, também há em muitos uma percepção de que é um texto muito longo - justamente pela profundidade. E essa extensão pode ser um obstáculo na hora da difusão para o grande público, inclusive para muitos ministros. Será preciso ver o modo de fazer chegar as decisões do Sínodo às pessoas, seja por oficinas ou por textos mais em chave de divulgação, que permitam comunicar a riqueza da reflexão pós-sinodal a toda a Igreja.

IHU On-Line - Em geral, quais são as diferenças ou semelhanças com a Constituição *Dei Verbum* do Vaticano II? Que novas luzes sobre a Palavra de Deus são destacadas?

Daniel Kerber - O Sínodo foi convocado com o tema que faz referência ao título do último capítulo da *Dei Verbum*: “A Sagrada Escritura na vida e na missão da Igreja”. Nesse sentido, queria continuar não só a reflexão, mas também principalmente a dimensão operativa e dinâmica da Palavra de Deus *na vida e na missão* da Igreja. Por isso, é um documento em continuidade com a *Dei Verbum*, e uma continuidade, sobretudo, em nível do desenvolvimento da pastoral da Igreja em relação à Bíblia.

Uma das dimensões que surgiu na Assembleia e foi retomada pelo documento é a *sacramentalidade da Palavra* (n. 56). Essa categoria da sacramentalidade permite um novo aprofundamento na compreensão da Palavra e exige um novo acesso a ela. Também é preciso levar em conta a primeira parte do documento, em que se trata da analogia da Palavra (n. 7ss). A Palavra de Deus não é só a Bíblia, mas é, acima de tudo, *A Palavra*,

1 Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, publicada pelo Papa Paulo VI em 1965. Disponível em <http://bit.ly/3Z1SG>. (Nota da IHU On-Line)

2 Intervenção do Papa Bento XVI na 14ª Congregação Geral da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, no dia 14 de outubro de 2008. Disponível em <http://migre.me/2Z3yP>. (Nota da IHU On-Line)

que é “o Verbo” do qual fala o prólogo do quarto evangelho. E se dá uma relação íntima entre a Palavra de Deus e o Verbo, pois Ele não é só o revelador do Pai, mas também, em si mesmo, é a plenitude da Revelação, como diz Jo 14,9, “quem me viu, viu o Pai”.

IHU On-Line - O que lhe motivou a estudar a Bíblia? Como vê, pessoalmente, a importância e o significado de seu conteúdo no século XXI? Que hermenêutica é necessária para o tempo de hoje?

Daniel Kerber - Já desde adolescente eu sentia uma atração particular pela Bíblia, não muito refletida. Aos 20 anos, já havia lido do Gênesis até o Apocalipse. Não tinha muita consciência do que significava o que eu lia, mas sentia um chamado a entrar nela, a escutar o que Deus dizia ao longo dos tempos e hoje. Depois, nos estudos teológicos, fui descobrindo mais a sua riqueza. Sobretudo por meio de mestres que eram testemunhas, não só do seu grande conhecimento, mas também de um *saber* que tinha muito de sabedoria, de *sabor*. Isso me levou a continuar aprofundando depois, na pós-graduação, os estudos bíblicos, não só em chave de estudo acadêmico, mas também como fonte de vida. A Bíblia, como meio no qual Deus sai ao nosso encontro, nos fala e se comunica conosco.

Deus continua falando incessantemente com o seu povo, com seus filhos e filhas. Sua palavra continua se tornando viva. O conteúdo da Palavra lido na perspectiva de quem crê continua nos revelando hoje o Deus da vida. Mas, sobretudo, a Palavra de Deus continua sendo um meio privilegiado no qual nos encontramos com o Deus da Palavra. Por isso, é necessária uma interpretação que atualize não só a mensagem, mas principalmente a Pessoa que está se comunicando. Uma leitura da Palavra na Igreja significa uma leitura de quem crê, e esta supõe a fé de que Deus nos fala por meio de sua Palavra. É necessário saber o que o texto diz e quais são os modos humanos por meio dos quais Deus foi se manifestando através dos tempos, mas isso não é suficiente. Uma leitura de quem crê implica em nos abirmos

“Queremos que os ministros sejam formados como ‘pequenos professores de teologia’ ou como pastores apaixonados pelo evangelho da vida?”

a um Deus vivo que continua se comunicando e, nessa comunicação, nos salva e nos dá vida.

IHU On-Line - Um dos temas do Sínodo, reforçado pela Exortação, é o anúncio da Palavra de Deus ao mundo. Como podemos compreender o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo, multicultural e multirreligioso?

Daniel Kerber - O anúncio da Palavra de Deus ao mundo tem sua base no mistério da Encarnação. “A Palavra se fez carne e pôs sua morada entre nós, e nós contemplamos sua glória...” (Jo 1,14). Jesus assumiu todo o humano - menos o pecado - e nesse assumir o uniu em sua pessoa ao divino. Assim começa uma dinâmica de divinização que transforma tudo. A Igreja, como sacramento de Cristo, continua sua tarefa com sua palavra e com suas obras. Como Igreja, estamos no mundo, mas não somos do mundo, como diz Jesus no quarto evangelho (17,14s), e, ao mesmo tempo, somos enviados ao mundo para ser testemunhas da verdade que nos possui.

Os homens vão tomando uma maior consciência da multiculturalidade, e, ao mesmo tempo, nunca como agora assistimos a um avassalamento de culturas. A Igreja não é alheia a esse intercâmbio, e, ao longo da história, foi-se vendo uma relação diferente entre evangelho e cultura.

Uma imagem do teólogo metodista **Daniel T. Niles³**, do Sri Lanka, pode nos

³ Daniel Thambyrajah Niles (1908-1970): ministro da Igreja Metodista do Sri Lanka, foi cofundador e presidente da Conferência Cristã do Leste Asiático, secretário nacional do Student Christian Movement - SCM e secretário-geral do Conselho Nacional Cristão do Sri

ajudar a compreender essa relação: “O evangelho é como uma semente, e é preciso plantá-la. Quando se plantou a semente do Evangelho na Palestina, cresceu uma planta que pode ser chamada de cristianismo palestino. Quando se plantou em Roma, cresceu um cristianismo romano. Plantou-se na Grã-Bretanha e surgiu o cristianismo britânico. Mais tarde, a semente do Evangelho foi trazida para a América e cresceu uma planta de cristianismo americano. Mas quando vieram missionários às nossas terras, trouxeram não só a semente do evangelho, mas também as plantas de cristianismo, com o vaso incluído! Então, o que temos que fazer é quebrar o vaso, pegar a semente do Evangelho, plantá-la em nosso próprio terreno cultural e deixar que ela cresça em nossa própria versão de cristianismo”.

A imagem é muito gráfica, e naturalmente é preciso lê-la com seus matices. No entanto, mostra uma dimensão do equilíbrio frágil e que deve ser buscado permanentemente entre o centro do evangelho e a necessidade de “traduzi-lo”, isto é, de comunicá-lo em categorias que sejam receptíveis nas culturas onde ele é anunciado.

O desafio do diálogo em um mundo multirreligioso se apresenta, sobretudo, na Ásia, onde a Igreja é uma minoria em meio a tradições religiosas muito difundidas e com uma tradição milenar. Aqui, toca-se em vários elementos, por um lado o respeito às diversas tradições, a possível colaboração em diversas tarefas em que se têm perspectivas comuns; mas também é preciso levar em conta o perigo da perda de identidade e um falso respeito que seria não anunciar o evangelho, ou anunciar do evangelho só aqueles aspectos que pensamos que poderiam ser aceitos. Tendo sido alcançados pelo evangelho, “não podemos deixar de anunciar o que temos visto e ouvido” (At 4, 20).

IHU On-Line - Um de seus trabalhos é como consultor de traduções da Bíblia. Que desafios o senhor encontra

Lanka. Com a morte de Martin Luther King, foi eleito presidente do Conselho Mundial de Igrejas. Foi um grande defensor e promotor do ecumenismo protestante na Ásia. (Nota da IHU On-Line)

nessa função? Como vê o processo de “atualizar” e “dinamizar” a Palavra de Deus e seu sentido mais profundo para o homem e a mulher de hoje, especialmente da América Latina?

Daniel Kerber - Retomando a imagem de D. T. Niles, temos que reconhecer que, com frequência, na Igreja, confundimos a semente do evangelho com o vaso que carrega a planta. Traduzir não é mudar algumas palavras de uma língua por outras de outra língua, mas sim compreender o universo cultural em que foi se formando a Bíblia ao longo de mil anos, com suas matizes, investigar e descobrir a mensagem que é comunicada com o texto, compreender os parâmetros culturais do povo ao qual a tradução se dirige hoje e tornar acessível essa mensagem.

Com frequência, inconscientemente, fazemos uma identificação falsa. Pensamos que uma tradução fiel é uma tradução literal. No entanto, a fidelidade de toda a tradução tem dois polos: por um lado, o texto bíblico (em sua língua original, com seu contexto histórico, geográfico, político, religioso próprio), mas, por outro, o polo do povo para o qual se traduz. É preciso conhecer sua linguagem, mas é preciso conhecer também quais são os valores, as expectativas, os sonhos, os medos, isto é, a cultura desse povo, para assim poder moldar com fidelidade uma mensagem que é de salvação para todos.

Na América Latina, estamos há mais de 500 anos buscando viver o evangelho, com seus acertos e seus erros. Como crentes, como Igreja, sabemos que nos foi entregue uma mensagem, um evangelho que possuímos (ou melhor, somos possuídos por ele) e que está em sua própria dinâmica o comunicá-lo. “Pobre de mim se eu não anunciar o Evangelho!”, dizia Paulo aos Coríntios (1Co 9,16). A Palavra de Deus nos abre ao encontro do Deus da Palavra, e esse Deus que salva, continua se entregando, continua abrindo caminho. É Ele mesmo que “atualiza”, porque se faz *atual*, presente e porque é em sua força (*dynamis*) que somos enviados.

Estas são as últimas palavras no evangelho de Mateus: “Todo poder no céu e na terra me foi dado, por isso vão e façam discípulos a todas as na-

“Somos percebidos como comunidade da Palavra, mas por que não somos percebidos como comunidade da escuta?”

ções... e vejam que eu estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,18-20). A atualização da Palavra não é o fruto do esforço da Igreja por comunicar, mas é, acima de tudo, a obra do próprio Jesus que continua presente e operante em seu povo. A partir dessa certeza, sim, a Igreja se lança com todas as suas forças e consciente também de suas debilidades a alcançar a todos os povos com o Evangelho da salvação.

As mulheres e os homens dos nossos povos continuam sendo necessitados, porque somos limitados, pobres; muitas vezes fazemos o mal que não queremos, e o que queremos, não o fazemos. Deus sai ao encontro das nossas vidas e nos revela sua mensagem de que somos filhos, filhas e, porque filhos, amados. Esta é mensagem que está no centro do evangelho de Jesus: Deus é Pai e quer que seus filhos vivam fazendo parte do seu reinado.

IHU On-Line - Em sua intervenção no Sínodo, o senhor defendeu que “é necessário mudar o paradigma de formação, pondo no centro a Palavra viva de Deus”. Em que sentido?

Daniel Kerber - Quando falei de formação, estava me referindo especificamente ao itinerário acadêmico daqueles que são formados para o presbiterado. O currículo de formação dos candidatos ao ministério tem sua origem na contrarreforma tridentina. Ali, a Igreja, diante da enorme crise que suscitou a reforma protestante, quis preparar melhor seus ministros, e o modelo era naturalmente um reflexo dos perigos que representavam naquele momento os que a Igreja chamava de “hereges”.

Frente a esse perigo, o importante era que os ministros tivessem um conhecimento dogmático que lhes permitisse

enfrentar os hereges e *defender-se de seus erros*. Desse modo, a preparação acadêmica dos ministros era pensada como a de um “pequeno professor de teologia”, que estivesse preparado para *defender a ortodoxia da fé*.

Depois de cinco séculos, parece necessário mudar os paradigmas de formação. Queremos que os ministros sejam formados como “pequenos professores de teologia” ou como pastores apaixonados pelo evangelho da vida e capazes de comunicá-los nas diferentes encruzilhadas de caminhos do nosso tempo? Não é que a analogia não seja importante, pelo contrário, mas qual é a chave a partir da qual se ensina e a partir da qual se aprende?

Na qualidade de professor por mais de 15 anos, vi com dor como, em muitos casos, o estudo da teologia se transformava para os seminaristas no “mal necessário” que tinham que passar para chegar ao que queriam, que era ser sacerdotes. E, por outra parte, a queixa sincera de não ver a relação entre a teologia que lhes era ensinada e o ministério que lhes era proposto de ser portadores, de um evangelho que traz a salvação.

O Vaticano II, já na Constituição *Dei Verbum*, propunha que o estudo da Sagrada Escritura fosse a alma da teologia. Em nossos itinerários formativos, ainda estamos longe do que o Concílio propunha. É nesse sentido que eu defendia uma mudança de paradigma da formação sacerdotal. Como fazer o estudo da Palavra a partir de uma perspectiva de quem crê, que aprofunda o encontro com Deus que transforma, a alma da teologia. E que essa teologia, como reflexão atualizada do que Deus opera e mostra na história, seja fonte do trabalho pastoral de toda a Igreja, e não como é percebida por muitos, como um estudo sistemático da Bíblia, tradição e magistério, do qual se vê muito pouca relação com o viver e o agir da Igreja no mundo.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar ou destacar algum outro ponto?

Daniel Kerber - Durante a Assembleia Sinodal, falou-se com frequência da Igreja não como comunidade do Livro, mas sim como *comunidade da Palavra*. Também somos visto de fora como comunidade da Palavra. No entanto, há

“É necessária uma interpretação que atualize não só a mensagem, mas principalmente a Pessoa que está se comunicando”

vezes em que perdemos uma dimensão intrínseca disso. Se somos comunidade da Palavra, então somos também a *comunidade da escuta*. Jesus mesmo, sendo *A Palavra*, começa seu ministério com um ministério de escuta. Depois do Batismo de Jesus, abriu-se o céu e *ouve-se uma voz* que dizia: Tu és meu filho (Mc 1,9s). Depois, ele irá levar seus discípulos ao monte e serão eles que escutarão (Mc 9,7s). Quando perguntam a Jesus qual é o primeiro dos mandamentos, ele responde: o primeiro dos mandamentos é: “Ouve, Israel...” (Mc 12,29).

Essa dimensão da Palavra que traz consigo a necessidade da escuta parece ser frequentemente descuidada na Igreja. Somos percebidos como comunidade da Palavra, mas por que não somos percebidos como comunidade da escuta? É-nos ensinado realmente a escutar? Ensinamos os nossos irmãos a escutar na Palavra de Deus da vida, ou enchemos os nossos espaços de palavra de homem que, às vezes, pode pelo contrário ocultar a Palavra de Deus? Que tipo de ouvidos são os que queremos? Aqueles que simplesmente ouvem e repetem o que ouviram, ou aqueles que compreendem e, quando não compreendem, perguntam, questionam, buscam, desafiam...?

É certo, é mais fácil não ter questionamentos, mas não devemos temer os questionamentos, porque, por trás das perguntas sinceras do homem e da mulher de hoje, poderemos buscar os caminhos para responder com maior fidelidade ao evangelho e também à voz do Senhor que continua se manifestando nos desejos mais profundos da humanidade.

A Palavra de Deus como “acontecimento” e “encontro”

O conceito base da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* - a Palavra de Deus - é primordialmente um “acontecer” e um “encontro”, um “evento de comunicação de si mesmo que Deus realiza para conosco”, afirma o teólogo jesuíta Johan Konings

POR MOISÉS SBARDELOTTO

No último dia 30 de setembro, o Papa Bento XVI publicou o documento final da XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, ocorrido em outubro de 2008, no Vaticano, em Roma. Intitulado Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, o documento dá continuidade à assembleia sinodal anterior, sobre a Eucaristia, marcando assim “o próprio coração da vida cristã” - Eucaristia e Palavra -, segundo as palavras do pontífice.

Para analisar o documento e sua repercussão na vida da Igreja, a *IHU On-Line* entrevistou por e-mail o teólogo jesuíta Johan Konings, que participou como perito, em 2008, da Assembleia do Sínodo dos Bispos. Professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, em Belo Horizonte, Konings afirma que “a Exortação procura fomentar a dimensão teológico-espiritual da leitura bíblica como mensagem para a vida pessoal e comunitária hoje, sem abrir mão do estudo científico do sentido primeiro, sem o qual o sentido de atualidade não teria base”.

Por isso, explica, o conceito base do documento - a Palavra de Deus - é entendida primordialmente como um “acontecer” e como um “encontro”. Ou seja, introduz-nos no “ato, o ‘evento’ de comunicação de si mesmo que Deus realiza para conosco sua autocomunicação ou revelação”. E tudo isso envolvido pelo sentido do “belo”, pois a Palavra de Deus “não é um comando, lei, receita, constato ou definição. É uma palavra que mais abre do que fecha o sentido - e estas são características da arte”, que “supera os nossos sentidos” e “nos faz ver o Deus que ninguém jamais viu”.

Johan Konings é padre jesuíta nascido na Bélgica, professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Participou como perito na XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em Roma, em 2008, com o tema A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. Filósofo e filólogo, concluiu o doutorado em Teologia na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Entre seus livros publicados, citamos *A Palavra se fez livro* (Loyola, 2010, 4ª ed.) e *Ser cristão - Fé e prática* (Vozes, 2003, 5ª ed.). É autor, também, do artigo *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI*, publicado pelos *Cadernos Teologia Pública*, nº 1, do IHU, disponível em <http://migre.me/34rPv>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor analisa a recente Exortação Apostólica *Verbum Domini* a partir dos debates e das questões destacadas no Sínodo, em 2008?

Johan Konings - Este documento apresenta com bastante fidelidade o que foi dito no Sínodo, tanto nos relatórios como nas Proposições aprovadas pela Assembleia. Evidentemente, tudo passou por um amplo processo de redação e de enriquecimento, sobretudo mediante citações de documentos anteriores do Magistério, dos Santos Padres, do próprio Bento XVI. Como todos esses elementos estão identificados nas referências de fonte (nas notas de rodapé), fica fácil reconhecer os acentos próprios que o Papa houve por bem reforçar, como sejam, principalmente: o encontro pessoal com Cristo, a questão do secularismo e a dimensão da fé, ou, mais exatamente, a circularidade dos métodos histórico-crítico e teológico no estudo bíblico. E também a liturgia e a *lectio divina*¹.

IHU On-Line - A Exortação também se apresenta como um aprofundamento da Constituição *Dei Verbum*², do Concílio Vaticano II³. Em geral, quais são

1 A *Lectio divina*, segundo a Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, do Concílio Vaticano II, é “a escuta religiosa e piedosa da leitura sagrada da Escritura”. É, assim, uma prática e método de oração, reflexão e contemplação praticado desde tempos antigos, particularmente nos mosteiros. (Nota da IHU On-Line)

2 Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina, publicada pelo Papa Paulo VI em 1965. Disponível em <http://bit.ly/3Z15G>. (Nota da IHU On-Line)

3 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O IHU promoveu, de 11 de agosto a 11-11-2005, o Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II - marcos, trajetórias e perspectivas. Confira, também, a edição 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes:*

“A Exortação procura fomentar a dimensão teológico-espiritual da leitura bíblica como mensagem para a vida pessoal e comunitária hoje, sem abrir mão do estudo científico do sentido primeiro”

as ressonâncias ou os distanciamentos entre esses dois documentos?

Johan Konings - Como o foi o Sínodo, a Exortação é uma reflexão a partir da *Dei Verbum*, e também da anterior Encíclica *Divino Afflante Spiritu*⁴ de Pio XII⁵ e do posterior documento da Comissão Bíblica de 1993⁶. À primeira vista, não aparecem contradições. Talvez os teólogos mais críticos descobriam, com o tempo, diferenças de acento, mas não parece que algo de essencial esteja em jogo. Poderíamos dizer que Pio XII, o Concílio e a Comissão Bíblica estavam mais preocupados em legitimar o estudo histórico-crítico e literário, enquanto a Exortação, refletindo certamente a preocupação do próprio Papa, procura fomentar a dimensão teológico-espiritual da leitura bíblica como mensagem para a vida pessoal e comunitária hoje, sem abrir mão do estudo científico do sentido primeiro, sem o qual o sentido de atualidade não teria base.

40 anos, disponível para download na página eletrônica do IHU, <http://migre.me/KtJn>. Ainda sobre o tema, a IHU On-Line produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível no link <http://migre.me/KtJE>. (Nota da IHU On-Line)

4 Carta Encíclica do Papa Pio XII *Divino Afflante Spiritu* sobre os Estudos Bíblicos, publicada em 1943. Disponível em <http://bit.ly/dMzbic>. (Nota da IHU On-Line)

5 Papa Pio XII (1876-1958): nascido *Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli*, foi eleito Papa em 2 de março de 1939. Foi o primeiro Papa romano desde 1724. (Nota da IHU On-Line)

6 Documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, disponível em <http://bit.ly/3hZDIT>. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - O tema central do Sínodo foi a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. Em traços gerais, como a Exortação final interpreta e atualiza o conceito “Palavra de Deus”?

Johan Konings - O que, para o teólogo, mais salta à vista é que este documento fala da Palavra de Deus como um “acontecer” e como um “encontro”. Costumeiramente, ao ouvir o termo “Palavra de Deus”, pensamos quase automaticamente num livro, a Bíblia; e quando se diz “o Verbo de Deus”, pensamos na segunda pessoa da Santíssima Trindade, Deus Filho. Claro, tudo isso está certo, mas o documento quer abrir nosso olhar e nosso modo de pensar para o ato, o “evento” de comunicação de si mesmo que Deus realiza para conosco sua autocomunicação ou revelação. Essa é uma realidade maior do que a Bíblia. A Bíblia faz parte da palavra de Deus e a contém de modo totalmente singular, mas não é pura e simplesmente “a Palavra de Deus”. Por outro lado, o evangelista João diz que Jesus é a Palavra de Deus em pessoa (leia o Evangelho de João, especialmente 1,14 e 1,16-18). E devemos completar isso pelo que diz o início da Carta aos Hebreus (Hb 1,1-2): “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho...”.

Deus não é um objeto sobre o qual possamos falar como se estivesse disponível à nossa observação e elucubração. “Ninguém jamais viu Deus” (João 1,18; cf. 6,46; 1ª Carta de João 4,12). Mas “o Unigênito, que é Deus e está junto do seio do Pai, este no-lo deu a conhecer” (João 1,18). E esse “dar a conhecer” não é um ensinamento em forma de conceitos, dogmas ou teses, mas uma história que se narra ou se expõe, como diz o texto original de João 1,18 (*exegésato*, em grego). É a história de Jesus de Nazaré. Ao narrar-se o que aconteceu em Jesus de Nazaré conhecemos a Deus, que ninguém jamais viu. Na hora de concluir sua história na terra, Jesus dirá: “Quem me viu, viu o Pai” (João 14,9), pois naquela hora ele vai dar sua vida por amor até o fim, e assim ele mostra Deus, pois “Deus é amor” (1João 4,8.16).

Esse acontecer, em que Deus se dá a conhecer, só chega a seu pleno efeito se se torna um encontro pessoal com aquele que é sua Palavra, Jesus de Nazaré, e para isso serve como base a narrativa de sua história, enraizada na história de seu povo, respectivamente no Novo e no Antigo Testamento. Mas para que o encontro se realize, não basta ler essas histórias. Precisa do ambiente da Tradição viva que, animada pelo Espírito de Cristo, o torna presente a nós hoje, na proclamação, na memória celebrada e na vivência de sua prática de vida.

Além de ver a Palavra de Deus como evento, como acontecer, o documento acentua também fortemente a *unidade* da Palavra de Deus, o que pode até ser uma chave de leitura. Pois exatamente a unidade da Palavra em suas diversas manifestações, como a descreve o conceito analógico que a primeira parte sublinha, permite ver a homogeneidade entre o sentido histórico de sua manifestação como registrada nas Escrituras, e o sentido atual hermeneuticamente desdobrado. É sempre a mesma Palavra que fala e nos convoca a dialogar.

IHU On-Line - O documento também dedica um capítulo à parte para refletir sobre “a interpretação da Sagrada Escritura na Igreja” (n. 29). Como o senhor analisa a hermenêutica proposta pela Exortação?

Johan Konings - O texto fica perto dos ensinamentos de Pio XII (*Divino afflante Spiritu*) e do Concílio Vaticano II (*Dei Verbum*), completados pelo documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1993. O acento está no caráter eclesial. A oposição Tradição/Escritura parece superada, pois a Escritura é vista como parte da Tradição viva, mais especificamente, como seu momento fundador e referencial. Em torno disso, porém, há muito que esclarecer, sobretudo quanto à referência primordial em Cristo, que num certo sentido faz, do Novo, o “primeiro” Testamento. E também, quanto à relação dialética entre Tradição e Escritura, pois foi a própria Tradição viva que estabeleceu em que consiste o tesouro escriturístico...

O texto vê num mesmo olhar a referência a Cristo e sua comunidade,

“O Documento acentua também fortemente a unidade da Palavra de Deus, o que pode até ser uma chave de leitura. É sempre a mesma Palavra que fala e nos convoca a dialogar”

que, guiada pelo mesmo Espírito que é o do Senhor, encontra na Escritura a Palavra de Deus que inspira a sua vida. Ora, por trás disso está um processo de “abertura do texto”, e nesta abertura a exegese histórico-literária e a hermenêutica, ou interpretação atualizante, devem dar-se as mãos.

O termo “hermenêutica”, no sentido positivo, não é muito comum em documentos do Magistério supremo, mas a realidade que ele aponta não é nova. A exegese tradicional sempre privilegiou o sentido espiritual, e foi só no século XX que a Igreja Católica deu um lugar oficial - e ainda assim controvertido - à exegese histórico-crítica. No futuro, deverá ser aprimorada a articulação entre a exegese histórico-crítica, que investiga o que o autor quis dizer aos destinatários primeiros, e a hermenêutica, que estuda a nova abertura de sentido para cada geração, já desde o momento em que os escritos foram canonizados e interpretados em vista de seu conjunto (leitura canônica) e em vista da fé da Igreja (analogia da fé). Pouco importa que essa “leitura aberta” se chame de “sentido pleno” ou “espiritual” (suscitado pelo Espírito), sempre deverá ser homogênea com o sentido original, histórico, pois senão a *analogia fidei* perderia seu elo primeiro.

É no contexto dessas questões que se valoriza a preocupação em manter unidos os dois níveis da leitura bíblica, o nível histórico-crítico e o nível teológico (n. 34). Um não pode excluir o outro, nem devem os dois ficar justapostos, o que provocaria um dualismo insustentável (n. 35). Acertadamente, o tex-

to relaciona isso com a problemática, mais ampla, de razão e fé (n. 36). É na perspectiva do sentido ampliado que se considera a unidade do Antigo e do Novo Testamento e a superação da “letra” (nn. 37-41). A crítica ao fundamentalismo cabe bem no quadro do documento (n. 44), pois este, como vimos, valoriza a semântica aberta, o que o fundamentalismo nega. E é valioso o parágrafo sobre a vida cristã, especialmente dos santos, como “hermenêutica viva” da Palavra de Deus (n. 49).

IHU On-Line - Outra questão levantada pela Exortação é a liturgia, já que “na ação litúrgica, a Palavra de Deus [...] [se] torna operante no coração dos fiéis” (n. 52). À luz do documento, como se dá essa relação entre Palavra e liturgia? Como podemos repensar essa relação na vida da Igreja, diante dos desafios da contemporaneidade?

Johan Konings - Considerando a Igreja como “*casa da Palavra*”, pensa-se antes de tudo na liturgia, âmbito privilegiado onde Deus fala hoje ao seu povo que escuta e responde. Cada ação litúrgica é impregnada pela Sagrada Escritura. O próprio Cristo está presente na sua palavra: é Ele que fala quando é lida na Igreja a Sagrada Escritura. A Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela ação do Espírito Santo, que sugere a cada um tudo aquilo que, na proclamação da Palavra, é dito para a assembleia inteira. E, enquanto reforça a unidade de todos, o Espírito favorece também a diversidade dos carismas e valoriza a ação multiforme.

Em certo sentido, a *hermenêutica da fé relativamente à Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a liturgia*, onde a Palavra de Deus é celebrada como palavra atual e viva. Dispondo a leitura da Palavra de Deus em torno do centro que é o Mistério Pascal, o Ano Litúrgico mostra os mistérios fundamentais da nossa fé.

O texto fala muito do caráter formativo da Palavra na liturgia, tanto da Eucaristia como dos outros sacramentos. A palavra não só fala, mas age. Por isso, a *liturgia da palavra* é um elemento decisivo em todos os sacramentos. Não há separação entre o que Deus diz e faz. Na ação litúrgica,

sua Palavra realiza aquilo que diz. O documento aponta dois exemplos: o sinal do Pão no capítulo 6 do Evangelho de João e a história de Emaús, em Lucas 24.

A Palavra de Deus, lida e proclamada na liturgia pela Igreja, conduz ao banquete da graça, a Eucaristia. Palavra e Eucaristia não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico. A Eucaristia abre-nos à inteligência da Sagrada Escritura, e esta, por sua vez, ilumina e explica o mistério eucarístico. Sem o reconhecimento da presença real do Senhor na Eucaristia, permanece incompleta a compreensão da Escritura. Em palavras mais simples: na proclamação do Evangelho (emoldurado pelas outras leituras e pelo Salmo Responsorial, que é também Palavra de Deus), Jesus *diz* em que consiste o Reino, o Projeto do Pai. E na consagração, celebramos a memória de como ele *colocou isso na prática*, dando sua vida até a morte. Palavra e ação, inseparavelmente unidas. Por isso, a principal celebração cristã tem a Mesa da Palavra e a Mesa do Pão, e pede-se que isso transpareça até na disposição arquitetônica, sendo ambas devidamente acentuadas e visualmente relacionadas entre si.

Tudo isso tem consequências práticas para nossas comunidades: não é normal que - como acontece no Brasil - 70% das celebrações dominicais são celebrações da Palavra sem a consagração eucarística. Isso, por falta de sacerdotes. Será que não há meio de aliviar essa falta? E tem também consequências para o modo de celebrar e de assistir. Se a escuta da Palavra e a memória da Ceia da Aliança e da morte de Jesus constituem uma unidade, será que não deveria haver um pouco mais de compenetração em nossas eucaristias, músicas mais profundas, mais verdadeiramente bíblicas, cristológicas e comunitárias, menos individualismo e vedetismo, menos show? E que dizer das homilias, as quais, exatamente, deveriam mostrar a vinculação entre a palavra proclamada e o mistério celebrado, para fecundar a nossa vida e missão no dia a dia, na comunidade e no mundo?

“A Palavra de Deus é uma palavra de amor, e toda a palavra de amor envolve aquele a quem se destina. Não é um comando, lei, receita, constato ou definição”

Sobretudo, a Palavra, unida à memória sacramental do gesto, deve produzir em nós o fruto da caridade, numa forma coerente com nossa contemporaneidade, inclusive, com suas dimensões políticas e sociais e - por estarmos falando a universitários - científicas, mediante o saber responsávelmente assimilado e posto a serviço da humanidade, na qual a Palavra veio morar, e da criação, que por meio dela veio a ser.

IHU On-Line - Como já dizia o tema do Sínodo, a Exortação ressalta que a missão da Igreja é anunciar a palavra de Deus ao mundo. Nesse sentido, como podemos compreender o diálogo da Igreja com um mundo cada vez mais globalizado, multicultural e multirreligioso?

Johan Konings - Os primeiros cristãos consideraram o anúncio missionário como exigência da própria fé, que não pertencia a um âmbito cultural particular, mas ao da verdade, que diz respeito a todos (cf. Paulo no Areópago, At 17,16-34). Como disse o Papa certo dia, o cristão deve dizer a todos: “O Deus desconhecido mostrou-se, em pessoa, e agora está aberto o caminho para Ele. A novidade do anúncio cristão não consiste num pensamento, mas num fato: Ele revelou-se” (n. 93).

O dom do Espírito nos assimila a Cristo, o Enviado do Pai (Jo 20,21). Devemos descobrir a urgência e também a beleza de anunciar a Palavra para a vinda do Reino de Deus pregado por Jesus e que é *sua própria pessoa*. A luz de Cristo deve iluminar cada âmbito da humanidade, como palavra que desinstala, que chama à conversão e

propicia o encontro com Ele, para que floresça uma humanidade nova.

A globalização, característica da nossa época, permite viver em contacto mais estreito com pessoas de culturas e religiões diferentes, oportunidade providencial para promover relações de fraternidade universal e uma mentalidade que veja em Deus o fundamento de todo o bem, a fonte da vida moral e o sustentáculo do sentido de fraternidade. Lembra-se a Aliança estabelecida em Noé com toda a humanidade (Gn 9,13-16). Em muitas das grandes tradições religiosas aparece a ligação íntima entre a relação com Deus e a ética do amor universal.

Daí o respeito por todas as culturas e religiões que colaboram para isso, mas também a justa crítica quando isso não acontece - inclusive no tradicional âmbito cristão. Essa atitude positiva e ao mesmo tempo crítica se exprime, por exemplo, no parágrafo dedicado ao Islão (n. 118). Os muçulmanos reconhecem a existência de um único Deus, e sua tradição contém figuras, símbolos e temas bíblicos. Continue-se, pois, o diálogo sincero e respeitoso, fazendo votos de que se aprofundem o respeito da vida como valor fundamental, os direitos do homem e da mulher e a sua igual dignidade.

Tendo em conta a distinção entre a ordem sociopolítica e a ordem religiosa, as religiões devem dar a sua contribuição para o bem comum. Quanto à cultura propriamente, quero apontar três ideias:

1) A tradição admira os artistas “enamorados da beleza”, que se deixaram inspirar pelos textos sagrados e ajudaram a tornar de algum modo perceptível no tempo e no espaço as realidades invisíveis e eternas.

2) Recomenda-se o uso inteligente dos meios de comunicação social, bem como a atenção a seu rápido desenvolvimento e diversos níveis de interação. Há que reconhecer um papel crescente à internet, que constitui um novo fórum para a voz do Evangelho. Mas não pode ficar no virtual; deve chegar ao *encontro pessoal*. No mundo da internet, deverá sobressair *o rosto de Cristo* e ouvir-se a sua voz, porque, “se não há espaço para Cristo, não há espaço para o homem”.

3) Deus comunica-se numa cultura concreta, assumindo os códigos nela inscritos. Por outro lado, a Palavra tem caráter intercultural e deve ser transmitida em culturas diferentes - *evangelização das culturas* -, transfigurando-as a partir de dentro. Mas a inculturação do Evangelho não deve ser confundida com adaptação superficial ou mistura sincretista; só será um reflexo da encarnação do Verbo, quando uma cultura transformada e regenerada pelo Evangelho deixar crescer em seu próprio seio as “sementes da Palavra” e produzir na sua própria tradição expressões de vida cristã que sejam originais - não simplesmente importadas do Velho Mundo.

IHU On-Line - Destaca-se, no final, que o tempo atual urge “uma nova escuta da Palavra de Deus e [...] uma nova evangelização” (n. 122). Como o senhor analisa esse desafio no contexto atual da Igreja brasileira, “aqui e agora”?

Johan Konings - Continua necessária a *missio ad gentes*, aos que não conhecem o Evangelho de Cristo. A Igreja deve ir ao encontro de todos, com a força do Espírito, e continuar profeticamente a defender o direito e a liberdade de as pessoas escutarem a Palavra de Deus, procurando os meios mais eficazes para a proclamar, mesmo sob risco de perseguição.

Porém, há também nas regiões consideradas cristãs muitos que foram “batizados, e talvez até catequizados, mas não suficientemente evangelizados”, e que têm necessidade de um novo anúncio da Palavra de Deus. Nações outrora ricas de fé e de vocações vão perdendo a própria identidade, sob a influência de uma cultura secularizada. Daí a exigência de uma nova evangelização. Os “índios” a serem evangelizados encontram-se agora na Avenida Paulista⁷, nos Alphaville⁸...

Os horizontes imensos e a complexidade da situação presente requerem, hoje, novas modalidades para que a Palavra de Deus seja comunicada eficazmente, sob a guia do Espírito de Cristo.

⁷ A Avenida Paulista é um dos logradouros mais importantes do município de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Alphaville é um bairro nobre das cidades de Barueri e Santana de Parnaíba, pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo, Brasil. (Nota da IHU On-Line)

“O Documento brilha pela beleza e sensibilidade de suas expressões. É preciso captar essa dimensão estética para desfrutar toda a sua riqueza”

Ora, antes de mais nada, há a relação intrínseca entre *comunicação da Palavra de Deus* e *testemunho cristão*, pois é indispensável dar credibilidade à Palavra pelo testemunho vital. O testemunho comunica a Palavra atestada nas Escrituras, e as Escrituras explicam o testemunho que os cristãos são chamados a dar com a própria vida.

E ainda, nossa responsabilidade não se limita a sugerir valores que compartilhemos; é preciso chegar ao anúncio explícito da Palavra. Não há verdadeira evangelização, se não forem proclamados o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. A nova evangelização não se contenta, pois, com a divulgação de valores cristãos, ou com um serviço de inspiração cristã à sociedade, como fazem, por exemplo, muitas escolas ou universidades cristãs. Isso tem seu valor. Porém, o que é preciso mesmo é formar novos cristãos, que professem sua fé e pratiquem o que professam.

IHU On-Line - Como convite à leitura, que aspectos centrais o senhor destacaria no documento, para aprofundar o diálogo entre o “Deus que fala” e o homem que responde, hoje?

Johan Konings - A Exortação preocupa-se, em primeiro lugar, em orientar o destinatário da Palavra de Deus e do testemunho eclesial para o encontro pessoal com Cristo. O conhecimento da Bíblia, sem a qual não se pode conhecer Cristo, ocupa nisso um lugar central, desde que seja abordada numa perspectiva que leve Deus à fala, numa *lectio divina*.

Daí a importância da Cristologia da Palavra (nn. 11-13), ou seja, a exposi-

ção sobre a Palavra de Deus em Jesus Cristo como centro da teologia cristã, numa linguagem que ultrapassa o uso de conceitos “feitos e acabados”, mas possa evocar o acontecer da autocomunicação de Deus.

Em conexão com isso, a hermenêutica bíblico-teológica é vista como uma circularidade entre o estudo científico-crítico do verdadeiro fato histórico e a compreensão teológica que, por força de seu objeto, recorre à analogia, ao sentido ampliado ou “pleno” daquilo que é assinalado pelo sentido histórico. Sem desistir da racionalidade científica, tal hermenêutica permite conceber significações que superam a “letra”, sem se desprender dela.

Quanto à prática pastoral, deseja-se que toda a pastoral seja bíblica: se a Bíblia é o registro original e privilegiado da Palavra definitiva que Deus nos dirigiu em Jesus de Nazaré - depois de ter falado na Criação, na história do Povo de Deus e nos Profetas -, ela não pode ser confinada num setor da catequese ou da pastoral, mas deve ser a referência sempre presente de toda a pastoral. E o meio mais eficaz para isso é, certamente, a valorização da Liturgia, que toda ela é habitada pela Palavra, a ponto de se falar numa “presença real” da Palavra de Deus.

Um elemento que me agradou muito é o discreto aceno ao “belo”. A Palavra de Deus é uma palavra de amor, e toda a palavra de amor envolve aquele a quem se destina. Não é um comando, lei, receita, constato ou definição. É uma palavra que mais abre do que fecha o sentido - e estas são características da arte. A Escritura narra o acontecer do amor de Deus junto a seu povo, e somos arrastados pela beleza da narração. Representa os sentimentos do piedoso no encontro com Deus, e procuramos nos identificar com quem assim reza. Narra Deus mesmo na sua manifestação definitiva em Jesus, e contemplamos no silêncio a Palavra que as palavras só podem evocar e invocar, nunca esgotar. Aí está o “Belo”, o que supera os nossos sentidos, o que nos faz ver o Deus que ninguém jamais viu. O próprio Documento, em muitas de suas páginas, brilha pela beleza e sensibilidade de suas expressões. É preciso captar essa dimensão estética para desfrutar toda a sua riqueza.

Entrevista da Semana

Utopia e heterotopia: o projeto jesuítico nas missões

As reduções jesuíticas não foram possíveis porque Portugal e Espanha se uniram para destruir os jesuítas, afirma a filósofa Ana Luísa Janeira

POR PATRÍCIA FACHIN

No século XVI, os jesuítas usaram estratégias diferentes para se aproximarem das diversas culturas e difundir o cristianismo pelos cinco continentes. No oriente, a veia condutora desse processo foi o conhecimento. No ocidente, especialmente na América do Sul, o contato se deu por meio da música e das ciências da natureza. A filósofa Ana Luísa Janeira, professora associada do Departamento de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, estuda a experiência realizada pelos jesuítas ao redor do mundo nos últimos mais de 400 anos. Em entrevista concedida à *IHU On-Line*, durante o XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, promovido de 25 a 28-10-2010, na Unisinos, Janeira enfatiza que, apesar de os jesuítas terem sido expulsos das missões, na união de forças entre Portugal e Espanha, percebe-se, ainda hoje, “que houve uma sensibilidade tal às características dos povos que permitiu que a pedagogia e a catequética permanecessem”. Janeira conta que visitou Chiquitania, na Bolívia, e se impressionou ao ver, nos aldeamentos, “crianças indígenas de sete, oito anos, descalças, quase sem roupas e com instrumentos na mão”. Segundo ela, “eles vão à aula de música: piano, violino. Há um desajuste completo entre essa loucura de conhecimento e as condições materiais”.

Para Janeira, as missões foram uma utopia e heterotopia. “Foi utopia no sentido de estratégia, como uma tentativa de realmente projetar um sonho. Entretanto, os jesuítas missionários estabeleceram uma aproximação efetiva com as populações e inverteram a situação. (...) O afeto que os jesuítas tiveram pelas populações fez a heterotopia: era algo de coração. A razão era utópica, mas com o afeto, virou heterotopia”.

Ana Luísa Janeira é professora na Universidade de Lisboa, Portugal, doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I, e autora de *A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin* (Livraria Cruz-Faculdade de Filosofia, 1978). Ela também esteve na Unisinos em 2009, participando do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que estratégias epistemológicas os jesuítas utilizaram para se inserirem no oriente e no ocidente? A senhora pode nos contar como se deu a inserção deles na América, China, Japão e Índia e que heranças essa relação deixou nas culturas locais?

Ana Luísa Janeira - Os jesuítas tomaram como fim primeiro da sua atuação no mundo um conceito de missão que passava por mecanismos muito bem estruturados da aproximação com os povos diferentes. Naturalmente, que, no oriente e no ocidente, a situação era diferente. Quando portugueses e jesu-

ítas aproximaram a Europa do oriente, verificaram que estavam diante de civilizações e culturas com uma grande superioridade, como a China. No que diz respeito à América do Sul, a situação foi de entusiasmo pela natureza, a qual não era simplesmente bonita e diferente da que havia na Europa: ela assustava e realmente surpreendia de tal modo que os portugueses nunca deram a nenhum território o adjetivo de Éden (Paraíso). O Brasil foi o único território considerado um Éden.

A partir dessas percepções do oriente e ocidente, estabeleceram sis-

temas e programas de aproximação diferentes. Em relação ao oriente, eles tomaram consciência de que estavam diante de culturas e elites, e de que a corte dos mandarins era sábia, conhecedora e, por conseguinte, as ciências e o conhecimento poderiam ser um vínculo interessante. Por outro lado, os mandarins tinham consciência de que a presença dos jesuítas nos seus territórios deveria passar por uma questão de conhecimento. É aí que intervém a figura de Matteo Ricci¹, um

¹ Sobre Matteo Ricci, confira a edição 347, de 18-10-2010, intitulada *Matteo Ricci no Impé-*

jesuíta que observa que a questão da astronomia e da matemática era mobilizadora de uma elite chinesa importante que queria conhecer os astros, prever fenômenos e passagens de cometas. Neste contexto, estando prevista a chegada de um cometa, foi colocado à elite chinesa dos astrônomos e aos jesuítas o desafio de ver quem melhor previa a passagem do cometa. De fato coube, ao jesuíta Matteo Ricci esta primazia e isso abriu as portas da China aos jesuítas.

No caso do Japão, o país não tinha um imperador, viviam em um período de feudalismo. Então, a aproximação se deu de outra maneira. A estratégia usada para aproximar jesuítas e japoneses foi feita através da ida de príncipes e jovens japoneses à Europa. Essa viagem permitiu que os japoneses percebessem como era a corte de Madri. Surpreendentemente, eles encontraram um bom acolhimento por parte dos europeus e conheceram os costumes dessa cultura. As elites europeias também perceberam as diferenças culturais e tentaram se aproximar daquela sociedade tão diferente.

No caso do Vietnã, a aproximação se deu de uma maneira significativa e ainda hoje está presente na medida em que os vietnamitas são os únicos orientais que usam caracteres latinos para escrever. Alguns jesuítas perceberam que deveriam usar os caracteres latinos para facilitar a estrutura dos catecismos. É curioso que ainda hoje o Vietnã continua usando esses caracteres.

Ocidente

Na América do Sul, no caso dos guarani², a estratégia passou pela música e pela ciências da natureza. Os jesuítas perceberam que haviam se deparado com um território que tinha uma natureza riquíssima e a aproximação deu-se por meio de sistemas agrícolas e agropecuários. Quando vemos as boiadas gaúchas, temos de pensar que

rio do Meio. Sob o signo da amizade. Acesse no link <http://migre.me/2totl>. (Nota da IHU On-Line)

² Sobre os guarani, confira a edição *Os guarani. Palavra e caminho*, nº 331 da IHU On-Line, de 31-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/34s3h>. (Nota da IHU On-Line)

elas foram assumidas pelas reduções como um processo para alimentar os índios que estavam nas reduções e, por outro lado, para exportar para a Europa.

Percebi, quando fui a *Chiquitania*, na Bolívia, que a natureza era favorável aos aldeamentos, pois a visibilidade permitia ver povos que viviam entre si. Por exemplo, um fogo à noite permitia que os povos soubessem onde estavam e, simultaneamente, os arroios e rios permitiam o deslocamento rápido nas pirocas.

Outro elemento fortíssimo foi a música. Os jesuítas eram, particularmente, sensíveis a formas de penetração que pudessem seduzir. Constituíram, nas reduções, coros. Visitei *Chiquitania e uma das* coisas mais impressionantes foi ver, nos aldeamentos, crianças indígenas de sete, oito anos, descalças, quase sem roupas e com instrumentos na mão. Eles vão à aula de música: piano, violino. Há um desajuste completo entre essa loucura de conhecimento e as condições materiais. Quando estive em San Javier, na Bolívia, lembro de terem dito que há poucos dias, 200 jovens foram para Munique participar de um festival barroco. Todos estavam ligados à música. Sabendo que a Alemanha é tão exigente musicalmente, é espantoso.

Isso, depois de os jesuítas terem sido expulsos, é prova de que houve uma sensibilidade tal às características dos povos que permitiu que a pedagogia e a catequética permanecessem mesmo depois deles terem sido expulsos. A memória desses povos atribui o que foi dos jesuítas a eles. As comunidades não dizem: “Somos assim”. Pelo contrário, dizem: “Aprendemos com os jesuítas essas ou aquelas manifestações culturais”. Isso é muito interessante e revela que os exercícios espirituais e a *Ratio Studiorum*³ correspondem a

³ *Ratio Studiorum*: espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios, que busca instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Sua forma definitiva foi promulgada em 8 de janeiro de 1599. A *Ratio* surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão missionária. Constituiu-se numa sistemati-

dois corpos de conhecimento com uma imensa sensibilidade às características humanas e psicológicas dos indivíduos e, simultaneamente, uma capacidade de subversão muito grande que eles souberam explorar numa forma que ainda hoje vietnamitas, japoneses, bolivianos, missionários remetem para os jesuítas a raiz de determinados aspectos de sua própria cultura.

IHU On-Line - Como os diversos continentes foram compreendidos pelos jesuítas e como as culturas locais impactaram o objetivo global jesuítico: a expansão do cristianismo? Como se deu essa relação entre local e global?

Ana Luísa Janeira - Quando dizemos global, geralmente nos referimos a aspectos relacionados com a cultura dominante, que hoje é a norte-americana.

A cultura global histórica é europeia, ou seja, a cultura global do século XVI se refere à imposição que a Europa faz aos outros povos.

No que diz respeito aos jesuítas, tínhamos um europeu eurocêntrico, consciente de uma superioridade, simultaneamente, um europeu que correspondia a uma elite porque era culto, intelectualmente bem preparado, dominava a cultura humanística da época, além de conhecer diversos idiomas para se comunicar com outros povos. São logocêntricos porque acreditam muito na razão e pensam que ela é soberana.

Através das Cartas Anuais que os jesuítas enviavam para Roma e através de cartas que escreviam uns para os outros - além da preocupação que tinham em registrar tudo e constituírem um arquivo -, eles trocavam experiências e adaptavam situações. Era preciso adaptar princípios que levavam de Roma a determinadas circunstâncias porque já haviam lido outras experiências. Isso permitiu uma globalização que tinha dominância europeia.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o projeto missionário, após os 400 anos das reduções jesuíticas?

zação da pedagogia jesuítica contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse em matéria filosófica de Aristóteles, e teológica de Santo Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

Ana Luísa Janeira - Primeiro, gostaria de esclarecer o uso da palavra missionário. Não existe no dicionário português a palavra missionário e, sim, missionário. Prefiro usar a palavra missionário para tratar da presença jesuítica no mundo e, restringir a palavra missionário para se referir aos 30 povos das missões. Os 30 povos conseguiram uma realidade muito específica e complexa no conjunto da atividade missionária dos jesuítas porque se beneficiaram do fato de haver espanhóis por um lado e portugueses por outro, e de não haver uma fronteira entre Portugal e Espanha na América do Sul - já bastava a que havia na Península Ibérica. O ideal era utilizar os jesuítas como tampão para equilibrar a balança política e econômica dos ibéricos na América do Sul - temos de pensar que a dimensão territorial dos trinta povos tinha a dimensão da França atual.

Vazio: uma hipótese de controle

Fui educada na Europa, num Colégio das Irmãs Doroteias⁴. Tive sempre a sensação - quando elas contavam histórias, ao longo dos exercícios espirituais que praticávamos, dos meninos na América do Sul, ou seja, dos tupi-guarani - de que era educada como um tupi-guarani e tinha curiosidade de saber se, na Europa e no Brasil, a educação tinha sido semelhante. Essa foi a origem do meu entusiasmo por estudar essa questão, embora o grande entusiasmo tenha surgido há 10 anos, quando estudei um edifício da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que tinha sido, primeiramente, o noviciado dos jesuítas em Lisboa, o Noviciado da Portuguesa. Estudei no edifício e comecei a achar que havia uma arquitetura muito modular usada pelos jesuítas. Então, minha curiosidade foi esta: será que o que eles fizeram para os edifícios do ponto de vista da arquitetura teve ou não semelhanças e influências com a construção dos aldeamentos indígenas? Ou seja, será que os princípios de controle dos aldeamentos foi utilizado na arquitetura urbana, também com o objetivo de controle?

⁴ Conheça mais sobre a vida de Ana Luísa Janeira no Perfil publicado na edição 311 da Revista IHU On-Line, de 19-10-2009, disponível em <http://migre.me/34sNX>. (Nota da IHU On-Line)

“Os jesuítas vieram para ficar; quando foram expulsos, deve ter sido uma tragédia para ambas as partes (jesuítas e guarani)”

Comecei a ler o livro de Antonio Sepp e a imaginar como seria o aldeamento. Conhecia bem as regras da arquitetura e achava que determinadas regras deveriam ser passadas ao urbanismo. A primeira planta das reduções que vi, me deixou confusa: achava que eu ou a planta estava errada. Curiosa, visitei as missões e cheguei à conclusão de que o claustro dos jesuítas do colégio tinha a mesma arquitetura dos aldeamentos, era a praça das reduções, e o sistema de controle era o mesmo: o vazio é sempre uma hipótese de controle. Então, no caso das reduções, as torres da Igreja controlavam o que se passava na praça. Como as casas dos índios estavam dispostas em uma forte geometria, por um lado, os torreões dos sinos, permitiriam, segundo dizem, realizar observações astronômicas, mas, também, o controle. O que Foucault diz sobre o *panóptico* também pode ser aplicado às reduções. Então, verificamos que o sistema foi montado para resultar. Os jesuítas não montam nada que não seja para resultar.

Os jesuítas vieram para ficar; quando foram expulsos, deve ter sido uma tragédia para ambas as partes (jesuítas e guarani). Os jesuítas nunca imaginaram que seriam expulsos. As reduções não foram possíveis, não porque o projeto não tivesse viabilidade, mas porque, de fato, o poder europeu ibérico não permitiu. Diria que na história de Portugal e Espanha, nunca portugueses e espanhóis estiveram tão unidos quanto para conter e destruir os jesuítas.

IHU On-Line - A experiência missionária foi uma utopia ou heterotopia? Ana Luísa Janeira - Foucault considera, dentro dos vários exemplos das

heterotopias, seja um jardim, um barco, em termos de relações coloniais, que as reduções jesuíticas do Paraguai teriam sido uma heterotopia.

Pessoalmente, diria que não é uma coisa ou outra. Acho que foram as duas coisas: foi utopia no sentido de estratégia, como uma tentativa de realmente projetar um sonho. Entretanto, os jesuítas missionários estabeleceram uma aproximação efetiva com as populações e inverteram a situação. As relações entre eles (jesuítas e guarani) não eram possíveis no contexto europeu, pois esta era uma situação de superioridade frente ao selvagem. Não era para ser amigo, pai, filho. Mas o afeto que os jesuítas tiveram pelas populações fez a heterotopia: era algo de coração. A razão era utópica, mas com o afeto virou heterotopia. Foi por isso que se tornou trágica e dramática a saída dos jesuítas, para ambos. Os guarani ficaram “sem pai”. Do ponto de vista simbólico isso é importante.

Quando estou no Rio Grande do Sul e vou às missões, tenho consciência de que os missionários são, primeiro, missionários; segundo, gaúchos; e, só em terceiro lugar, brasileiros. Eles sempre se remetem àquela realidade que existiu no Rio Grande do Sul. É muito forte o nome da província se chamar missões. A realidade das missões foi fortíssima e identitária. Os jesuítas lançaram elementos que permitem raízes identitárias, quer dos missionários, quer dos vietnamitas. Se eles queriam libertar, libertaram, porque libertaram a gente e assumiram a nossa própria identidade.

LEIA MAIS...

Ana Janeira já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- *Missões jesuíticas em terras não cristãs*. Entrevista publicada na edição número 313, de 03-11-2009, intitulada *Filosofia, mística e espiritualidade*. Simone Weil, cem anos. Acesse no link <http://migre.me/30gew>;

- *“A energia máxima será sempre o amor”*. Entrevista publicada na edição 316, de 23-11-2009. Acesse no link <http://migre.me/30gDT>.

Em 22-10-2010, o IHU publicou o Caderno IHU número 33 intitulado *Globalização missionária: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*, de autoria de Ana Luísa Janeira. O material está disponível no link <http://migre.me/30gsZ>.

Dossiê Economia Gaúcha

Transformações econômicas no Rio Grande do Sul

As três últimas décadas da economia gaúcha foram marcadas pelo fenômeno da globalização e, segundo o economista da Fundação de Economia e Estatística - FEE, Octávio Conceição, mudanças estruturais ocorridas no período “foram decisivas para desenhar um novo perfil produtivo, tecnológico, social e institucional” no Rio Grande do Sul

POR PATRICIA FACHIN

A economia gaúcha pode ser classificada como “um estágio de compasso de espera para o crescimento, mas com poucas iniciativas”, define Octávio Conceição. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a IHU On-Line, ele comenta aspectos abordados na obra *Três Décadas de Economia Gaúcha*, organizada por ele juntamente com Marinês Zandavali Grando, Sônia Unikowsky Teruchkin e Luiz Augusto Estrella Faria, e lançado recentemente pela FEE, em quatro volumes.

De acordo com Conceição, a economia gaúcha ainda é marcada pelo agronegócio e, apesar de ter importantes cadeias industriais, precisa investir em tecnologia e na parceria universidade/empresas. Segundo ele, o desenvolvimento da economia regional está associado ao ajuste fiscal, o qual “deve estar enraizado permanentemente em qualquer programa de governo e de qualquer partido”. E argumenta: “Sem este ajuste (...), será impossível desenhar um cenário prospectivo favorável para o crescimento do Rio Grande do Sul”.

Graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Octávio Conceição também é mestre em Economia Rural e doutor em Economia pela mesma instituição, com a tese *Abordagem Institucionalista: um estudo do papel das instituições no processo de mudança e crescimento econômico* (2000). Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, membro de corpo editorial da Indicadores Econômicos FEE e membro de corpo editorial da Revista de Economia Política. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que diagnóstico faz da economia gaúcha nos últimos trinta anos?

Octávio Conceição - Como salientei na apresentação do novo estudo lançado pela FEE agora em novembro, as transformações vividas pela economia gaúcha ao longo das três últimas décadas assumem características complexas e diferenciadas. O estudo procurou captar todas elas, tentando dar conta de uma enorme agenda de desafios a ser enfrentados pela economia gaúcha. Em linhas gerais, podemos afirmar que atravessamos, nas últimas três décadas, uma fase histórica caracterizada pelo fenômeno da globalização. Esse processo caracterizou-se pela maior abertura aos desafios externos, que

nos dias de hoje passou a ser estimulada, pela flexibilização dos mercados e pela fuga para a terceirização, que passou a ser entendida como resposta à modernidade.

A hipótese central que norteia todos os artigos publicados na obra *Três Décadas de Economia Gaúcha* é que o espaço regional, designado genericamente de economia gaúcha, constitui um ambiente complexo, interativo e dinâmico, cujas transformações estruturais levadas a efeito nas décadas de 1980, 1990 e 2000 foram decisivas para desenhar um novo perfil produtivo, tecnológico, social e institucional. Mais ainda, tais mutações realizaram-se de forma concomitante com a mudança estrutural no ambiente econô-

mico nacional e mundial, as quais, por sua vez, também definiram ou assumiram particularidades idiossincráticas no ambiente regional, dentro dessa nova conformação tecnológica, institucional e social. Do ponto de vista teórico, assume-se que a forma de se compreender essas mudanças passou por reinterpretações, oriundas da reformulação e/ou dos avanços da própria teoria econômica.

IHU On-Line - Como se deu, nos últimos trinta anos, a relação entre crescimento econômico e evolução social no estado?

Octávio Conceição - Se do ponto de vista social a economia gaúcha, em

termos nacionais, tem uma posição relativamente privilegiada, o mesmo não pode ser dito em termos econômicos. Crescemos menos que a economia brasileira e nossa estrutura produtiva precisa ser modernizada, em sintonia com as mudanças tecnológicas. Como o colega Martinho Lazzari salientou em seu texto na abertura do volume II, no período 1981-2009 a economia do Rio Grande do Sul cresceu 75,6%, significando um crescimento anual médio de 2,0%. Durante esses 29 anos, houve crescimento negativo do PIB em 11 deles. As piores quedas aconteceram em 1990 (-6,6%), 1995 (-5,0%) e 2005 (-2,8%). E a maior alta foi a de 1993 (10,8%), seguida pela de 1992 (8,3%). O PIB *per capita* do Rio Grande do Sul aumentou 25,3% no período 1981-2009, valendo, neste último ano, R\$ 18.596. A expansão média foi de 0,8% a.a. Essa taxa informa que seriam necessários 90 anos para duplicar o valor da renda *per capita*.

IHU On-Line - Como reflete hoje, na economia gaúcha, a reestruturação que iniciou nos anos 1990? Que balanço faz da economia regional atualmente?

Octávio Conceição - A economia gaúcha hoje tem um caráter marcado pelo agronegócio, embora persistam importantes cadeias industriais modernizadas e modernizadoras. Cabe investir mais em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento), tanto no âmbito da parceria universidade/empresas (que ainda é extremamente baixo e precário), quanto no âmbito interno das atividades produtivas na indústria, na agricultura, no setor serviços, e na integração dessas três com o agronegócio. Sem modernização - leia-se avanço tecnológico, organizacional e institucional - jamais poderemos trilhar trajetórias sustentáveis de crescimento econômico e social. Se fosse usar uma palavra para caracterizar a economia gaúcha hoje, a classificaria como em um estágio de compasso de espera para o crescimento, mas com poucas iniciativas. Ela, através dos empresários, governo e trabalhadores, deve buscar seus novos caminhos sintonizados com as mudanças tecnológicas e sociais, as quais, por sinal, pouco

“Crescemos menos que a economia brasileira e nossa estrutura produtiva precisa ser modernizada, em sintonia com as mudanças tecnológicas”

avançaram nas últimas três décadas.

IHU On-Line - Percebe na economia gaúcha um novo desenho industrial, especialmente com a consolidação de polos tecnológicos?

Octávio Conceição - Acho que ainda não, embora esse tipo de iniciativa seja um elemento essencial para o desenho do novo projeto de crescimento para o país e, especificamente, para o Rio Grande do Sul. O passo inicial foi percebido tardiamente, mas encontra-se em plena gestação. Esse esforço deve sintonizar-se de forma crescente e cumulativa com o novo paradigma tecnológico em fase de montagem no mundo e no Brasil. Caberá perceber as novidades e as janelas de oportunidades abertas com esse desafio. Uma vez que estas estejam estabelecidas, a trajetória para inovatividade estará implantada e será irreversível, o que poderá nos garantir desenvolvimento econômico duradouro.

IHU On-Line - A economia nacional cresceu mais de 7% este ano. Nesse cenário, qual a importância da economia gaúcha no cenário nacional?

Octávio Conceição - A economia gaúcha representa cerca de 7% do produto nacional e é a 4ª maior do país, embora venha perdendo essa posição para o Paraná. O que se pode dizer a respeito da relação da economia brasileira com a gaúcha é que esta última acompanha o movimento do país, ora superando-o, pouco, ora retardando-se. Utilizando os dados do texto referido do Martinho, tem-se que, entre o período 1981-2009, a taxa de crescimento do PIB gaúcho foi de 2,0% a.a., em média, inferior a do brasileiro, que se expandiu a 2,4%. No primeiro período, 1981-1994, a economia gaúcha

acumulou um crescimento de 37,0%, enquanto a taxa da economia brasileira foi de 31,7%. Ou seja, nesse período de 14 anos, o Estado cresceu mais que o Brasil. Nos 15 anos seguintes (1995-2009), o PIB do Rio Grande do Sul cresceu 28,2% e o do Brasil expandiu-se 51,0%.

A participação do Rio Grande do Sul no PIB brasileiro, que era de 7,9% em 1985, passou para 8,9% em 1994. Entre 1995 e 2007, o Estado perdeu espaço, chegando ao final do período com uma parcela de 6,6% da produção nacional. Entretanto, a posição do Rio Grande do Sul no ranking dos estados permaneceu inalterada. A economia gaúcha continua sendo a quarta maior do país, embora a diferença em relação à quinta, posição ocupada pelo Paraná em 2007, venha diminuindo nos últimos anos.

IHU On-Line - Como descreve o modelo de desenvolvimento econômico em execução no estado?

Octávio Conceição - Não se pode falar em modelo de desenvolvimento propriamente dito, porque sua mediação se dá em função da dinâmica econômica brasileira, que, por sinal, tem tido desempenho bastante satisfatório. O país está se modernizando e usufruindo de uma trajetória nova de crescimento econômico com reinserção externa, embora o que vem puxando o crescimento é o consumo doméstico. Está-se construindo um novo país com promissoras janelas de oportunidade que deverão ser mais bem exploradas. E mais importante, com distribuição de renda para os extratos mais pobres da população. O Rio Grande do Sul está com sérias dificuldades na gestão dos recursos públicos do estado, embora o ajuste fiscal operacionalizado no governo que se encerra tenha tentado reverter esse quadro. Um novo modelo a ser seguido deve levar em conta todos esses fatores para traçar uma estratégia para o crescimento de longo prazo. Sem ela ficaremos à mercê das oscilações da conjuntura. Soluções mágicas não caem do céu; são construídas pelos governantes com empenho, criatividade e continuidade.

IHU On-Line - Em 2007, o senhor concedeu uma entrevista à IHU

“A economia gaúcha representa cerca de 7% do produto nacional e é a 4ª maior do país, embora venha perdendo essa posição para o Paraná”

On-Line em que afirma que o estado atravessava uma das piores crises financeiras. Qual é a atual situação das finanças públicas estaduais?

Octávio Conceição - Acho que o ajuste fiscal produzido no atual governo foi importante e decisivo, e deverá ser estruturalmente mantido. Sem este ajuste, que em minha visão deve estar enraizado permanentemente em qualquer programa de governo e de qualquer partido, será impossível desenhar um cenário prospectivo favorável para o crescimento do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Que modelo econômico de desenvolvimento será estabelecido pelo novo governador, Tarso Genro?

Octávio Conceição - Acho que tal modelo deverá ser formulado pela estrutura do novo governo e pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico a ser criado, tal qual ocorreu no governo federal. A proximidade com a presidente Dilma deveria contemplar melhor a inserção do RS no Brasil de forma mais harmônica e sintonizada. Espero que isto, de fato, ocorra para que o estado recupere parte do espaço perdido em termos econômicos, políticos e sociais.

LEIA MAIS...

Octávio Conceição já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

“Ainda estamos passando por profundas mudanças estruturais”. Publicada em 7-5-2007 e disponível no link <http://migre.me/2UBJH>;

Da Teoria da Regulação ao atual desequilíbrio financeiro: uma reflexão da economia a partir do pensamento de Michael Aglietta. Publicada em 06-10-2008 e disponível no link <http://migre.me/2UCjW>.

Rio Grande do Sul: um momento de indagações a respeito das perspectivas

Aglomerção industrial, migrações internas no estado em busca de melhores condições de trabalho e a baixa taxa de fecundidade são os principais aspectos que favorecem as desigualdades regionais no Rio Grande do Sul, constata o economista Pedro Bandeira

POR PATRICIA FACHIN

A crise das finanças públicas estaduais marcou a história do Rio Grande do Sul nos últimos 30 anos, agravando as desigualdades regionais ocasionadas pelo crescimento industrial concentrado na região nordeste do estado e as migrações internas. Em 1920, menos 40% da população gaúcha residia na região metropolitana, serra e vales adjacentes e, em 2010, “esta região passou a concentrar (...) mais da metade da população do Rio Grande do Sul”, aponta o economista Pedro Bandeira. Especialista em desigualdades regionais, Bandeira diz que essa situação é uma tendência que está se consolidando. “Esse fenômeno é causado por uma base econômica em que a cadeia produtiva gera pouca oportunidade local. Por outro lado, mesmo com taxas de fecundidade em declínio, a região metropolitana do estado continuará recebendo imigrantes em função da concentração da oferta de empregos”, assegura.

Embora o Rio Grande do Sul acompanhe o crescimento nacional, oscilando com maior ou menor desempenho, o economista estima que “os percentuais de participação do estado no PIB nacional irão reduzir a longo prazo”. A justificativa, explica, é o esgotamento da fronteira agrícola e a falta de perspectiva da indústria nacional.

Pedro Bandeira possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS, graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado em Economia pela New School for Social Research e doutorado em Ciência Política pela UFRGS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que maneira a matriz produtiva da economia gaúcha se transformou entre 1980 e 2010? Quais foram as principais mudanças percebidas na economia regional?

Pedro Bandeira - Os últimos 30 anos se referem a um período bastante heterogêneo da história econômica do Brasil e do Rio Grande do Sul. Embora as condições da economia brasi-

leira e gaúcha tenham sido predominantemente negativas nos anos 1980, nessa época houve o crescimento da indústria calçadista concentrada na região do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul, a qual gerou muitos empregos e um fluxo importante de migrações internas no estado.

Quando se fala em economia gaúcha, é importante ter presente a

persistente crise das finanças públicas estaduais, as quais enfrentaram dificuldades. A taxa de investimento do setor público ficou incompatível com a possibilidade de a administração estadual ser um ator importante na produção do desenvolvimento. Somente nos últimos três anos a situação melhorou um pouco.

IHU On-Line - Quais as razões da desigualdade regional no Rio Grande do Sul? Que aspectos explicam esse fenômeno?

Pedro Bandeira - No que toca ao tema das desigualdades regionais, houve uma persistente tendência a um crescimento industrial concentrado na região nordeste do estado, que compreende a região metropolitana, serra e vales adjacentes. Esta região passou a concentrar, devido às migrações internas em busca de oportunidades de emprego, mais da metade da população do Rio Grande do Sul em 2010. Em 1920, esta região concentrava menos de 40% da população gaúcha. Nas décadas de 1940 e 1950, a participação desta região diminuiu e as áreas do interior tinham um crescimento demográfico maior em função da expansão da fronteira agrícola no norte do estado. Em 1980, a participação da população na região metropolitana era de 46% e, em 2010, passou a ser 55%, ou seja, deu um salto de 10 pontos percentuais. Esse é um fenômeno importante e acontece em um momento em que as finanças públicas têm extrema dificuldade de investir em infraestrutura. Por isso, hoje, existem problemas como o estrangulamento da BR 116 e a precariedade na estrutura viária. A carência de investimentos nesse período passado deixa um passivo grande de obras e melhoramentos a serem feitos, os quais não podem ser financiados num prazo relativamente curto.

Também há uma tendência de esvaziamento demográfico em algumas regiões do interior. Os dados preliminares do Censo 2010 mostram que extensas áreas do interior do estado têm declínio demográfico. Se dividirmos o território do Rio Grande do Sul numa linha Norte/Sul, de Erechim a Asserquá, veremos que a oeste dessa linha,

há declínio de população. Isso acontece por uma conjugação de dois fenômenos: a migração interna, ou seja, as pessoas continuam migrando para regiões que oferecem mais oportunidades de emprego (região nordeste); e a queda da taxa de fecundidade. A população do Rio Grande do Sul cresceu na última década cerca de 3,8%. Essa é uma taxa muito baixa.

Há 30 anos já havia imigração nas regiões do interior. Entretanto, nascia um número maior de pessoas. Ou seja, havia um crescimento demográfico baixo, mas positivo. Regiões como a fronteira oeste, que compreende Uruguaiana e Alegrete, têm dados contundentes: a população da fronteira em 2000 era de 553 mil habitantes; em 2010, caiu para 527 mil. Em dez anos houve uma redução de 25 mil habitantes. Municípios importantes da história do Rio Grande do Sul, considerados grandes centros urbanos, como Santana do Livramento tinha 90 mil habitantes e hoje tem 81 mil. Isso representa uma queda de quase 10%. Alegrete, que foi capital farroupilha, tinha 84 mil e hoje tem 77 mil. Se essas cidades continuarem perdendo em média o mesmo número de habitantes, elas terminariam antes do final do século - claro que isso é um exagero, uma maneira de dramatizar o processo. De qualquer maneira, mantida essa tendência, em 2050 esses municípios serão menores.

Esse fenômeno é causado por uma base econômica em que a cadeia produtiva gera pouca oportunidade local. Por outro lado, mesmo com taxas de fecundidade em declínio, a região metropolitana do estado continuará recebendo imigrantes em função da concentração da oferta de empregos. A industrialização gaúcha se espalha lentamente no território e está localizada em alguns eixos como Tabaí/Canoas, Santa Cruz/Lajeado, Caxias, Passo Fundo, alguns polos como Erechim, Horizontina. Com exceção desses eixos, o interior vive de agroindústria, cuja base são produtos agrícolas da região. Essa situação parece uma tendência que está se consolidando. Se esse crescimento concentrado tiver continuidade, teremos dificuldade de enfrentar problemas ambientais, por exemplo. Basta ver o caso do Rio

dos Sinos e do Rio Gravataí. A questão ambiental é um tema importante para a agenda pública: é preciso amenizar os fluxos tentando, por meio de políticas públicas, estimular mais empregos nas regiões do interior. Outra medida fundamental é melhorar os padrões de planejamento integrados intermunicipal. Do contrário, a qualidade de vida na região metropolitana será deteriorada.

IHU On-Line - As desigualdades são inevitáveis?

Pedro Bandeira - Elas são, até certo ponto, inevitáveis. Entretanto, na medida em que as desigualdades têm consequências negativas, é preciso políticas públicas que, por um lado, se deem conta de que é preciso organização para enfrentá-las. Por outro lado, criar políticas para estimular a economia de regiões menos dinâmicas. É fundamental, também, planejar a estrutura física das regiões que estão recebendo as migrações, porque um dos problemas das desigualdades regionais é fluxo migratório. Isto sobrecarrega as regiões dinâmicas. Políticas públicas que levem em conta que isso irá acontecer, devem preparar as cidades receptoras.

As economias de aglomeração são um fator importante na localização industrial e a tendência é as indústrias se localizarem proximamente de fornecedores, de serviços de apoio e isso gera um padrão concentrado e, às vezes, disfuncional, pois nem a indústria se beneficia, pois tal concentração gera congestionamento, por exemplo. É isso que acontece, atualmente, com as empresas que estão localizadas ao longo da BR 116.

Hoje estão construindo a rodovia do Parque, a qual vai criar uma nova zona industrial e gerar uma nova mobilidade. Então, da mesma forma que a aglomeração gera vantagens, ela também apresenta desvantagens.

IHU On-Line - Com as sucessivas crises nos anos 1980, 1990 e a crise do setor calçadista nos anos 2000, é possível perceber hoje, na economia gaúcha, em um novo desenho industrial, especialmente com a consolidação de polos tecnológicos?

Pedro Bandeira - Penso que sim. En-

tretanto, o estado está vivendo um momento de indagações a respeito das perspectivas. A primeira delas é referente ao câmbio. A valorização do real tem se mostrado difícil de resolver; o Brasil é competitivo em algumas commodities agrícolas; tem atraído muito capital. Então, a tendência é que o câmbio continue valorizado. Mantendo-se essa situação, qual será o impacto sob a indústria? O Brasil corre o risco de se tornar um país exportador de produtos primários, com um grau de desindustrialização. As indústrias já estão com dificuldades de competir no exterior e esse é um cenário que está em desdobramento.

A crise da indústria calçadista vem se desenhando há algum tempo, embora esteja mais estabilizada. Os parques representam a busca de alternativas e são significativos para a região.

IHU On-Line - Está o desempenho da economia gaúcha diretamente atrelado ao desempenho econômico nacional? A economia nacional irá encerrar o ano com crescimento estimado em 7,5, 8%. Qual a participação da economia gaúcha nesse cenário?

Pedro Bandeira - O Rio Grande do Sul tem acompanhado a média de crescimento nacional, às vezes com melhor ou pior desempenho. Entretanto, alguns aspectos conspiram contra o estado. Há muito tempo a fronteira agrícola está esgotada, quer dizer, não há áreas que não foram ocupadas no Rio Grande do Sul. Áreas de pecuária se transformaram em espaço de reflorestamento, de lavoura. Então, o estado tem conseguido mudar o perfil da produção agrícola para se manter importante na agricultura brasileira. Todavia, ao lado disso, estados do centro-oeste ainda têm espaço para estimular a expansão da fronteira agrícola. Nesse sentido, o Rio Grande do Sul continuará sendo importante, mas os percentuais de participação do estado no PIB nacional irão reduzir a longo prazo.

No que se refere à indústria, os resultados dependem da perspectiva da indústria nacional. Há uma tendência de dispersão crescente da indústria brasileira. A participação de São Paulo no PIB industrial do Brasil já foi muito maior do que é na atualidade e o Rio Grande do

Sul, que teve pequenas brechas nesse período, não é tão expressivo como outros estados. Ele continuará sendo importante na economia nacional, o quarto ou quinto maior PIB, mas uma série de fatores indicam que as participações do Rio Grande do Sul na economia brasileira não tenderão a aumentar.

IHU On-Line - Quais são os desafios da economia gaúcha, num momento em que o Estado brasileiro investe em grandes grupos nacionais com atuação internacional?

Pedro Bandeira - Noto que grupos empresariais do Rio Grande do Sul passam a ter expressão econômica internacional muito significativa como Gerdau, Marcopolo. O estado, junto com São Paulo e Santa Catarina, conta com expressiva participação de grupos empresariais locais. Esse é um diferencial importante na história econômica do estado, ou seja, é um dos poucos estados em que se forma uma "burguesia industrial".

IHU On-Line - Que balanço faz da economia gaúcha no momento atual? Como estão as finanças públicas do estado hoje? Qual a atuação do estado hoje?

Pedro Bandeira - A minha sensação é de que a situação não é tão dramática quanto no passado, mas o Estado ainda não criou uma margem suficiente para ter um nível de investimento compatível com as necessidades. Não sei se isto está presente no horizonte do próximo governo.

IHU On-Line - Que políticas econômicas são imprescindíveis no próximo governo? Como Tarso deve conduzir a economia gaúcha? Desafios?

Pedro Bandeira - Sem desprezar outros temas, enfatizaria a questão da desigualdade regional e do planejamento de algumas regiões. O risco de prejuízos devido aos efeitos danosos da aglomeração já são sentidos. Isso causa perda de qualidade de vida, de eficiência econômica. A agenda do planejamento das regiões aglomeradas deve entrar na agenda do governo. Quem quer construir um futuro melhor tem de enfrentar essa realidade o mais rápido possível.

PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU
INFORMAÇÕES EM

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Dilemas ambientais e econômicos no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul, no que se refere à questão ambiental, não há transparência na condução dos acordos entre os diversos interesses setoriais, afirma a socióloga Naia Oliveira

POR PATRICIA FACHIN

“**N**o Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, as discussões de políticas públicas na temática do meio ambiente aparecem como ‘entrave ao desenvolvimento’ ou como um item a mais na agenda governamental, porém sem assumir o caráter de transversalidade do setor ambiental nas diversas instâncias de planejamento e de gestão”. A avaliação é de Naia Oliveira, pesquisadora da Fundação de Economia e Estatística - FEE e está expressa na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Segundo ela, apesar de, no Rio Grande do Sul, o quadro institucional relativo ao meio ambiente ser considerado pioneiro, as iniciativas ambientais são dispersas. “A dinâmica dos movimentos ambientalistas tem-se caracterizado mais por uma ação de denúncia do que de proposições concretas, e, quando essas existem, esbarram na desigualdade de oportunidades do jogo político, em virtude de posturas desenvolvimentistas, de crescimento econômico e de lucro a qualquer custo, em detrimento da qualidade ambiental”, lamenta.

Na percepção da socióloga, o futuro governador, Tarso Genro, terá a “árdua tarefa de reconstruir o Estado. Especificamente na área ambiental, deverá suprir a falta de pessoal técnico e administrativo, promover a integração entre órgãos governamentais e superar a fragilidade política do setor de meio ambiente face ao contexto desenvolvimentista predominante na área estatal”.

Naia Oliveira possui pós-graduação em Sociologia Industrial e bacharelado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS. Atualmente também é consultora da Fundação Gaia. É autora do estudo Estado e Meio Ambiente: a formação da estrutura institucional para a política e gestão ambiental, publicado no livro Três Décadas de Economia Gaúcha. Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que se refere às políticas públicas ambientais, como percebe a atuação do Estado do Rio Grande do Sul, nas últimas três décadas?

Naia Oliveira - Pode-se assinalar que o quadro institucional relativo ao meio ambiente no Estado do Rio Grande do Sul apresenta características de pioneirismo, consistência e uma margem razoável de participação social na sua elaboração. Essa ocorre a partir da década de 1970, tendo seu marco nos anos 1980, com a promulgação da Lei Federal nº 6.938/81 e das Constituições Federal e Estadual de 1988 e 1989, respectivamente. Entretanto, foi somente em 1999 que se criou uma secretaria específica para a área ambiental. A Secretaria Estadual do Meio

Ambiente - SEMA surgiu com a proposta de sistematizar e dar unidade às instituições responsáveis pelas políticas ambientais, até então dispersas. Sublinha-se o papel central do Estado no planejamento e na orquestração do pacto social. É importante salientar que a proposta da criação da SEMA veio no bojo do programa de governo de Olívio Dutra (1999-2002), no qual a temática do meio ambiente teve destaque. Assim, no início dos anos 2000 se tinha um desenho institucional a ser concretizado. Porém, ao contrário, a partir de 2002, ele passou a sofrer uma descontinuação progressiva. Essa situação fica evidente, por exemplo, pela nomeação de oito secretários de meio ambiente no período de 2002 a 2009 e pela redução do papel de referência

do Rio Grande do Sul na área das políticas ambientais em termos nacionais.

IHU On-Line - Como o Rio Grande do Sul se estrutura de que maneira para enfrentar os desafios ambientais?

Naia Oliveira - Existem iniciativas pontuais e dispersas, como estudos em algumas universidades, comissões temáticas dentro do governo, discussões e debates organizados por uma ou outra entidade não governamental. Faz-se necessário estabelecer uma coordenação desse leque de atividades, apontando as prioridades, criando uma agenda comum e atingindo o desenvolvimento e implantação de ações práticas de enfrentamento à situação de iminência de crise socioambiental. Cabe ao Estado e à sociedade se estru-

turarem em termos formais para responder a esses novos desafios.

IHU On-Line - Como se dá no estado a articulação entre políticas públicas ambientais e desenvolvimento econômico?

Naia Oliveira - Infelizmente, reconhece-se que, no Rio Grande do Sul, assim como no Brasil, as discussões de políticas públicas na temática do meio ambiente aparecem como “entrave ao desenvolvimento” ou como um item a mais na agenda governamental, porém sem assumir o caráter de transversalidade do setor ambiental nas diversas instâncias de planejamento e de gestão. Da mesma forma, observa-se a falta de transparência na condução dos acordos entre os diversos interesses setoriais, bem como entre distintos segmentos da sociedade, havendo inclusive participação pouca ou inexistente de alguns segmentos, pela ausência de mecanismos mobilizadores para esse fim.

Já a dinâmica dos movimentos ambientalistas tem-se caracterizado mais por uma ação de denúncia do que de proposições concretas. E, quando essas existem, esbarram na desigualdade de oportunidades do jogo político, em virtude de posturas desenvolvimentistas, de crescimento econômico e de lucro a qualquer custo, em detrimento da qualidade ambiental.

IHU On-Line - Desde a década de 1970, o estado investe em políticas públicas ambientais. Considerando esse investimento, quais os avanços e desafios no que se referem às políticas ambientais?

Naia Oliveira - No Rio Grande do Sul, as políticas ambientais vêm-se formando, realmente desde a década de 1970, inicialmente de maneira dispersa e fragmentada, obtendo uma maior organicidade somente a partir do final dos anos 1990. Pode-se ressaltar que o Estado cumpriu com uma trajetória histórica de construção de um arcabouço institucional amplo e legítimo para informação e gestão sustentável do meio ambiente com uma participação razoável da sociedade gaúcha. O desafio que se coloca atualmente é

“Sinaliza-se a urgência da implantação definitiva de instrumentos previstos na legislação vigente no Estado, de forma a garantir a implementação do quadro institucional para a sustentabilidade”

mantê-lo e implantá-lo. Para exemplificar, cita-se o caso da ameaça a esses instrumentos, articulada pela Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembleia Legislativa que apresentou o Projeto de Lei 154/2009, que, conforme o vereador Beto Moesche, visava modificar a legislação ambiental do Rio Grande do Sul. Assim, propunha revogar as leis que instituem os Códigos Estaduais Florestal e de Meio Ambiente, o Sistema Estadual de Recursos Hídricos, bem como aquelas que dispõem sobre a organização do Sistema Estadual de Proteção Ambiental, a preservação do solo agrícola e a gestão dos resíduos. Consequentemente, provocou uma reação que reuniu entidades não governamentais, Ministério Público Estadual, SEMA-RS e o Batalhão Ambiental da Brigada Militar, resultando no arquivamento desse projeto de lei, até quando não se sabe.

IHU On-Line - A Constituição Estadual do Rio Grande do Sul dedica o capítulo IV ao meio ambiente. Como, na prática, o Estado cumpre com os artigos determinados na Constituição?

Naia Oliveira - A Constituição Federal de 1988 concretizou o esforço que já vinha sendo desenvolvido, desde o final da década de 1970, em termos da institucionalidade ambiental, incorporando muitas reivindicações da sociedade civil. Dessa maneira, ela apresenta no seu artigo 225 uma re-

ferência dedicada exclusivamente ao meio ambiente, declarando, pela primeira vez na história do país, que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado. Similarmente à situação nacional, o Rio Grande do Sul promulgou, em 1989, sua Constituição Estadual, dedicando o capítulo IV ao meio ambiente que reitera os avanços preconizados pela Constituição Federal e trata de questões específicas de forma detalhada. Contudo, o aspecto de combate às queimadas, que, atualmente, assume grande importância, por se relacionar ao controle do aquecimento global, sofreu um retrocesso posterior. Esse aconteceu através de uma emenda, que modificou o texto original e abriu possibilidades de manutenção da prática de queima da vegetação que, no caso brasileiro, representa o maior fator de emissão de gases de efeito estufa. Assim, pode-se exemplificar, com a situação apresentada, que a formulação dos instrumentos jurídicos se caracteriza por avanços e retrocessos, sofrendo também pela quase ausência de fiscalização do seu cumprimento.

IHU On-Line - Vislumbra alguma mudança na gestão ambiental do Rio Grande do Sul a partir do governo Tarso, no próximo ano?

Naia Oliveira - Acredito que teremos mudança. O futuro governo tem a árdua tarefa de reconstruir o Estado. Especificamente na área ambiental, deverá suprir a falta de pessoal técnico e administrativo, promover a integração entre órgãos governamentais e superar a fragilidade política do setor de meio ambiente face ao contexto desenvolvimentista predominante na área estatal que vem acompanhado da desmobilização do movimento ambientalista. Observa-se, nos últimos anos um gradual retrocesso do que foi construído anteriormente. Desta forma, sinaliza-se a urgência da implantação definitiva de instrumentos previstos na legislação vigente no Estado, de forma a garantir a implementação do quadro institucional para a sustentabilidade.

Mercado de trabalho gaúcho retoma crescimento após duas décadas

A existência do salário mínimo regional poderá reforçar o processo de redução das desigualdades no Rio Grande do Sul, assegura o economista Raul Luís Assumpção Bastos

POR PATRÍCIA FACHIN

O mercado de trabalho gaúcho está retomando o movimento desde os anos 2000. Depois de duas décadas marcadas pela perda do dinamismo em função da crise da dívida externa dos anos 1980 e em consequência da abertura comercial em 1990, a reestruturação do mercado é percebida por meio do aumento do emprego formal e a redução da incidência do desemprego.

Para o economista Raul Luís Assumpção Bastos, esse novo cenário está associado a “uma performance macroeconômica mais favorável nos anos 2000. (...) Iniciativas em termos de regulação das relações de trabalho, como o aumento da fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego e a criação de uma jurisprudência relativa à formalização dos contratos de trabalho em firmas terceirizadas, também jogaram a favor do processo de melhora da qualidade do emprego”, menciona, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Apesar das melhorias, o mercado de trabalho gaúcho “pode ser caracterizado como heterogêneo, pois nele continua sendo expressiva a proporção de ocupados (cerca de 50,0% em 2007) que não corresponde ao emprego com carteira de trabalho assinada, que é a forma de inserção na estrutura ocupacional de melhor qualidade”, pondera.

Doutor em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, atualmente Raul Luís Assumpção Bastos é economista da Fundação de Economia e Estatística - FEE. Ele é autor do recente estudo intitulado Mudanças Estruturais no Mercado de Trabalho do Rio Grande do Sul: 1981-2007, publicado no livro Três Décadas de Economia Gaúcha. Confira a entrevista.

IHU On-Line - A partir de seu estudo, que análise faz do mercado de trabalho no Rio Grande do Sul, nos últimos 30 anos?

Raul Luís Assumpção Bastos - Em termos de grandes movimentos, o mercado de trabalho do Rio Grande do Sul evidenciou perda de dinamismo nos anos 1980, em face da crise da dívida externa e do esgotamento do desenvolvimento econômico por substituição de importações; os anos 1990, em um contexto de abertura comercial, reestruturação produtiva e baixo crescimento, foram de grande deterioração do mercado de trabalho, com elevação acentuada do desemprego e uma quase ausência de geração de emprego com carteira de trabalho assinada - tal processo foi reconhecido como de precarização do mercado de trabalho; já os anos 2000

foram de retomada do movimento de estruturação do mercado de trabalho, com um desempenho muito melhor em termos de geração de emprego formal e com uma importante redução da incidência do desemprego.

IHU On-Line - Qual o desempenho dos setores primário, secundário e terciário no estado nesse período?

Raul Luís Assumpção Bastos - O desempenho do setor primário foi predominantemente negativo ao longo de todo período enfocado, com redução absoluta do número de ocupados e perda de participação relativa no estoque total de ocupados do Rio Grande do Sul. Não obstante, é importante ter presente que, ao final do período analisado, o setor primário ainda detinha cerca de 24,0% da ocupação total, o que confere uma im-

portância para a este setor na estrutura ocupacional totalmente distinta daquela existente nos países desenvolvidos, nos quais é ínfima a ocupação do setor.

O setor secundário evidenciou moderado ritmo de crescimento da ocupação nos anos 1980. Mas nos anos 1990 teve um desempenho negativo, particularmente na indústria de transformação, com redução absoluta de postos de trabalho; já nos anos 2000, ele retomou a sua capacidade de expansão do nível ocupacional, pelo menos até o ano final coberto pelo estudo, que foi o de 2007. Neste último ano, o setor secundário havia atingido 26,9% da ocupação total do estado, superando o setor primário.

Quanto ao setor terciário, ele apresentou um desempenho positivo do nível ocupacional nos anos 1980. Nos anos

“O mercado de trabalho gaúcho retomou o movimento de estruturação nos anos 2000. Entretanto, ainda sim, trata-se de um mercado de trabalho que pode ser caracterizado como heterogêneo”

1990, ocorreu uma redução do ritmo de absorção de mão de obra pelo setor, ainda que não com a mesma intensidade verificada nos outros dois grandes setores. Nos anos 2000, houve uma retomada da sua capacidade de geração de oportunidades ocupacionais. Com base nesses movimentos, em 2007 ele representava cerca de 49,0% da ocupação total do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Que aspectos foram responsáveis pela estagnação do emprego no estado?

Raul Luís Assumpção Bastos - A estagnação do emprego propriamente dita ocorreu nos anos 1990. Ela deveu-se a uma conjugação de fatores: abertura comercial, reestruturação produtiva e baixo ritmo de crescimento econômico. Esses fatores implicaram estagnação da capacidade de geração de oportunidades ocupacionais no estado e uma importante elevação do desemprego. De acordo com diversos estudos, houve, neste período, um processo de precarização do mercado de trabalho do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Que fatores favoreceram a retomada do movimento de estruturação do mercado de trabalho gaúcho a partir dos anos 2000?

Raul Luís Assumpção Bastos - O estudo se estendeu até o ano de 2007, não compreendendo o período da crise econômica que ocorreu a partir do último trimestre de 2008. Neste sentido, a melhora no mercado de trabalho esteve associada a uma *performance* macroeconômica mais favorável nos anos 2000, que trouxe consigo expansão do emprego com registros formais e redução do desemprego. Iniciativas em termos de regulação das relações de trabalho, como o aumento da fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego e a criação de uma jurisprudência relativa à formalização dos contratos de trabalho em firmas terceirizadas, também jogaram a favor do processo de melhora da qualidade do

emprego. A própria retomada da geração de emprego na indústria de transformação, que se constitui em uma atividade que se caracteriza por maior formalização das relações de trabalho, é também um fator explicativo do desempenho positivo do emprego com carteira de trabalho assinada na economia do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - A partir da análise do emprego no Rio Grande do Sul nos últimos 30 anos, que avaliação é possível fazer em relação ao mercado de trabalho atualmente? Como se caracteriza o mercado de trabalho gaúcho?

Raul Luís Assumpção Bastos - O mercado de trabalho gaúcho retomou o movimento de estruturação nos anos 2000. Entretanto, ainda sim, trata-se de um mercado de trabalho que pode ser caracterizado como heterogêneo, pois nele continua sendo expressiva a proporção de ocupados (cerca de 50,0% em 2007) que não corresponde ao emprego com carteira de trabalho assinada, que é a forma de inserção na estrutura ocupacional de melhor qualidade, pois a posse da carteira de trabalho dá acesso ao sistema de proteção social.

IHU On-Line - Quais os avanços e os desafios no que se refere ao mercado de trabalho gaúcho?

Raul Luís Assumpção Bastos - Os aspectos mais positivos dos anos 2000 foram a retomada da geração de emprego formal e a redução do desemprego. Os principais desafios que se colocam para o mercado de trabalho gaúcho são a continuidade da expansão do emprego formal, a concomitante queda do desemprego e a redução nas desigualdades de rendimentos. Para este último aspecto tem contribuído a política de recuperação do salário mínimo real implementada no país; no caso específico do Rio Grande do Sul, a existência do salário mínimo regional poderá também reforçar o processo de redução das desigualdades de rendimentos no Estado.

LEIA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO IHU EM
WWW.IHU.UNISINOS.BR



A França “redescobriu” o Brasil?

Como o prestigioso *Le Monde* repercutiu o legado da “era” Lula e sua sucessão

POR AUGUSTO DE SÁ OLIVEIRA*

O atormentado príncipe dinamarquês Hamlet, imortal personagem do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), ao nos afirmar que “há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia”, nos deixou como herança a reflexão de que o campo da incerteza no Universo é muito maior do que podemos imaginar ou admitir. Atualizando suas ideias, talvez possamos afirmar que há mais coisas entre o céu e a terra do que imaginam os homens que realizam grandes negócios em torno de aviões militares, de caças de última geração e preços estratosféricos.

O presidente Lula tem afirmado categoricamente sua opção preferencial pela França, isto é, admitido publicamente que a política desenvolvida pelo Itamaraty na relação bilateral com este país faz parte de uma “aliança estratégica” que pode justificar, inclusive, relegar ao segundo plano, em grandes negócios, aspectos econômicos, tais como preço de equipamentos (caças) em função da centralidade de aspectos políticos. E a França, ou sua mídia impressa de maior destaque, que julgamento faz do Brasil na “era” do presidente Lula? E quais as perspec-

tivas que vislumbra para o país?

Não é tarefa fácil avaliar a herança de um governo de oito anos (dois mandatos sucessivos) em um país de vergonhosa “dívida social” para com os “de baixo”. Imagina-se que o desgaste pelo exercício do poder leve a um final de mandato fraco ou decrépito, tal como aconteceu com o governo FHC. No entanto, que outro dirigente do mundo pode se vangloriar de deixar o poder com uma taxa de aprovação de 80%, pergunta Martine Jacob, uma das organizadoras da edição especial, em editorial.

O ex-governador Brizola (RS/RJ) costumava dizer que o Brasil é um gigante, mas estava ajoelhado, era preciso levantá-lo. A ideia de que o país é um *géant*, adotada pelo *Le Monde*, especial que traz o título “Brasil: um gigante se impõe”, portanto, não é nova. Nova, talvez, seja a ideia de que esse gigante (mais de 15 vezes maior do que a França) agora se impõe, ponto de vista que defende a publicação. Em aproximadamente 100 páginas, o veículo se propõe a fazer um balanço dos 25 anos de democracia no país. Esse balanço é amplamente positivo, como afirma a própria publicação, e

* Professor do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e Propaganda & Marketing, da Faculdade 2 de Julho (F2J/Bahia), membro do CEPOS, mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PPGCCC) pela Faculdade de Comunicação (Facom) e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), ambos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). No momento, o autor encontra-se realizando pesquisa junto à Universidade de Strasbourg (França) com bolsa da CAPES e apoio da Faculdade 2 de Julho. E-mail: augusto.sa2009@yahoo.com.br

em particular em relação a Lula. Ele é a figura central deste documento que analisa a diplomacia, a política, a economia, a sociedade, enfim, uma viagem por um “país-continente”. As ideias do presidente Lula são apresentadas em artigo, sob a forma de um abecedário, cujo título é atribuído a ele: “Nenhum ator social foi excluído: eis a minha herança”.

Temas espinhosos, tais como a violência urbana e a dobradinha nepotismo-clientelismo, ficam por conta, respectivamente, do historiador brasileiro Luiz F. de Alencastro e do cientista político Alain Rouquié, ex-embaixador da França no Brasil.

As principais cidades brasileiras são tratadas especificamente: SP, RJ, Salvador, Porto Alegre, Belém. A revista recupera um texto de Jorge Amado, de 1980, um relato sobre Salvador, a *Rome noir*, cidade-mãe do Brasil, terra de mistérios, vindos das noites de baticum nos terreiros de candomblé, conforme o escritor baiano. Porto Alegre é lembrada como o lugar onde se sonha outro mundo.

Uma das últimas entrevistas do etnólogo francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009), dada ao *Le Monde* em 2005, é reproduzida, relatando porque a estadia no Brasil dos anos 1930 marcou sua vida.

Questões delicadas da política internacional, como a união regional, a parceria militar Brasil-França, etc., também são tratadas. Sobre a aliança continental há um artigo de Paulo Pa-

“O presidente Lula tem afirmado categoricamente sua opção preferencial pela França, isto é, admitido publicamente que a política desenvolvida pelo Itamaraty na relação bilateral com este país faz parte de uma ‘aliança estratégica’”

ranaguá, brasileiro radicado na França, em que autor afirma que o Brasil se recusa a assumir uma verdadeira liderança na América Latina para não ferir suscetibilidades da Argentina, México ou dos pequenos países. De acordo com o autor, a verdadeira razão seria o fato de que Brasília não pensa sua prosperidade econômica como dependente da dos seus vizinhos. Acho as ideias de Paranaguá fora de lugar e época. Prefiro a ideia de que, como afirma o periódico espanhol *El País*, a América Latina marcha sob a liderança suave de Brasília.

A parceria econômica e militar

Brasil-França é tratada em artigo específico que começa afirmando que o país, gigante e líder natural da América Latina, não possui Forças Armadas modernas à altura de proteger suas fronteiras e grandes riquezas naturais e, como um grande ator mundial, não possui um instrumento digno de ser capaz de dissuasão. A questão de fundo é a compra, pelo Brasil, de 36 aeronaves de combate: restam na disputa o *Rafale*, da Dassault Aviation francesa, o *F-18 Super Hornet*, da Boeing norte-americana, e o *Gripen*, da Saab sueca. A publicação lembra que a França aguarda confiante a decisão de Lula, pois o país aceita transferir sua tecnologia ao Brasil. Eles estariam satisfeitos em contribuir para reforçar um país democrático com quem compartilham uma longa fronteira terrestre na Guiana Francesa, afirma a revista.

Para finalizar, sua opinião sobre a “parceria estratégica” firmada entre os presidentes Sarkozy e Lula, cita uma fonte diplomática não identificada que afirma ser o acordo do tipo “ganha, ganha”.

Como conclusão, avalio que o *Le Monde* se não chega a ser elogioso em demasia, neste número especial; é bastante favorável, muito simpático à redemocratização do país, à herança política do governo Lula e às nossas perspectivas no mundo contemporâneo. O motivo deste ponto de vista tão favorável seriam os grandes interesses comerciais franceses na relação com o Brasil? *Peut être!*



5º Seminário de Pesquisa CEPOS

Economia Política da Comunicação: convergência digital tecnológica e inclusão digital

3 de dezembro das 08:30 às 20h
No Auditório Padre Pedro Pinto
Unisinos - São Leopoldo - RS
- Evento gratuito -

Inscrição pelo site www.unisinos.br/eventos
ou pela central de relacionamento da Unisinos
Fone : 3591-1100 ramal 1356

Os participantes ganharão certificado
valendo horas complementares.
Informações: www.grupocepos.net



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 13-12-2010 a 18-12-2010.

O Pampa padece com a silvicultura

Entrevista com Maria Conceição Carrion, assessora técnica da ONG Núcleo Amigos da Terra

Confira nas Notícias do Dia 13-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/30xP1>

Maria Conceição Carrion comenta o Dossiê sobre o processo de implantação e expansão da silvicultura no Rio Grande do Sul, no período de 2004 a 2009. É categórica: “Os danos socioambientais da silvicultura são incontáveis, portanto”.

Quando o óleo usado vira prêmio.

Entrevista com Feliciane Brehm, professora no PPG em Engenharia Civil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos

Confira nas Notícias do Dia 14-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/30yhT>

A professora Feliciane Brehm comenta o projeto de reciclagem de óleo de cozinha, desenvolvido em parceria com a universidade e mulheres do grupo Mundo Mais Limpo. O projeto recebeu o prêmio de 40 mil reais do 12º Banco Real Universidade Solidária.

COP-16: ‘É preciso mudar o sistema e não o clima’

Entrevista especial com Ivo Poletto, assessor de pastorais e movimentos sociais

Confira nas Notícias do Dia 15-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/30ynq>

Ao retornar ao Brasil, depois de participar da 16ª Conferência do Clima, que ocorreu em Cancún, Ivo Poletto menciona que o encontro foi melhor do que o ocorrido no ano passado em Copenhague. “No evento em que se tratou da mis-

éria, escutamos os companheiros dos vários países. Estes narraram os eventos extremos das mudanças climáticas em seus países”, comenta.

Política econômica integrada. A proposta de Dilma Rousseff

Entrevista com Amir Khair, economista

Confira nas Notícias do Dia 16-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/30yzf>

Khair comenta a nova equipe econômica proposta pela presidente eleita, Dilma Rousseff e afirma que ela tentará conter a inflação e conduzir a política econômica de forma “concatenada”.

Frutas nativas no RS. A produção e os desafios das monoculturas

Entrevista com Paulo Brack, biólogo

Confira nas Notícias do Dia 17-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/30yld>

Pesquisas recentes, associadas às feiras de produtos agroecológicos, mostram a importância das frutas nativas do Rio Grande do Sul. Segundo o biólogo Paulo Brack, o principal desafio para os produtores é enquadrar seus produtos junto ao Ministério da Agricultura.

Uma nova chance para a TVE do RS

Entrevista com Pedro Osório, presidente da Fundação Cultural Piratini

Confira nas Notícias do Dia 18-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/34tOH>

Creio que os governos dos últimos anos optaram por não investir em radiodifusão pública. Havia neste último governo um desejo manifesto de forma clara, algumas vezes; e outras, implícita de extinguir, inclusive, a Fundação Cultural Piratini”, descreve Pedro Osório.

**Leia a Entrevista do Dia
em www.ihu.unisinos.br**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



The image shows a screenshot of a Twitter profile page for the account @ihu. The header features the Twitter logo and the text 'twitter' in blue. Below the header, the profile picture is a stylized orange and white logo, and the name is '_ihu'. A tweet is displayed with the text: "That's you!". Below this, a tweet from the user reads: "Não só a produtividade aumentou, mas sinto que os funcionários estão mais dispostos também", afirma empresário. <http://bit.ly/d9uneB>. The tweet is timestamped "27 minutes ago via web". Below the tweet, there is a link to an article: "Redução da jornada de trabalho: Experiência que deu certo, diz empresário. <http://bit.ly/d9uneB>" with the same timestamp. At the bottom, another link is visible: "Um total de 47,8 mil metalúrgicos paulistas pode entrar em greve nesta semana, a partir de quarta-feira. <http://bit.ly/drEFUU>".

http://twitt

Profile Find People Settings Help Sign out

Name IHU

Location São Leopoldo

Web <http://www.ihu.un...>

Bio O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...

260 following
1,047 followers
115 listed

Tweets 5,641

Favorites

Lists

[blogs](#)

[educa-o](#)

[parceiros](#)

[contatos](#)

[equipe-ihu](#)

[organiza-es](#)

[View all](#)

er.com/_ihu

IHU Repórter

Denise Zaffari

POR RAFAELA KLEY E MÁRCIA JUNGES

Na hora de escolher a profissão que queria seguir, Denise Zaffari sabia exatamente o que não queria cursar - qualquer coisa ligada à área de ciências exatas. A inclinação para as humanidades ou ainda para a saúde fez com que desistisse de ser jornalista para se tornar nutricionista, profissão que desempenha com verdadeira paixão e dedicação. Professora do curso de Nutrição Clínica da Unisinos, o mais antigo do estado, Denise atua em várias outras frentes na universidade. Ciente de que terá que fazer escolhas em função de suas inúmeras demandas, ela está prestes a concluir seu doutorado na área de cardiologia. Nesta entrevista, a professora dá detalhes sobre como lutou para realizar seus sonhos, e o quanto continua se empenhando para tornar realidade aqueles que continua tendo. Mãe da menina Raquel, de 11 anos, e casada com o médico Alexandre Losekann, ela conta um pouco mais de sua trajetória neste IHU Repórter. Confira a entrevista.

Origens - Sou natural de Porto Alegre. Nasci em 1960 e sou a filha mais velha. Tenho um irmão de 40 anos, chamado Alexandre. Minha mãe Neida estudou, como todas as moças urbanas daquela época, no Instituto de Educação de Porto Alegre. Já meu pai, Etelvino, de origem italiana, veio de Erechim, mais precisamente de São Valentim. Nasceu na colônia e trabalhou na roça. Chegou a Porto Alegre aos 16 anos para estudar. Foi então que meus pais se conheceram.

Infância - Tenho lembranças interessantes dessa infância bastante urbana. Nas férias íamos para Erechim e, nesses momentos, eu convivia com o Nono e a Nona. Lembro muito da casa dos meus avós, com toda uma cultura italiana, comendo agnolini, grostoli, falando e ouvindo o dialeto. Os meus avós maternos moravam em de Porto Alegre e, pensando neles, algumas coisas interessantes também ficaram na minha memória. Meu avô materno se chamava Boaventura Firmiano da Silva Filho, o conhecidíssimo Enfermeiro Ventura, que atuava na antiga Assistência Pública de Porto Alegre, atual Hospital de Pronto Socorro. Em Porto Alegre existe uma rua no Bairro Vila Nova com o nome dele. Recordo das histórias que ele contava. Cresci convivendo muito com meus avós maternos. Minha avó,

Mirandolina, também gostava de contar estórias. Criei a Raquel, hoje com 11 anos, cantando todas as cantigas de ninar e contando todas as histórias que eu ouvia quando pequena.

Família - Sou casada desde 1996. Meu marido, Alexandre Losekann, natural de Porto Alegre, é médico nefrologista, trabalha na área de transplante renal da Santa Casa de Porto Alegre. Ele também é professor da Faculdade de Medicina da PUCRS. Somos, portanto, uma família de professores universitários. Ele está fazendo doutorado no momento, na área de hepatologia na UFSCPA. Eu também estou fazendo doutorado, na área de cardiologia, no Instituto de Cardiologia. Digamos que temos uma “vida doméstica acadêmica”. Tanto eu como o Alexandre, infelizmente, não falamos os idiomas italiano e alemão que, no caso do Alexandre, era falado diariamente pelos seus pais. Temos uma filha, a Raquel, estudante do Colégio Anchieta. Ela participou da escolha dessa escola, cuja formação jesuíta nos agrada muito.

Estudos - Toda a minha formação educacional foi feita em escola pública. Hoje, infelizmente, isso quase não acontece mais. Só fui para o ensino privado na época da graduação, quando me tornei estudante da Unisinos.

Nutrição - Como todo adolescente da

época fiz, junto com o terceiro anos do ensino médio, o Cursinho Pré Vestibular Mauá, mas não passei no vestibular da UFRGS. Foi até bom, porque na época eu não sabia muito bem o que queria. Eu só sabia o que não queria cursar: nenhum curso ligado à área de ciências exatas. Hoje, revendo a minha trajetória, eu poderia ter estudado qualquer coisa ligada às ciências humanas ou da saúde. Pensei, na época, que poderia ser enfermeira, jornalista, relações públicas, advogada, menos nutricionista. Resolvi fazer vestibular na Unisinos para jornalismo. Em 1978/1 fiz o básico que ainda existia naquela época. Era uma espécie de nivelamento de conhecimentos. Um dia, vi umas meninas andando pelo campus com pastas nas quais estava escrito “Nutrição”. Fiquei pensando o que seria isso. Olhei o currículo do curso e achei muito interessante. Fui conversar com a então coordenadora do curso, Professora Beatriz Bocacius. Ela contou-me o que fazia um nutricionista e fiquei fascinada. Naquele primeiro momento enxerguei-me como nutricionista clínica, trabalhando num hospital. Ela deu-me nomes de pessoas que eu poderia procurar para ter mais informações. Foi assim que cheguei às coordenadoras dos serviços de nutrição do Hospital Moinhos de Vento e do Hospital de Clínicas. Conversei com ambas, que me apresentaram as atividades desenvolvidas nas instituições. Fi-

quei completamente encantada e decidi ser nutricionista.

Estágios - Formei-me em 1982. Durante toda a faculdade, bata-lhei por estágios. Atuei em Escolas de Educação Infantil da Prefeitura de Porto Alegre, especificamente na merenda escolar; trabalhei na antiga FEBEM como estagiária. Os estágios curriculares de produção de alimentos, nutrição e desenvolvimento humano e nutrição terapêutica realizei no Posto de Saúde da Vila Farrapos em Porto Alegre e na Santa Casa de Porto Alegre, respectivamente. A Santa Casa, nesta época, estava no auge de suas dificuldades financeiras. Terminado o estágio curricular, fiquei ainda mais um tempo na Santa Casa como voluntária pois me identifiquei muito com o trabalho e comecei a sonhar em ser nutricionista da Santa Casa algum dia.

20 anos de Santa Casa - Foi então que consegui um trabalho no Hospital Belém, em Belém Velho. Tornei-me nutricionista dessa instituição, como voluntária. Atuei assim alguns meses e sempre pensava em voltar para a Santa Casa, o meu sonho profissional. Fui chamada a participar de uma seleção e fui admitida como nutricionista em dezembro de 1983. Lá fiquei por 20 anos. Aprendi muito na Santa Casa; lá foi o local onde aprendi a ser efetivamente nutricionista e tive o privilégio de vivenciar praticamente todas as atividades ligadas à nutrição como gestão, clínica, produção de alimentos, saúde coletiva, etc... Tenho muito orgulho e me sinto grata por ter podido vivenciar todas essas experiências. Nos últimos 8 anos na Santa Casa exerci o cargo de Supervisora Técnica da área de nutrição clínica dos sete hospitais da rede. Participei, juntamente com a equipe da área de nutrição, da reconstrução da Santa Casa que sofreu uma guinada positiva de 180 graus.

Mestrado e doutorado - Fiz mestrado na área das ciências cardiovasculares na UFRGS, ainda enquanto funcionária da Santa Casa. Eu queria muito ser profes-

sora, embora eu soubesse que, deixar a Santa Casa, seria muito difícil. Em 2003 participei de uma seleção para professor do curso de Nutrição da UNISINOS; passei na seleção e então pedi demissão da Santa Casa com o objetivo de desbravar outros horizontes. No meu doutorado, no Instituto de Cardiologia, faço parte de um grupo de pesquisa que estuda os efeitos do chá verde e do chimarrão na melhora da função endotelial, ou seja, estudamos os possíveis benefícios destas bebidas na prevenção da aterosclerose. Não temos ainda resultados da minha pesquisa, embora na literatura já existam alguns estudos evidenciando o poder antioxidante destes chás.

Unisinos -Em 2003 iniciei minha carreira como professora do curso de Nutrição da Unisinos. Atualmente leciono para as turmas de 6º e 8º semestres do curso. Componho, junto com a Professora Regina Alcântara, a comissão de coordenação do Curso de Especialização em Nutrição Clínica; sou professora do Projeto Social de Assistência Ampliada à Saúde (PAAS); coordeno o Projeto Social Banco de Alimentos/ UNISINOS/FIERGS e, neste semestre, estou assumindo outro desafio que é, juntamente com as professoras Luciana Teichmann e Vera Lúcia Bertinatto, coordenar o Curso de Gastronomia da nossa Universidade. São muitas as frentes de trabalho e circular em várias instâncias me faz conhecer melhor a Universidade que, aliás, abre muitas oportunidades de trabalho aos seus professores. Sei também que, para o ano de 2011, novamente terei que fazer escolhas na UNISINOS por conta de que, por estar iniciando em uma nova atividade de coordenação de curso torna-se necessário um aprendizado do processo e uma dedicação maior em termos de carga horária.

Lazer - Penso que se trabalha demais, então o lazer precisa sempre ser “perseguido”. Gosto de cinema e leitura. Eu, meu marido e minha filha amamos viajar.

Religião -Tenho formação católi-

ca de família, mas não sou, digamos assim, uma praticante fervorosa. Vou à missa com minha filha em alguns domingos na capela do Colégio Anchieta. Temos uma filha e acreditamos que é importante para ela ter um referencial religioso. Mais tarde ela irá escolher qual religião irá seguir.

Sonhos -Terminar o doutorado é um deles. Também quero ver a Raquel encaminhada na vida do ponto de vista de formação de valores, ética, e profissionalmente. Cada final de semestre vejo vários sonhos realizados, pois amo ser professora. Ver os alunos aprendendo e indo para o mundo do trabalho é realizar um sonho a cada semestre. Além disso, meu marido e eu temos a ideia de morarmos em Canela, Nova Petrópolis, algum lugar menos tumultuado quando nos aposentarmos.

Unisinos -Sou filha da Unisinos. Vejo a universidade com um potencial enorme de crescimento a cada semestre, algo que tem se concretizado ao longo dos anos. Já dei aula em outra universidade e ser professora aqui é completamente diferente. A Unisinos é de vanguarda. Temos autonomia para trabalhar e inovar e isso é estimulante. A formação que passamos para os alunos é de alta qualidade. Temos, além de um forte currículo técnico, os valores do humanismo social cristão, que também são oferecidos. A solidariedade, o respeito às diferenças são fundamentais na formação dos alunos. A expansão da Unisinos para outros campus é igualmente importante. Tive a oportunidade de escolher ficar em outra universidade ou aqui e optei pela Unisinos.

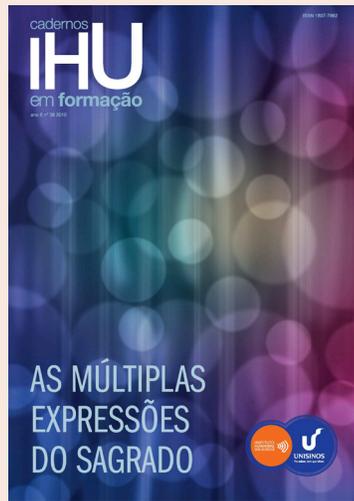
IHU - É algo surpreendente dentro da Unisinos. Pude conhecê-lo melhor no início do semestre, quando participei do planejamento estratégico dos órgãos suplementares da reitoria. O IHU é ainda pouco conhecido na Unisinos. É um potencial cultural formidável e congrega grande parte da intelectualidade da nossa instituição.

Destaques

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



REVISTA IHU ON-LINE NÚMERO 353
UBUNTU. "EU SOU PORQUE NÓS SOMOS"



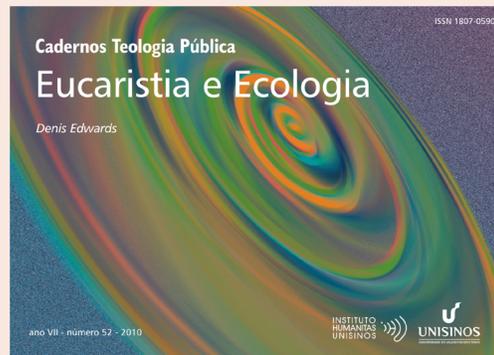
CADERNOS IHU EM FORMAÇÃO
AS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES DO SAGRADO



CADERNOS IHU
GLOBALIZAÇÃO MISSIONEIRA: A MEMÓRIA ENTRE A
EUROPA, A ÁSIA E AS AMÉRICAS
DRA. ANA LUÍSA JANEIRA



CADERNOS IHU IDEIAS Nº 144
INCLUSÃO E BIOPOLÍTICA
DRA. MAURA CORCINI



CADERNO TEOLOGIA PÚBLICA Nº 52
EUCARISTIA E ECOLOGIA
DENIS EDWARDS

O MATERIAL ESTÁ DISPONÍVEL NA PÁGINA ELETRÔNICA
DO IHU ([WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://www.ihu.unisinos.br))

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:



IHU Contracapa

UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS